



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS II - ALAGOINHAS/BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CRÍTICA CULTURAL**

**TAÍSE ALVES MOREIRA**

**O ESPECTRO DA LITERATURA E AS RELAÇÕES  
IDENTITÁRIAS NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS**

**Alagoinhas/BA  
26 de março de 2015**

**TAÍSE ALVES MOREIRA**

**O ESPECTRO DA LITERATURA E AS RELAÇÕES  
IDENTITÁRIAS NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural do Departamento de Educação – DEDC II da UNEB como requisito à obtenção do título de mestre em Crítica Cultural.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Felix

Alagoinhas/BA  
26 de março de 2015

## FICHA CATALOGRÁFICA

M835e Moreira, Taíse Alves.

O espectro da literatura e as relações identitárias nas redes sociais virtuais./ Taíse Alves Moreira. – Alagoinhas, 2015.  
110f; il.

Dissertação – (Mestrado em Crítica Cultura) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Colegiado de Letras. Campus II

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. José Carlos Felix.

1. Literatura e tecnologia. 2. Comunicação de massa e literatura. 3. Comunicações digitais. 4. Redes sociais on-line. I. Felix, José Carlos. II. Universidade do Estado da Bahia. III. Título

CDD 302.23

# O ESPECTRO DA LITERATURA E AS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS

**TAÍSE ALVES MOREIRA**

Esta dissertação foi julgada para obtenção do título Mestre em Crítica Cultural. Área de concentração em Letras e aprovada em sua forma final pelo curso de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus II.

---

Prof. Dr. José Carlos Felix  
Orientador

---

Profa. Dra. Edil Silva Costa  
Coordenadora do Pós-Crítica

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Carlos Felix (UNEB)  
Presidente da Banca

---

Profa. Dra. Mauren Pavão Przybylski (UNEB)  
Examinador interno

---

Prof. Dr. Charles Albuquerque Ponte (UERN)  
Examinador externo

SUPLENTES

---

Prof. Dr. Washington Luis Lima Drummond (UNEB)

---

Prof. Dr. Fernando Gigante Ferraz (UFBA)

Dedico esse trabalho a aqueles que um dia me disseram: “Você é capaz de recomeçar”. Aos meus pais Valnice e Almiro e ao meu irmão Leonardo, todo o meu orgulho e gratidão por sempre estarem ao meu lado. Minha pequena família é o meu maior motivo para enfrentar e ultrapassar as barreiras que a vida me apresenta. Sem eles, esse trabalho em especial, não teria se concretizado.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar agradecer a Deus pela vida, pela coragem e pela fé de não desistir diante de todas as dificuldades que encontrei durante esses anos.

A UNEB, ao Pós-Crítica e aos professores desse programa pelo importante trabalho que realizam nesse espaço, no campus II – Alagoinhas.

E, ao meu orientador, José Carlos Felix por todo empenho, pelo carinho, e porque não dizer por todos os “puxões de orelha” que fizeram com que eu pudesse perceber os meus erros. Esse ato, para mim, foi tudo o que eu sempre esperei de um professor, de um orientador, de um amigo! Hoje sei que boa parte do que eu me tornei enquanto profissional da área que escolhi seguir é resultado do que aprendi nesses poucos mais inesquecíveis meses de convívio.

“Escrevo porque encontro nisso um prazer que não consigo traduzir. Não sou pretensiosa. Escrevo para mim, para que eu sinta a minha alma falando e cantando, às vezes chorando [...] Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada. Porque no fundo a gente não está querendo alterar as coisas. A gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro...”

Clarice Lispector (trecho do livro *A paixão segundo G.H.*)

## RESUMO

A presente pesquisa tem como propósito examinar o fenômeno das imagens nas redes sociais virtuais como forma de construção identitária de seus usuários. A fim de investigar esse fenômeno, a pesquisa parte da tese de que, na sociedade contemporânea, são as imagens, particularmente as vinculadas em redes sociais, que se tornaram meios de formação de identidade – função outrora ocupada pela literatura. Nesse sentido, observa-se que, no ciberespaço, a própria noção de literatura e literário sofrem um constante processo de resignificação ao fragmentar-se e converter-se em um elemento fundamental na composição das imagens técnicas. Nessa conjuntura, destaca-se que as classificações atribuídas à literatura canônica já não são mais encontradas em sua totalidade nesses fragmentos, embora sua função na construção de uma certa forma de identidade(s) ainda permaneça. Logo, a motivação que estimula os usuários a consumirem esse tipo de produto imagético estaria naquilo que se pode denominar de espectro ou aura que emana da escrita literária por meio das imagens técnicas, mesmo que esta última tenha sido manipulada para ajustar-se à ordem das redes sociais virtuais tecnológicas. Consequentemente, o fenômeno da autoexposição, por meio do consumo desse tipo de imagem, engendra uma maneira de construção de identidades que será examinado a partir de observações na notória interface chamada Facebook. A proposta teórica é dialogar com alguns autores como Jameson (1996), Flusser (1985 e 2008), Benjamin (1987), Foucault (1979), Eagleton (2006), Bauman (2005 e 2008) dentre outros, uma vez que o pensamento crítico desenvolvido por esses teóricos auxilia na compreensão desse fenômeno notadamente contemporâneo.

**Palavras-chave:** consumo; espectro; identidade; imagens técnicas; literatura.

## ABSTRACT

The main purpose of this research is to investigate the phenomenon of images on social networks as a way of constructing the identity of its users. In order to scrutinize such phenomenon the research states that, in contemporary society, it is through the images, particularly those currently disseminated on social networks, that identities are established – a function once restrained to literature. In this sense, it is imperative to observe that, within the cyberspace, the notion of both literature and literary are subject to an ongoing process of mutability by fragmenting its boundaries and functions inasmuch as it is also converting into a fundamental element in the process of technical image composition. In addition to that, it is imperative to highlight that the categorizations attributed to the canonical literature are no longer found in its fullness in these visual fragments though its function regarding identities construction in a certain way still lingers. Thus, the urge that motivates the users to consume such type of visual product would be in something that one could regard as a spectre or aura that emanates from literary works but now mediated by technical images in though such have been manipulated in order to adjust the demands of social networks. As a result, the phenomenon of self-exposition, so common through this type of image engenders a way of constructing identities that in this research is study from the observations of the well-known interface Facebook. The theoretical background aims to dialogue with critics such as Jameson (1996), Flusser (1985/2008), Benjamin (1987), Foucault (1979), Eagleton (2006), Bauman (2005/2008) among others, as the critical thought of such proposed by such scholars will help to cast some light upon such complex phenomenon.

**Key words:** consumerism, spectre, identity, technical images, literature.

## LISTA DE IMAGENS

|   |            |
|---|------------|
| <b>IMAGEM 01: Exemplos de imagens técnicas produzidas com frases e imagens voltadas para a diversão / reflexão.....</b> | <b>27</b>  |
| <b>IMAGEM 02: Exemplos de imagens técnicas produzidas apenas por imagens.....</b>                                       | <b>28</b>  |
| <b>IMAGEM 03: Exemplos de imagens técnicas produzidas com textos de autores canônicos.....</b>                          | <b>30</b>  |
| <b>IMAGEM 04: Preenchimento do banco de dados.....</b>  | <b>33</b>  |
| <b>IMAGEM 05: Preenchimento da descrição do usuário.....</b>  | <b>34</b>  |
| <b>IMAGEM 06: O perfil social.....</b>  | <b>35</b>  |
| <b>IMAGEM 07: A função curtir e a compartilhar.....</b>   | <b>43</b>  |
| <b>IMAGEM 08: Imagem técnica de Taíse Alves.....</b>  | <b>107</b> |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO.....   | 11        |
| <b>1 COMO A HISTÓRIA DA PESQUISA COMEÇOU E A TRANSFORMAÇÃO EM UM PROJETO DE PESQUISA.....</b>                               | <b>19</b> |
| 1.1 AFINAL, DE QUAIS IMAGENS TÉCNICAS ESTOU FALANDO? E COMO SÃO ENCONTRADAS NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS?.....                | 24        |
| 1.1.1 O porquê do <i>Facebook</i> como o ponto de partida.....  | 36        |
| 1.2 OUTRAS NOMENCLATURAS, VELHAS CONCEITUAÇÕES POR MEIO DO "CURTIR" E DO "COMPARTILHAR": UMA NOVA FORMA DE ALIENAÇÃO? ..... | 40        |
| <b>2 UM “OUTRO” LOCAL SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE: O CIBERESPAÇO.....</b>   | <b>51</b> |
| 2.1 RELAÇÕES SOCIAIS E REDES SOCIAIS VIRTUAIS: UMA TRANSIÇÃO CONTEMPORÂNEA.....   | 58        |
| 2.2 A REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA QUE FOMENTA AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS.....  | 64        |
| 2.2.1 A relação existente entre o consumo, os dispositivos e os aparelhos nas redes sociais virtuais.....                   | 69        |
| <b>3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS FUNÇÕES ADOTADAS PELA LITERATURA DO SÉCULO XVIII ATÉ A CONTEMPORANEIDADE.....</b>       | <b>75</b> |
| 3.1 OS DESDOBRAMENTOS OCACIONADOS PELAS “FUNÇÕES” ABARCADAS PELA LITERATURA NA CONTEMPORANEIDADE.....                       | 84        |
| 3.2 A LITERATURA E SUAS PROBLEMATIZAÇÕES POSSIBILITANDO FORMAÇÕES IDENTITÁRIAS.....   | 88        |
| 3.3 AS IMAGENS TÉCNICAS, A LITERATURA E OS USUÁRIOS: A CONEXÃO FINAL.....   | 94        |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 101       |

|                         |            |
|-------------------------|------------|
| <b>REFERÊNCIAS.....</b> | <b>108</b> |
|-------------------------|------------|

## INTRODUÇÃO

A concepção de que estudar fenômenos e dispositivos que modificam e afetam constantemente ações e/ou comportamentos dos sujeitos pode não ter tanta relevância para alguns estudiosos, pois, na mesma velocidade em que tais fenômenos surgem, também podem entrar em desuso. Quando os recursos tecnológicos estão atrelados a esses pontos, essa assertiva ganha um fortalecimento ainda maior, dado que, a cada instante, “novidades” são apresentadas como fundamentais para a vida cotidiana sem as quais suas relações sociais estariam fadadas a certa desatualização (ou, como é comum, ouvirmos estaríamos “fora do sistema” ou “fora da nova ordem mundial”). Todavia, o fenômeno das redes sociais pautado massivamente no uso dos recursos tecnológicos, nos últimos quinze anos (desde quando houve a proliferação dos computadores pessoais e da internet gratuita no Brasil), estaria (trans)formando as possibilidades de configuração identitária dos sujeitos contemporâneos. O que observo é que estes recorrem a virtualidade dos perfis sociais e emulam experiências ou fenômenos vivenciados e circunscritos à sociedade “real”. Logo, mesmo que modismos apareçam, as comunidades cresçam, as redes sociais se reinventem e troquem de nome e de *layout*, devido a quase infinitas possibilidades de manipulação dos sistemas, o que coloco como válido para esse estudo preliminar é que, na maioria dos casos, o fator humano está presente e cada vez mais absorvido pelos recursos citados; como se de fato a vida cidadina dependesse da utilização deles – o que seria um ponto de reflexão para o debate sobre a problemática e não mais, uma perda de tempo.

Com o conhecimento de que já existiam desde o início do século XX outros aparatos tecnológicos semelhantes na história, como a imprensa (jornais, revistas e livros), a fotografia, o cinema, a televisão e o próprio computador, ratifico que a proliferação virótica de imagens propiciadas pela internet endossou a ideia de aproximação virtual de corpos distanciados territorialmente (situação também presenciada por outras artes audiovisuais, como o próprio cinema). Vista quase como uma mudança diaspórica, que possibilitou a travessia de mares e de terras distantes para aproximar homens e mulheres à milhas de distância, em qualquer ponto do mundo, sem sair do próprio lugar, mantendo e até melhorando o processo

de comunicação (sem esquecer-se da troca informacional), a internet se destacou perante outros meios de comunicação ao permitir a manipulação dos objetos por ela criados (ou ainda recriados por meio de um processo de apropriação avassalador) em virtude da possibilidade de materialização dos símbolos compartilhados. Mas, não posso deixar de relatar que esses acontecimentos foram inevitáveis na contemporaneidade, em parte, em decorrência dos altos investimentos realizados na área da tecnologia, muitos desses substanciados por conceituações de que as culturas são compostas pela heterogeneidade, pela fusão, aglutinação ou junção de vários elementos locais ou não, que configuram a imagem daquela comunidade. E logo, a possibilidade de um estudo que permite a observação da montagem de um cenário o qual propicia tais relações desencadeando áreas de deslocamentos, onde nada se apresenta sólido, estável, porém influenciado por diversos discursos seria uma experiência inquestionável, além de, (muito provavelmente), deixar registrado para a história mais um momento de transformações radicais entre o homem e a manipulação das máquinas.

Partindo da premissa de que os estudos culturais na década de 60 ampliaram a defesa da exposição de outros centros como sendo tão importantes quanto aos já conhecidos “valores culturais”, é interessante perceber (ou incluir) o ciberespaço nesse processo rizomático. Isso em virtude de que a virtualidade tecnológica espalha a máxima sobre a qual, nela, todos os discursos encontram um *lócus*, como também estão suscetíveis a várias apreciações. Assim, nessa reviravolta geoespacial, na qual o local e o global, por vezes, se confundem, o homem se transporta para um ambiente que aparentemente, independente de questões biológicas, pode recriá-lo por meio de configurações disponíveis no sistema. A virtualidade dispõe de uma miríade de opções, contendo múltiplas escolhas que permitem a montagem de imagens virtuais de como “somos” ou de como “gostaríamos” de ser, bem como também revela heterogeneidades, homogeneidades e identidades por meio das escolhas expostas entre o público do ciberespaço e os sujeitos contemporâneos.

Desta maneira, compreendo que a exposição de acontecimentos tal como a construção de valores, nesse local, seria uma atualização para os postulados de 1960, no instante em que reafirmo que nesse “mundo” também existem (re)produções de pensamentos ora análogos, ora destoantes com a contemporaneidade. Por exemplo, naquele momento houve uma abertura para os

escritos que não se rotulavam ou não cabiam nas especificações de uma literatura canonicamente aceita. Mas, esses “outros escritos”, contemplaram realidades que não eram retratadas. Entretanto, saliento que o propósito desse estudo foge aos padrões sociais que delimitam o sujeito contemporâneo a partir de características físicas (étnicas), sexistas (homem, mulher, *gay*, trans) tampouco, de questões de fator sócio-econômico (ricos e pobres, trabalhadores e patrões). A internet nesse ponto é aberta, pois concede acesso para aqueles que dispõem de aparelhos. Essa acessibilidade não impõe regras de quem pode ou não participar desse espaço ou, como descrevi acima, em virtude do sujeito pertencer a uma determinada segmentação construída pela sociedade. E, assim, valores culturais vão se disseminando e se resignificando em outros espaços (mesmo naqueles considerados inviáveis para (re)produção de valores, como no caso do ciberespaço).

No instante em que começo a esboçar uma atenção mais direcionada para as comunidades (ou formatações sociais) situadas na virtualidade tecnológica, sistematizadas pelos usuários, consigo extrair um fenômeno que passaria imperceptivelmente aos olhos da crítica, mas que devido às repetições e apropriações visualizadas se torna possível identificar propostas contemporâneas, em meio a tais “modernidades”. Como já relatei, a diferença acentuada da internet, na atualidade, em contraposição aos outros meios de comunicação é que nesse veículo os usuários podem montar e publicar seus pensamentos e discursos. Emerge assim, a proposição que se reporta à formação identitária dos usuários por meio da escolha de produtos produzidos pelos aparelhos que, de alguma forma, transferem valores sociais reconhecidos, anteriormente, pela circulação e consumo de uma literatura respaldada por críticos literários. Coloco como a hipótese inicial que o consumo de produtos virtuais apenas responderia a um anseio mercadológico dos dispositivos presentes em todos os lugares, inclusive nas redes sociais virtuais tecnológicas. Tais dispositivos incitariam, por meio do entretenimento, um consumo demasiado de determinados artigos sob a prerrogativa do “nivelamento social”, mas que encobriria o estímulo ao sucesso da rede social. Logo, por meio do ato da diversão que é um elemento comum a toda e qualquer comunidade (considerando as variações que cada uma pode adotar) se torna possível discorrer sobre esses argumentos que se encontram em menos evidência para a sociedade, mas não para a crítica.

De toda forma, as “linhas do tempo” ou *time line* hoje encontradas e

formuladas nas redes sociais virtuais (e aqui, a rede social escolhida foi o *Facebook*) oportunizariam a produção de identidades, além de caracterizar a sociedade contemporânea fundamentada na construção identitária por meio das fragmentações tanto dos sujeitos quanto dos discursos, passando principalmente, pela reformulação no que concerne à circulação (ou consumo) das narrativas canonicamente defendidas. Diante disso, abordo como objeto dessa pesquisa as imagens aqui denominadas de técnicas constituídas por meio da manipulação proporcionada pela maquinaria tecnológica atual e composta tanto por fragmentos literários de autores canônicos (ou assim respaldados pela crítica literária) como por imagens (fotografias, desenhos, caricaturas...). Dessa união resulta um produto com uma estética contemporânea, livre de engessamentos conceituais (como a crítica literária, por exemplo) e que possibilita a funcionalidade da interface, pois é no ato da exposição dessas imagens que outros usuários podem manipulá-las, compartilhá-las ou curtí-las com outros envolvidos no meio. Já o *corpus* do trabalho fica, então, delimitado às observações de recortes de textos literários canônicos atrelados às imagens e compartilhados nessa rede social formando, assim, as imagens técnicas (FLUSSER, Vilém, 1985). As considerações para a crítica cultural são geradas quando questionamentos são levantados acerca de como esse material pode auxiliar na identificação dos usuários, os quais se apropriam desse conteúdo como meio de apresentação no espaço virtual – algo que provavelmente em um espaço físico não faria/seria possível.

Outro ponto importante que valida a discussão para a pós-crítica diz respeito ao fato de que as reflexões teóricas encontradas ainda não acompanham a velocidade com que as peças do sistema se movem. Essa emergência, que se apresenta para novos escritos sobre os sujeitos contemporâneos, no espaço virtual denominados usuários, também me impulsionou para pesquisa. Noto que pela falta de materiais que retratem a questão (ou melhor dizendo, sobre as formas que se constituem das identidades modernas) se faz importante, também, a contribuição de autores que estão em contato com o momento atual. É a oportunidade de escrever, a partir de experiências próprias, e sem a necessidade de repetições conceituais deslocadas, apenas para preencher pré-requisitos acadêmicos. Desta maneira, coloco como pertinente a observação das composições híbridas compostas por imagens e textos encontrados nos perfis desses usuários de redes sociais. Essa tarefa permite compreender (ou, pelo menos, sair da superficialidade dos discursos)

algumas questões acerca do uso da literatura atrelada a imagens na composição dos perfis sociais virtuais, além de possivelmente desencadear um novo estatuto as imagens e aos textos reproduzíveis, que seria o de formador identitário.

Portanto, para o alcance desse trabalho, a metodologia aplicada tende a observar algumas comunidades que compartilham imagens técnicas de Clarice Lispector e Fernando Pessoa. Algumas das comunidades escolhidas para essa pesquisa foram: Admiradores de Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Apaixonados por imagens, músicas, poemas, versos e poesias, fragmentos literários: papo & prosa, Clarice Lispector e Caio Fernando Abreu, todas localizadas no *Facebook*, mas também a partir de pesquisas realizadas pelo site da *Google* (muito embora não será realizada nenhuma pesquisa sobre a veracidade da titularidade do fragmento tampouco um estudo sobre a obra dos mesmos). Compreendo que por meio desse tipo de material é possível trabalhar conceitos teóricos sobre consumo (CAMPBELL, Colin, 2001), dispositivos (FOUCAULT, Michel, 1979), literatura (EAGLETON, Terry, 2006), sujeitos e usuários, dentre outros que se fazem presentes nesse ambiente, mesmo que ele seja conhecido como um espaço voltado para a distração ou se trate de situações voláteis, impalpáveis e talvez imensuráveis.

Isto posto, a pesquisa é composta por um capítulo introdutório que pretende situar o leitor sobre como se deu a escolha pelo tema da dissertação discorrendo sobre o conceito de imagens técnicas; outros dois capítulos, de cunho teórico, inicialmente, parecem estar centrados em pontos diversos, tais como: a questão dos dispositivos, o consumo de bens valorativos, sobre os desdobramentos atuais derivados da reproduzibilidade técnica e em outra esfera, as funções já atribuídas à literatura; entretanto, terão sua aproximação exposta, posteriormente, nas considerações finais. Em resumo, a intenção é apresentar a virtualidade tecnológica que ampara as redes, visto que isso possibilita a compreensão sobre a qual o consumo de produtos, que também está impregnado nesse meio (muito embora, alguns sujeitos possam discordar desse pensamento), pode esconder os dispositivos ali existentes que por sua vez conduziriam algumas ações exercidas pelos usuários. Do outro lado da questão, tem-se a literatura e algumas funções a ela atribuída ao longo dos séculos, a fim de que houvesse um reordenamento social que propiciaria formações identitárias a partir do consumo de um determinado material (quicá proposto pelos dispositivos via consumo das imagens técnicas). Após o entrelaçamento de ambos os capítulos, o trabalho pretende fornecer ao leitor uma

compreensão sobre o que deriva das apropriações de imagens técnicas que circulam e se articulam na rede. Para tanto, esses argumentos podem promover uma reflexão tanto acerca do ciberespaço como sobre a função da literatura neste local (ou mesmo outra nomenclatura e sentido que esta venha abarcar).

Desta maneira, será no primeiro capítulo que apresentarei o meu objeto de pesquisa – as imagens técnicas e como elas mudaram a minha maneira de perceber as transformações sociais hodiernas, além de demonstrar como os usuários as utilizam nas redes sociais para a composição de suas identidades virtuais. Dialogar sobre duas funções existentes na rede social – o curtir e o compartilhar –, que podem ser compreendidas como um processo de alienação característica de uma sociedade que não questiona as ações que pratica, é um dos propósitos centrais desse capítulo. E, posteriormente, mostrar e fundamentar a escolha pelo aplicativo, *Facebook* como o ambiente virtual no qual serão observadas as produções e reproduções de produtos imagéticos montados a partir de fragmentos literários, como uma forma de constituição simbólica contemporânea.

Descrevendo a trajetória adotada, no segundo capítulo, o objetivo é contextualizar o ambiente virtual promovido pelos aparelhos tecnológicos como um espaço utilizado para a troca de informações e de conhecimentos. Acrescento a essa explicação já amplamente conhecida que, nesse ambiente, também existe a construção de estereótipos substanciados pela arquitetura pré-programada do sistema (e de seus dispositivos), mesmo que defendida sob o discurso da democracia na rede (LÉVY, Pierre, 1999). Entretanto, o ponto principal dessa sessão está na percepção no que se refere às mudanças nas relações sociais a partir da inserção dessas tecnologias, possibilitando, de alguma forma, que situações comumente identificadas na vida cotidiana também sejam encontradas nas relações virtuais. O foco dessa escrita será compreender que as relações de consumo embasam as atividades destinadas a diversão. Aliás, colocando a problemática do consumo (CAMPBELL, 2011) de bens valorativos (BENJAMIN, Walter, 1987) exponho as imagens técnicas oriundas da maquinaria da reprodutibilidade (Idem) como a interseção dessa postura migratória que ratificaria um processo de reificação (JAMESON, Frederic, 1996) que reconheço nesse ambiente; não esquecendo de dialogar sobre alguns conceitos importantes para o texto que são sobre a definição de dispositivos (FOUCAULT, 1979; AGAMBEN, Giorgio, 2009) e de aparelhos (FLUSSER, 1985), além de ressaltar a função de cada um no ciberespaço.

Para o terceiro capítulo, apresento uma reflexão acerca do conceito de literatura. Essa escolha se justifica pelo fato de que desmonto a composição das imagens técnicas e delimito observar apenas aquelas que são compostas por fragmentos de textos literários. Logo, é necessário compreender o que seria esse tipo de escrita. Para isso, optei por uma busca de informações periodizada entre o final do século XVII e início do XVIII até a contemporaneidade. Assim, a sessão se desenvolverá a partir da apresentação de algumas das funções já desempenhadas pela literatura (ou de quem as manipulava) de maneira a tornar possível, a compreensão de que, hoje, a literatura não está mais totalmente presa a estruturas formalistas, mas mantém valores simbólicos (traduzidos como uma sensação de pertencimento) mesmo nessa época de simulacros (BAUDRILLARD, 1981). Para encerrar a sessão, o trabalho se pautará sob a perspectiva de que, o que é encontrado nas imagens técnicas como literatura (que adianto não ser), mesmo (re)adaptada pelos aparelhos e utilizada na virtualidade, ainda resguarda alguns traços, valores e funções do que fora a literatura (EAGLETON, 2006). Estes valores, por sua vez, acabam gerando uma função de possibilitar a construção identitária dos usuários a partir do instante que se apropriam (consomem) delas e as expõem nas *time lines* pessoais.

Posto isso, o que defendo dentro desse contexto é que é imperativo considerar o papel das redes sociais virtuais tecnológicas e dos usuários que vivem a contemporaneidade e que as utilizam constantemente. As relações existentes em ambos os espaços (virtual e presencial) permitem a exposição de práticas, pensamentos e tantas outras situações, a ponto de já ser possível identificar que há uma conexão imbricada entre ambos. Mesmo que as transformações sociais transcorram em uma velocidade quase que alucinante, perceber o papel das simbologias (ou dos valores que são criados em torno de algo), as quais os sujeitos ou usuários se agarram a fim de se definirem enquanto cidadãos contemporâneos se apresenta como uma tarefa fundamental e central a esse trabalho.

Enfatizo que, as relações existentes baseadas em qualquer tipo de exposição (seja oral ou escrita) é o bem mais precioso que todos nós temos. Poder exacerbar as construções mentais, (re)criar modos de fazer com que tais emoções sejam visualizadas por outras pessoas, é inerente ao ser humano. Assim, a possibilidade de discutir sobre um tema enquanto o mesmo está vivo e pulsando na sociedade é um delicioso desafio, mas que requer certo cuidado. Até certo ponto considero, sem

antecipar nenhuma discussão, esse tipo de produto imagético como um fôlego às produções literárias que, apesar de cada vez mais fragmentadas, passam por um processo de readaptação aos atuais moldes societários, podendo assim alcançar um número maior de sujeitos conhecedores das obras e dos autores. Mas, nesse caso, deixarei para o leitor essa tarefa de escolha. A missão que proponho é de apresentar os lados em questão (sujeitos e usuários) assim como o objeto simbólico (ou o valor atribuído aos fragmentos literários) que as unem, mesmo que este último tenha passado por (re)formulações consideráveis no ciberespaço, nas redes sociais virtuais tecnológicas e se remontado por meio das imagens técnicas.

## 1 COMO A HISTÓRIA DA PESQUISA COMEÇOU E A TRANSFORMAÇÃO EM UM PROJETO DE PESQUISA

Meu nome é Alice Pereira da Silva Cardoso, mas para os meus amigos sou apenas Alice Cardoso. Não gosto de me expor em público, não troco o número do meu celular com estranhos, não gosto de comer salada. Entretanto, admito: sou chocólatra! E quem não é? Quando estou triste prefiro me isolar: fico trancada no meu quarto, ouvindo músicas, olhando algumas fotos e passando horas no *Facebook*. Mas não tenho muitos amigos, pelo menos reais. Ah, tenho 18 anos, passei no vestibular e quem sabe um dia serei uma cantora famosa, pois admito, não gosto de estudar. E, para finalizar, o meu dia que foi maravilhoso e por isso deixo esse lindo poema para vocês: “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”. Fernando Pessoa (texto meu).

Muito provavelmente, o leitor desse trabalho está se perguntando do que se trata o trecho acima colocado. As frases curtas, a descrição de si, por vezes semelhantes a um desabafo, há muito tempo (ou temporalizando, a partir da invenção da escrita) são encontradas nos diários pessoais (de pessoas que utilizam esse recurso) que, geralmente, são atribuídos a uma escrita feminina, principalmente pelo “tom romantizado” que acaba entoando. Confesso, porém, que o microtexto foi constituído por elementos ficcionais e logo, a pessoa descrita não existe tal como as ações que engendram a narrativa. Entretanto, essa auto-ficção pode ser visualizada a qualquer momento, nos perfis sociais virtuais possibilitados, na atualidade, pela maquinaria tecnológica, independente de questões de gênero, de idade cronológica ou de tantas outras segmentações sociais.

Sem ousar-me a uma pesquisa tão profunda e extensa desse ato de exposição de si por meio das palavras, o fato é que durante a transição da década de 90 para os anos 2000 houve uma significativa mudança de comportamentos. Os sujeitos tidos como contemporâneos<sup>1</sup> aos poucos foram substituindo alguns mecanismos que envolvem a prática da escrita manual e aderiram ao uso de outras tecnologias que permitiram o alcance de outras sensações que a caneta e o papel não mais supririam a contento, por parecerem limitadas ou mesmo ultrapassadas (embora não sejam) se comparadas aos recursos mais modernos de comunicação.

Assim, mais do que apenas escrever sobre as próprias necessidades e

---

1

Adianto que nas sessões seguintes, o termo contemporâneo assim como sujeitos e usuários serão explorados tal como o motivo que me impulsionou a adotá-los nessa pesquisa.

guardar tais relatos em diários<sup>2</sup> únicos e secretos, os sujeitos contemporâneos acabam exprimindo (ou são induzidos para isso) suas impressões sobre a sociedade quando expõem, em tom quase confessional, as intimidades, as vontades, os gostos, os pensamentos, enfim toda uma gama de particularidades intrínsecas aos seus “eus” em prol de uma publicidade. Agora, existem outras formas para realizar representações próprias que são (re)montadas por fragmentos de textos transformados em imagens que circulam pelo ciberespaço e que conseqüentemente alcançam uma amplitude muito maior. O que fica evidente é que a era da imagem (QUÉAU, Philippe, 1993) chegou e trouxe reformulações contundentes para o binômio caneta x papel ao transportar os sujeitos e suas respectivas subjetividades para outro *locus*, estruturado por uma contingência tecnológica dotada de uma potência muito mais estimulante para a realização de tais detalhamentos da imagem que têm e daquela que gostariam de ter.

No entanto, o leitor pode indagar sobre de que lugar surgiu a inquietação inerente a todo pesquisador em querer compreender um gesto aparentemente tão corriqueiro, performado pelos sujeitos, sejam eles contemporâneos ou não, mas que de alguma forma, esse ato se substantiva perante um meio social. Quando essa dúvida passou a ser uma lacuna que não mais era preenchida por respostas rápidas e simplórias (aquelas do tipo “isso é culpa da globalização”, ou “é natural que as coisas e as pessoas mudem”), decidi traçar um caminho de pesquisa no qual pudesse não simplesmente contar uma história, mas apresentar os elementos visíveis e os invisíveis que constituem esse “fenômeno” tão complexo. Aqui, também, admito ter sido a partir de lembranças e de experiências pessoais (e de ouvir falar de tantas outras) que, em um dado momento, senti a necessidade de me debruçar sobre essa emergência de estarmos sempre a nos definir em um determinado espaço social.

Outrossim, fui aos poucos seduzida e bombardeada, quando da chegada alucinante dos computadores e da internet nos lares brasileiros. Partindo dos dois adjetivos utilizados, “sedução” e “bombardeio”, começo pelo primeiro no momento em que compreendi que, por mais que eu continuasse escrevendo e guardando as impressões do mundo que me cercava, esse ato não mais me faria uma pessoa diferenciada. A moda que estava em voga naquele instante era deixar todo e

---

<sup>2</sup> Não é a proposta dessa pesquisa discorrer sobre o papel de outros meios de comunicação, mas a título de informação, o rádio continua como um forte veículo de comunicação e também é utilizado com essa conotação.

qualquer pensamento registrado de maneira pública com o propósito de fazer saber o que os outros pensavam sobre mim. Não que precisasse de opiniões alheias, mas a diversão estava também em participar de uma espécie de novela da vida que não mais se encontrava mais apenas restrita à televisão. A sedução era fazer parte de um grupo que pensasse como eu, para que trocássemos experiências e no fim ocorresse o tão esperado encontro das afinidades eletivas e identificações.

Já em relação ao “bombardeio”, esse se tornou perceptível quando me deparei com uma força invisível que constantemente me “questionava” se não era mais apropriado expressar minhas opiniões publicamente por meio dos recursos tecnológicos (que até então não existiam ou não eram tão disseminados) ou mantê-las em sigilo. Não é muito difícil adivinhar o que aconteceu. Naquele instante, surgiu não somente na minha vida, como na de muitos usuários da rede, o fenômeno das comunidades virtuais dotadas de recursos que, além de viabilizar a descrição dos usuários, também permitia que compartilhássemos informações, opiniões, dúvidas, discussões, brincadeiras, textos (de todos os tipos e gêneros) os quais não necessariamente resultavam em “novas amizades”, mas em uma forma de relacionamento até então inaudita.

Despontavam no cenário mundial as redes sociais virtuais ou, mais comumente conhecidas, as comunidades virtuais, nas quais era possível nos identificarmos por meio de *nicknames*, (uma espécie de apelido escolhido pelo sujeito que nem sempre era para ser identificado no meio virtual ou tampouco em outros espaços sociais). O curioso nessa “brincadeira” virtual era que mesmo se tratando de um jogo no qual a ideia era se esconder por trás do anonimato da rede, ainda sim se tornava (e ainda é) possível traçar o perfil dos pertencentes a partir das características que colocavam em público. Mas, como já adiantei, a era da imagem acabou intensificando as relações sociais desenvolvidas na virtualidade e a possibilidade de anonimato acabou se mostrando desnecessária. A ânsia por saber quem seria a outra pessoa com a qual “teclávamos”, de certa forma, propiciou que os programadores dessas redes desenvolvessem interfaces que permitissem “conhecermos os outros” com os quais nos relacionávamos indo além das descrições expostas (ou escritas) pelos usuários.

Rapidamente, tive que compreender que as relações e as representações simbólicas, imagéticas ou reais não mais se encontravam no campo do contato presencial e/ou físico tal como as escritas que costumeiramente fazia nos meus

diários. E, os poemas ou trechos de frases literárias que costumava copiar ou escrever no início ou ao final de cada texto já estavam presentes no banco de dados desses espaços: era só copiar e colar. Em resumo, o que apresento aqui como o ponto inicial para a escolha do tema para essa produção acadêmica deriva de observações e de participações pessoais nesses espaços sociais. Noto que esses ambientes reformularam (e ainda vem reformulando) as estruturas de comportamento e de sociabilidade que eu estava acostumada a presenciar até o início dos anos 2000.

Assim, nos últimos quinze anos e após vários outros serviços atribuídos à informação e comunicação por meio das tecnologias, a rede social que mais se popularizou e vem reconfigurando as relações sociais de maneira discutível é o *Facebook*. Essa plataforma (claro que se tratando de uma atualização de outras propostas comunicacionais anteriormente utilizadas) tem em seu pacote de recursos e serviços a possibilidade do preenchimento de um banco de dados com informações que podem ser publicadas, curtidas e compartilhadas (FACEBOOK, 2014<sup>3</sup>). E foi por meio da observação dessas ações deixadas publicamente pelos usuários da interface que se tornou possível correlacionar as “antigas” práticas de leitura e escrita as atuais formas de exposição desses conteúdos.

Mas o que realmente verifico de mais substancial nesse câmbio, (inicialmente apenas de local) de ações sociais geralmente correlacionadas a uma descrição de si para um público infinitamente maior e, por vezes, desconhecido? Parto da premissa de que as noções de pertencimento pela via do consumo de produtos ainda correlacionam os sujeitos a um lugar, a uma pessoa ou grupo que tenham certo “respaldo” na sociedade (alguma representatividade). Presencio que há uma demasiada ânsia em tentar ser “mais um do grupo” mesmo que para isso seja inevitável compactuar e fazer parte do espetáculo da sociedade contemporânea, como observou Guy Debord (1997, p. 28 - 38). Com isso, minha pesquisa se inicia quando questiono a função das imagens que circulam, divertem e informam nas redes sociais virtuais.

Foi devido a uma releitura da utilização dos processos técnicos de reprodutibilidade defendidos por Benjamin (1987) e da apropriação do material

---

<sup>3</sup> Essa rede social disponibiliza para o público informações sobre os direitos e os deveres dos usuários. São encontradas configurações para a interface como também noções básicas de privacidade. Fonte: FACEBOOK. *Declaração de Direitos e Responsabilidades*. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/legal/terms>>. Acesso em: 15 dezembro 2014.

oriundo dessa maquinaria tido como de distração por Flusser (2008), que se tornou possível tecer algumas considerações sobre o assunto. A pesquisa começa com um olhar mercadológico, no que se refere ao consumo de produtos que denotem um *status* social, só que em outro ambiente: o virtual tecnológico. Contudo, dada sua amplitude, o mesmo se expande para outro ponto: o da produção identitária, revelado no consumo incessante (o expor, o curtir e o compartilhar) de algumas imagens como representações próprias.

Diante desse quadro, a primeira pergunta que surgiu foi: o que se consome na virtualidade? Com toda a certeza não são produtos concretos e palpáveis, que podem nos vestir ou nos alimentar fisicamente, mas sim imagens desses produtos ou simulacros deles, como defende Jean Baudrillard (1981). Seria o processo de apropriação e exposição desses artigos imagéticos que simula de maneira análoga a lógica da aquisição e consumo de produtos reais, expressando uma noção de *status* para os usuários. Escolhi como local de observação as redes sociais virtuais (QUÉAU, 1993) que, nos últimos tempos, efervesceram o cenário das construções sociais pelo fato de levarem para dentro de um simples aparelho (FLUSSER, 1985), um mundo de possibilidades pré-programáveis que inclusive (re)criam sensações compartilhadas pelos sujeitos que constituem a sociedade contemporânea. Como não é possível investigar todas as redes disponíveis, optei pelo recorte mais conspícuo, o *Facebook*, a partir do qual essas proposições podem ser analisadas mais facilmente e de forma igualmente interessante (e porque não dizer é uma espécie de diário pós-moderno, no qual são expostas as opiniões, os sentimentos e os pensamentos daqueles usuários que “optaram” participar desse meio). Essas imagens seriam o resultado de combinações técnicas entre fotos e desenhos a fragmentos de textos literários. Como já citei na introdução desse trabalho, delimito como o *corpus* da pesquisa aquelas que, ao mesmo tempo, possuísem traços de artigos reais (ou reconhecidos por sua origem), mas que foram (re)produzidas pela maquinaria (BENJAMIN, 1987), que agora é tecnológica. A partir dos escritos de Flusser (1985; 2008) tomo emprestado o termo e o conceito de imagens técnicas para o imbricamento entre imagens e textos (literários, ou os canonicamente postulados) compartilhados e curtidos no *Facebook*.

Sendo assim, ao adentrar nesse ambiente tecnológico compreendo que este também é incidido por dispositivos (FOUCAULT, 1979) que coordenam (para não dizer controlam) as ações dos usuários, principalmente quando incitam ao consumo

de determinados artigos ou as imagens desses. Visualizo, nessa relação social, a oportunidade de formações identitárias quando o sistema “solicita” a criação de um perfil, em um espaço próprio (*time line*), com o qual todos serão reconhecidos no meio. A presença de regras de conduta e de decoro semelhantes as já conhecidas socialmente ressaltam a existência de um “acordo” que ordena o espaço utilizado. Entretanto, o que mais chama a atenção é que do resultado dessa organização é constituída uma noção de pertencimento.

Mas e sobre o conteúdo dessas imagens? Delimitei que as observações se concentrariam apenas no material que apresentasse fragmentos de textos e autores canônicos. Essa escolha se fundamenta porque, ao compreender as funções que a literatura já abarcou com o passar dos séculos, ainda é possível encontrar, mesmo que na virtualidade, a presença de resquícios ou o espectro de uma literatura “romantizada”. Não asseguro que o que é compartilhado na rede social é um ou outro tipo de literatura (pós-moderna, contemporânea...), mas a função que essas imagens trazem para o usuário quando da apropriação desse material muito se assemelha ao contato direto com uma obra/autor canônico e assim, a noção de pertencimento se mistura com o alcance de um *status* social. Também alerto para o leitor que a pesquisa não se aprofundará quanto a veracidade da autoria dos fragmentos, pois o que importa nesse trabalho é o peso do texto atribuído a um autor. Entretanto é sabido que nas redes sociais virtuais nem sempre o que é publicado se reporta ao literário que “assina” o texto exposto na *web*.

## **1.1 AFINAL, DE QUAIS IMAGENS TÉCNICAS ESTOU FALANDO? E COMO SÃO ENCONTRADAS NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS?**

Penso ter ficado uma lacuna na sessão anterior e, por isso, é importante que tenhamos (eu o leitor) em mente a compreensão de que houve uma mudança de comportamento verificada nos sujeitos que outrora se valiam dos textos escritos para uma exibição das necessidades pessoais (sejam elas sociais, culturais, emocionais...) e que, atualmente, continuam a realizar essa prática, mas por meio do manuseio das imagens técnicas. Mas o que seriam essas imagens técnicas? As representações gráficas (re)criadas a partir da vontade dos usuários da rede são, a meu ver, a caracterização mais sintomática do século XXI quando me refiro à forma

como os sujeitos escolheram para se definirem nos espaços virtuais pelos quais transitam. Diz Flusser (1985):

As imagens técnicas, longe de serem janelas, são imagens, superfícies que transcodificam processos em cenas. Como toda imagem, é também mágica e seu observador tende a projetar essa magia sobre o mundo. O fascínio mágico que emana das imagens técnicas é palpável a todo instante em nosso entorno. Vivemos, cada vez mais obviamente, em função de tal magia imaginística: vivenciamos, conhecemos, valorizamos e agimos cada vez mais em função de tais imagens. Urge analisar que tipo de magia é essa. (FLUSSER, 1985, p.11)

Ao destacar que as imagens “transcodificam processos em cenas”, mesmo que o autor tenha escrito esse pensamento na década de 80, percebo que, hoje, essa conceituação esboça uma materialidade muito maior. Isso pelo fato de que, essencialmente, vivemos em função das imagens. É quase improvável descrever ou remeter a qualquer objeto sem que alguém já não o tenha transformado em representação imagética que, por sua vez, converte-se no justamente ato/gesto de apropriação dessas cenas que constroem idealizações e satisfazem as necessidades dos sujeitos. Aliás, sem querer entrar no mérito da questão, tais “necessidades” se originam não da simples vontade do sujeito, mas também de imposições sociais que atrelam noções de pertencimento ou de *status* social ao acúmulo e/ou exposição de bens. Campbell (2001a, p. 42) descreve que seriam estas necessidades, os novos objetos de procura (situação que começou no século XVIII, mas perceptíveis até o momento presente). Por conseguinte, no instante em que observei a última frase dessa citação, refleti se essa magia emanada não teria o mesmo sentido quando é buscado, pelos sujeitos, um lugar de acolhimento que supre os seus desejos mesmo que por uma via baseada na comercialização de necessidades sociais.

Não obstante, uma das funções da literatura (que fora constituída historicamente como texto) já foi a de acalantar os leitores, para uma noção de pertencimento advinda ou não de uma imaginação criativa (EAGLETON, 2006a, p. 29). Considerando que essa função conferida ao texto literário ainda exista, na contemporaneidade, e que as imagens denotam projeções das ações praticadas pelos viventes, restou-me deduzir a partir do que Flusser (1985, p. 11) apresenta que, o que é facilmente produzido, reproduzido, modificado e posto em movimento sem qualquer “aparente” ordem e sentido, no ciberespaço, também são as imagens

técnicas. Ou seja, um produto do meio virtual tecnológico que consegue sintetizar imagem e texto em um único produto, sem que para essa tarefa haja a perda da função quase que aurática do texto e da magia da imagem.

O que presencio nessas redes de relacionamento virtual é que há uma emergência em viver “em função de tal magia imaginística” principalmente quando a cada dia, milhares de indivíduos aderem aos chamados silenciosos, mas nada inócuos da indústria do entretenimento que “oferta” a possibilidade de uma construção imagética de si, podendo essa ser a chance encontrada para a exposição das ideias de cada um. A imaginação que antes ficava a cargo de quem apenas lia um material textual, agora ganha corpo e forma: é a imagem técnica.

Como já relatei a pesquisa que apresento se baseia na observação das imagens que denomino serem técnicas, no ciberespaço. Assim, trago como exemplo, alguns desses materiais produzidos, na atualidade, que quando apreciadas isoladamente não apresentariam nenhum sentido ao leitor/usuário, mas que ao serem incorporadas a um conjunto de outras imagens, descrições e comentários ganham outras conotações sem a necessidade de que, o dono do perfil exponha mais informações. E, mais uma vez, a magia ou o que posso nesse instante colocar como noção de pertencimento é visualizada nas redes sociais virtuais. Enfim, abaixo estão algumas dessas imagens técnicas retiradas de comunidades e de usuários do *Facebook*, mas que devido à rapidez com que se disseminam na rede também podem ser encontradas em sites de busca<sup>4</sup>.

---

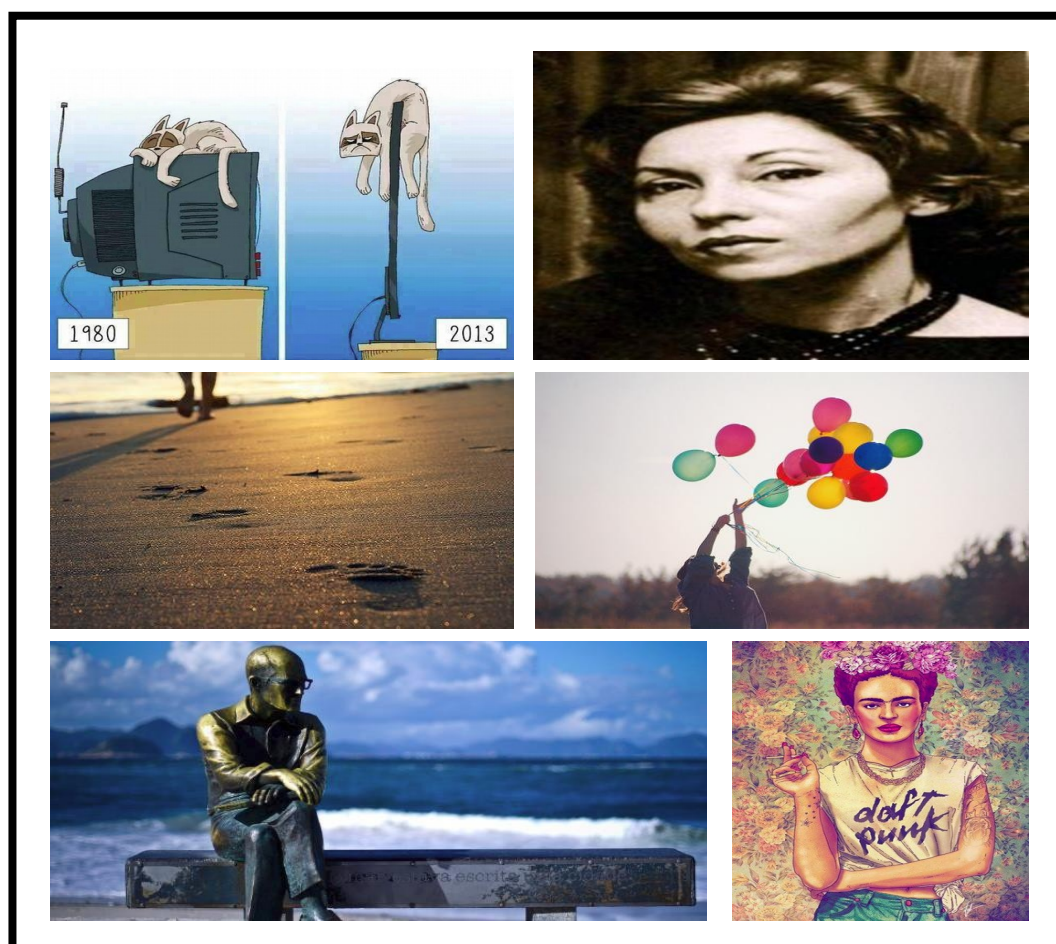
<sup>4</sup> Na página da Google são disponibilizados inúmeros sites com modelos dessas imagens técnicas ou apenas as imagens como também, os fragmentos literários. Não é possível saber a origem da imagem: se do *Facebook* ou se dos sites de busca. Um exemplo desse tipo de site é o Pensador: sua coleção de frases, poemas, mensagens e textos. Está disponível em: <http://pensador.uol.com.br>. Acesso em: 14 dezembro 2014



Imagem 01: Exemplos de imagens técnicas produzidas com frases e imagens voltadas para a diversão / reflexão. Fonte: Facebook

Estas são, provavelmente, o tipo ou gênero de imagem que mais circulam nas redes sociais. Geralmente são compartilhadas com a proposta de divertir ao mesmo tempo em que fazem com que o leitor/usuário se identifique com a situação e/ou reflita sobre os atos que pratica socialmente. Entretanto, é válido ressaltar que essas reflexões não se configuram de maneira tão profunda, ao ponto de modificar substancialmente a vida dos usuários. O que tento transparecer para o leitor é que, momentaneamente, o usuário tende a se identificar com a imagem relacionando-a a um momento particular. Essa “reflexão” se extingue no instante em que continua a expor outras imagens, prosseguindo a sua “vida” virtual em postagens subsequentes. Notem também que não há um padrão narrativo ou estilístico, pois as imagens podem ser constituídas por personagens de desenhos animados, de

novelas, de séries da televisão ou com outros temas. As fotos podem ser tanto de pessoas anônimas como de personalidades conhecidas pelo público. Os textos das charges também são montados sem necessariamente seguir a identidade primária da obra. Enfim, se tornou perceptível depois da averiguação que realizei que é grande a variedade de material utilizado e que a criatividade (ou a conveniência dos criadores das imagens) é ilimitada.



**Imagem 02: Exemplos de imagens técnicas produzidas apenas por imagens.**  
**Fonte: Facebook**

Já esse grupo de imagens que não apresentam texto (ou quase nenhuma descrição escrita) também tendem a representar um estado físico/emocional do usuário mesmo na ausência da palavra escrita (todavia ressalto que todos os tipos de imagem têm essa função). Mas a exposição de imagens de autores, personalidades, artistas de várias áreas de atuação é exemplo dessa montagem imagética de si, principalmente quando as figuras já são conhecidas pela sociedade

pelas produções que os renomaram. Há nesse “trabalho” de escolha por imagens uma transferência de atributos valorativos que são destacados nesses autores e que mesmo sem mais informações escritas são repassados para os usuários. É como se a visão da performance do autor/imagem reproduzisse a mesma feição esboçada por quem se apropria delas.

Entretanto, para essa pesquisa, o meu “trabalho de campo” constituirá na observação de algumas comunidades virtuais (e dos usuários que as utilizam) que compartilham e curtem imagens que contém, também, os escritos de Clarice Lispector e Fernando Pessoa. A escolha por esses autores ocorreu em virtude de que, no momento em que desenvolvo essa pesquisa, verifico que os materiais desses escritores são largamente manuseados na rede, mas outros nomes poderiam igualmente fazer parte dessa lista como, por exemplo, Rubem Alves, Carlos Drummond de Andrade, Caio Fernando Abreu e Paulo Leminski (apenas para citar alguns). Esse recorte se justifica pelo fato de que existem inúmeros tipos de composições imagéticas (como já foi citado acima), mas optei por aquelas que fossem compostas por elementos facilmente identificados, principalmente, por conta da carga simbólica que é atribuída a esses dois escritores em particular. Percebo ainda que esse tipo de produto virtual possui um elevado respaldo social, pois geralmente traduzem os sentimentos, os pensamentos, as definições, os comportamentos, e por essa razão são utilizados como elementos constitutivos na formação de identidades virtuais, dos usuários e por que não dizer, também dos sujeitos.

Em especial, os excertos dos textos desses dois escritores carregam uma tonicidade que me auxilia nessa tarefa de assimilação do que acontece no ciberespaço, pois, mesmo não podendo classificar os fragmentos literários encontrados como literatura, torna-se perceptível que o que importa no instante da apropriação é o sentimento de pertencimento, de identificação, algo que as funções abarcadas pela literatura proporcionam a muito tempo. Ou seja, há uma humanização do meio técnico quando observo que emerge um espectro da literatura anteriormente conhecido por meio da leitura de textos literários na forma de livros, com semelhante teor romantizado ou então voltados para a constituição de uma identidade nacional, mas que agora é construída na virtualidade tecnológica.

Assim, abaixo estão alguns exemplos de imagens técnicas com as quais desenvolvo a minha experiência acadêmica, no mestrado. Considero que, o

pós-crítica, nesse instante, me habilita a correlacionar as teorias já conhecidas pelos acadêmicos aos fenômenos sociais, visto que reconheço nesse ambiente uma semelhança entre as ações exercidas pelos sujeitos que circulam na sociedade, sejam em pequenos ou em grandes grupos com os acontecimentos que se repetem nas redes sociais virtuais. Retorno a consideração de que as imagens escolhidas, de alguma forma, traduzem aqueles sentimentos que já descrevi nos outros exemplos. Mas, a magia que manifestam pelo fato de estarem ligadas a uma autoria (por vezes real ou construída pelos usuários) reconhecida (via fragmentos literários), amplia a sua função original de apenas representar imagetivamente uma situação. É desse “algo a mais” que existe nessa relação imagem/texto que permitiu que eu pudesse denominá-las de imagens técnicas.



Imagem 03: Exemplos de imagens técnicas produzidas com textos de autores canônicos. Fonte: Facebook

Assim, o processo de imbricamento propiciado pelo uso dos aparelhos para

os usuários da rede (FLUSSER, 1985, p. 10) resulta, hoje, em um caminho aberto para as composições e descrições dos “eus virtuais” de cada sujeito que transita na virtualidade. E, é por meio dessa forma de “validação” quando são consumidas as imagens com a assinatura de um escritor canônico como Pessoa e Lispector que também observo a construção de identidades baseadas em um *status* social diferenciado (pois mesmo na rede, existe uma seleção proposital que determina quem são os usuários a partir daquilo que expõem). Correlaciono que, se o elemento fundamental que é procurado na literatura é uma identificação do sujeito no instante em que busca (e encontra) por uma personagem perfeita, as imagens técnicas possibilitam essa função, mesmo que pela via da encenação/performance para o alcance de um *status* social. Encenamos e performamos constantemente ser aquilo que pode nos diferenciar nesse meio e o respaldo está (nesse campo de pesquisa) na presença de um autor que tem uma obra inquestionável (mesmo que nem sempre seja verdadeira a essa relação, devido também a manipulações mal sucedidas: por exemplo, é comum encontrar um fragmento de um autor, mas relacionado a outra autoria).

Informo ainda que existem outros tipos de imagens técnicas compostas por letras de músicas, frases e textos autorais, bordões, fotografias manipuladas por meio de aplicativos, frases de filmes, piadas de diversos gêneros, em defesa de opiniões religiosas e étnico raciais, comportamentais, assim como os textos literários, que podem (e sempre são) transformados em imagem. Mas, como já havia dito, a apresentação isolada das imagens não traduz a proposta para a pesquisa, no instante em que aponto que a apropriação desses artigos imagéticos auxilia nas composições identitárias. Ressalto que a internet apresenta um *status* de verdade oportunizada pela exposição de materiais escritos que se assemelham a sensação na apropriação (leitura) de “conceitos” quando estes são relatados em livros, revistas em materiais que circulam na mídia escrita. O papel do *Facebook* nesse instante se revela como o dispositivo que nos estimula a montar nossos perfis (já que não ter uma conta nessa interface é quase que um atestado de desatualização social) pautado no recurso da escrita por meio do uso de imagens. Reflito então: ao evidenciar as nossas impressões e opiniões sobre as situações que vivenciamos, isso se tornaria ou não um indicativo de que somos contemporâneos, mesmo que utilizando o consumo de determinadas imagens<sup>5</sup>? Em todo caso, somente foi

---

5 Sinalizo que esse questionamento retornará nas considerações finais.

possível chegar a esse ponto de raciocínio quando compreendi que as mudanças sociais, culturais e/ou identitárias ocorrem independente dos meios utilizados para as escolhas que decidem abarcar.

Para melhor exemplificar a pesquisa e “resgatando” o que foi proposto produzi imagetivamente a partir da história fictícia com a qual iniciei o capítulo, um perfil social para a personagem Alice. Todavia ressalto que a opção por essa construção se ampara no cuidado em não expor nenhum participante do *Facebook*, mas tal decisão não implica a veracidade do conteúdo. Afinal, as imagens escolhidas para essa situação já circulam no ciberespaço, a possibilidade de preenchimento do banco de dados é real e lembrando que ainda não é factível dizer que tudo que encontramos na internet é confiável. No entanto, o que interessa agora é apresentar a estética desse lugar imagético que viabiliza uma adaptação do processo da escrita que até pouco tempo era demarcadamente facilitada por meio da escrita mecânica e, nos dias de hoje, se desenvolve auxiliada pelo compartilhamento de imagens técnicas. Sendo assim, a proposta nesse instante é criar um perfil virtual, no *Facebook*, para a personagem Alice Cardoso criada para essa função de representação imagética. Primeiramente, explano que antes de começar a participar da interface é necessária a criação de uma conta de acesso que habilitará o usuário na rede social.

O *Facebook* solicita que as informações apresentadas sejam verdadeiras a fim de que a proposta da interface não engane os outros usuários<sup>6</sup>, muito embora é de conhecimento público que a escolha de algumas informações não condizem com a realidade do dono do perfil, a exemplo da foto, data de nascimento ou aqueles dados que o localizam. São algumas informações solicitadas (as etapas) para a criação de uma conta que permitem a interação com outros usuários que participam da rede. Mas a peculiaridade está no campo “detalhes de você” onde os usuários podem expor uma descrição de si. Entretanto, muitos se valem de frases ou de textos conhecidos (poemas, ditados populares ou letras de músicas) como forma de se autodefinirem perante aos outros membros da rede social. Abaixo, trago imagens tanto das etapas destinadas ao cadastro do novo usuário como uma importante particularidade nesse processo que é o da auto-descrição.

---

<sup>6</sup>Mais informações sobre esses modos de uso no *Facebook* em: <https://www.facebook.com/help/112146705538576>. Acesso em: 14 dezembro 2014

**Etapa 1**  
Encontre seus amigos

**Etapa 2**  
Preencha as informações

**Etapa 3**  
Adicione uma foto do perfil

**Seus amigos já estão no Facebook?**  
Muitos de seus amigos podem já estar aqui. Procurar em sua conta de e-mail é o caminho mais rápido para encontrar seus amigos no Facebook. [Veja como funciona.](#)

**Gmail**

Seu e-mail

**Etapa 1**  
Encontre seus amigos

**Etapa 2**  
Preencha as informações

**Etapa 3**  
Adicione uma foto do perfil

**Preencha as informações do seu perfil**  
Essas informações ajudarão você a localizar seus amigos no Facebook.

Cidade atual

✕
🌐

Cidade natal

✕
🌐

Ensino médio

✕
🌐

Faculdade/Universidade

✕
🌐

**Etapa 1**  
Encontre seus amigos

**Etapa 2**  
Preencha as informações

**Etapa 3**  
Adicione uma foto do perfil

**Defina a foto do seu perfil**

Excluir sua imagem

**👤 mais de 1.930**  
Há mais de 1.930 pessoas chamadas **Alice Cardoso** no Facebook. Adicione uma foto do perfil para que seus amigos reconheçam você.

⏪ Voltar
Próxima

💡 Fotos do perfil e fotos da capa são públicas. Você pode controlar o público para outras fotos carregadas no Facebook.

Imagem 04: Preenchimento do banco de dados. Fonte: Facebook

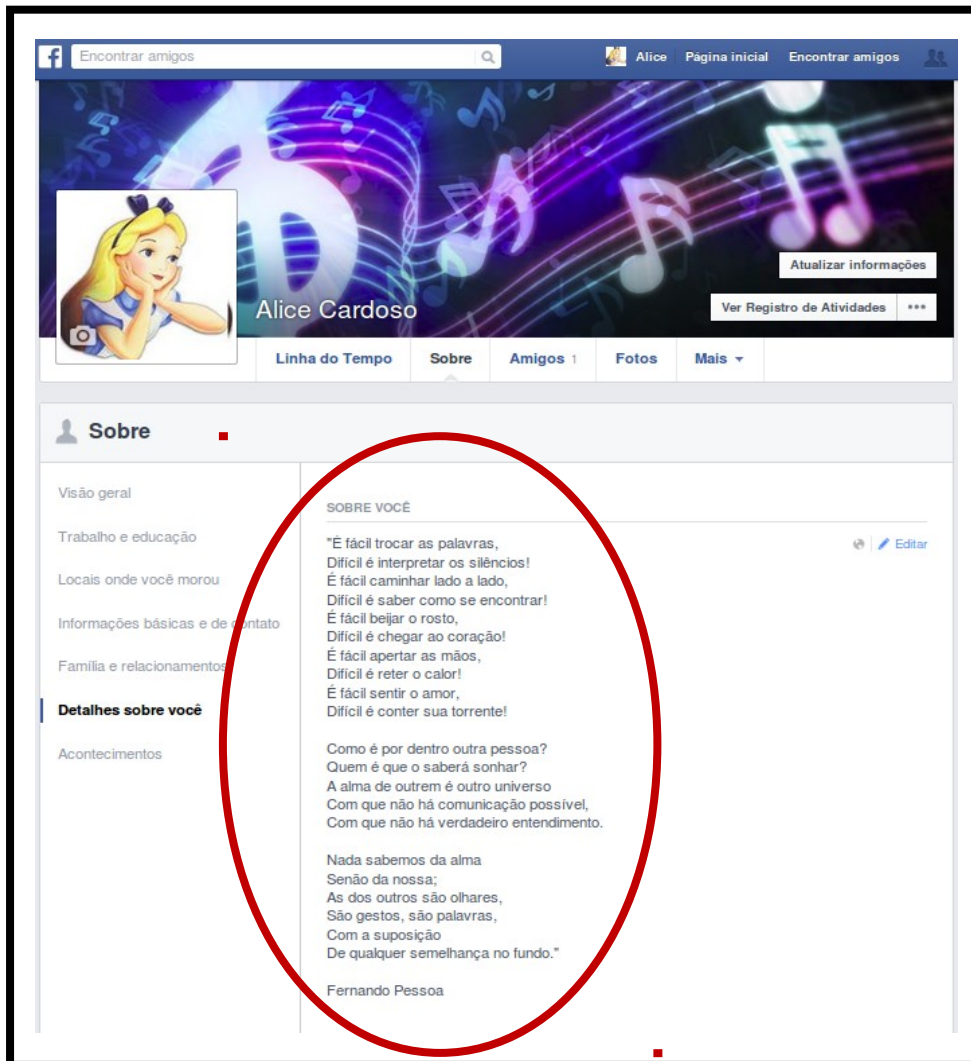


Imagem 05: Preenchimento da descrição do usuário. Fonte: Facebook

Depois dos dados preenchidos, a “Alice” já pode se apresentar no seu espaço virtual de maneira imagética, sem a necessidade (caso seja de sua vontade) de escrever nenhum manual descritivo de sua personalidade. Ela se valerá também de imagens (e as literárias são bastante valorizadas) que remontam o seu estado emocional, suas opiniões, seus medos e ambições sem que, para isso, seja necessário escrever uma palavra. As imagens técnicas falam por ela. A linha do tempo (*time line*), agora, se torna o espaço para a exposição de tudo que pensa tal como anteriormente fazia quando escrevia. Os fragmentos literários representam uma identidade própria, pois não são escolhidos aleatoriamente; aliás, as imagens denotam características ao usuário em vários outros pontos da página pessoal como, por exemplo, na fotografia que escolhe e na imagem principal do perfil. Enfim,

construir outra “vida” nesse local preconcebido é uma espécie de integração social na qual é possível evidenciar identidades por meio da magia ou do espectro literário liberado quando da apropriação e exposição das imagens técnicas. Foi contra esse dispositivo que eu tive que reaprender a “escrever” mesmo não concordando (inicialmente) com essa praticidade ofertada pelo *Facebook*.



Imagem 06: O perfil social. Fonte: Facebook

### **1.1.1 O porquê do *Facebook* como o ponto de partida**

Acrescento como relevante ressaltar, neste momento, que um dos problemas de se fazer pesquisa é a questão de responder teoricamente às hipóteses propostas, pois esse trabalho de compreensão teórica, por vezes, esbarra na rigidez de conceitos trazidos pelos autores. Logo, deparo-me com a nem sempre fácil tarefa de intercalar as situações visualizadas no campo virtual às postulações teóricas, pois ainda se trata de uma área em que as mudanças estéticas e estruturais ocorrem rapidamente. Por outro lado, é um desafio renovado a cada dia quando outras informações quase que anseiam ser inclusas nesse momento único na história dessa sociedade (a título de exemplo, posso citar que não somente a questão das formações identitárias podem ser observadas nas redes sociais como também as relacionadas a gênero, étnicas, religiosas dentre outras).

Para endossar essa vontade de fazer pesquisa, Gaston Bachelard (2005, p. 17 e 18) traz à tona um dos problemas enfrentados pelo conhecimento científico: a possibilidade de uma revisão daquilo que já foi conceituado pelo autor como “os obstáculos epistemológicos”, encobertos por formulações irrefutáveis que, obscurecem pontos deixados na história. Nesse âmbito, a realização de novas indagações, sem anular o conhecimento adquirido denota a compreensão de que existem rizomas que desarticulam pensamentos diacrônicos nas relações estudadas. Para o autor, tudo é construído e o ponto fulcral estaria em saber formular os problemas, já que a ciência clássica ou positiva só considera aquilo que seria comprovado cientificamente. Para que haja mudanças na organização do sistema do saber, na transposição dos obstáculos que constantemente surgem é importante suscitar novas possibilidades, novas perguntas, enfim, novos obstáculos a serem inquiridos. Ou seja, ao mudar a forma de raciocinar e refletir sobre questões ou problemas, o homem sairia dos sistemas homogêneos e permitiria o surgimento de novos estímulos, pelo fato do próprio conhecimento gerar indagações válidas e norteadoras que nem sempre se encaixam aos já conhecidos modelos de pesquisa.

Assim, Bachelard (2005, p. 23) ressalta que todos vivem em contextos sociais e culturais simples ou complexos que geram saberes e que o conhecimento prévio, mesmo que não fundamentado por teorias comprovadas cientificamente, deve ser considerado e respeitado. É nesse caminho que se relaciona a Jaime Ginzburg

(1990, p. 152 – 157) que, em síntese, considera que nem tudo na natureza ou na sociedade pode ou deve ser explicado pelo conhecimento científico adquirido na academia; existem situações e objetos que, para terem suas existências (ocorrências) descritas em paradigmas de cunho estruturalista, o trabalho desembolsado pelo pesquisador deve percorrer outros caminhos que não apenas aqueles comprovados pelas experimentações. No momento em que é descrito um fenômeno observado, diante das pistas, dos rastros, das cartas, das diferenças levantadas, por vezes, em comparação a outros modelos epistemológicos também é possível chegar à ciência, a um método. Para tanto, o paradigma indiciário pautado no saber venatório consentiria que dados marginais e individuais pudessem também compor o processo de fazer pesquisa.

Trago as considerações acima para mostrar que alguns dos discursos selecionados, e que serão abordados de maneira mais aprofundada nos tópicos seguintes (a exemplo de Flusser, Jameson, Lévy...), não serão trazidos aleatoriamente, visto que houve a necessidade típica do processo de pesquisa de elencar teoria e prática. Todavia, a defesa que aqui se faz é de que a partir de uma observação mais detalhada, como um trabalho de caça às pistas deixadas pelas ações que os sujeitos (usuários) praticam no ciberespaço, é possível encontrar produções multifacetadas e não apenas informações manipuladas (FLUSSER, 2008, p. 126). Para tanto se faz necessário mergulhar nessa aparente superficialidade descompromissada proposta pelas redes sociais virtuais que exploram a máxima da diversão vinculada a um veículo de comunicação interativo (LÉVY, 1999, p.148), mas que incidiriam na formação identitária daqueles que a utilizam.

Tomando por base os modos de pensar de Bachelard (2005) e de Ginzburg (1990) e correlacionando-os aos dados encontrados no *Facebook*, esboço algumas considerações iniciais. Parto da premissa de que existem (já existiram e outras surgirão) inúmeras redes sociais virtuais com quantidades expressivas de participantes, mas que as inquietações emergem sobre esse local específico, quando algumas marcas apontadas começam a ficar mais latentes, a saber: O que atrai os sujeitos para o meio ao ponto de constituírem outras identidades? Algum novo conhecimento é produzido a partir dessas novas configurações de relacionamento, ou são encontradas meramente reproduções de antigos modelos ou paradigmas de interação? Mesmo considerando a hipótese de que não há “novas” produções, o que seriam e para que serviriam as imagens técnicas? Observando

que as fragmentações literárias montadas sobre imagens de alguma forma compõem os perfis sociais, por que os usuários escolhem essas imagens para expor em suas linhas do tempo? Qual a simbologia impregnada nesse ato de descrição pessoal possibilitada pela conexão entre literatura e tecnologia? O que esperar dessa fusão como produto que (res)significa os sujeitos contemporâneos que circulam nessa virtualidade?

Flusser (2008, p. 118 e 119) enfatiza que não ocorrem produções de novas informações nesse meio específico, e sim apenas releituras. Contudo, o questionamento emerge no instante em que essas informações se reconfiguram em simbologias identificáveis, por meio da aplicabilidade dessa ação. As escolhas virtuais praticadas e expostas pelos usuários não se apresentariam de forma aleatória e sim intencional. Mesmo se tratando de informações reproduzíveis, as interpretações que surgem é que se traduziriam em novas informações, devido à carga simbólica que carregam (ou à sua magia). Já Lévy (1999, p. 151 e 152), enquanto defensor da cibercultura, apresenta três formas atuais de agir desenvolvidas a partir desse campo e para a pesquisa, das quais duas são imprescindíveis: o texto que é decodificado, codificado, fragmentado e reproduzido na virtualidade tecnológica e as imagens que passam pelo trabalho de construção por meio do uso dos aparelhos. A junção desses dois elementos signos (texto alfabético e imagem) se transforma através das mixagens em imagens técnicas (FLUSSER, 1985, p. 10). Todavia, mesmo que se reporte à releitura de informações, o que Lévy (1999) tutela são as interconexões formadas a partir desses rizomas abertos que incidem socialmente sobre os usuários. Essas premissas teóricas (apontadas, inicialmente, por meio de observações empíricas, nas redes sociais virtuais) permearam indagações sobre até que instância podem ser contestadas ou avalizadas sobre o elemento pesquisado. Ou ainda, conjeturar sobre esse ambiente, unicamente, como um veículo de comunicação de massa ou produtora de heterogeneidades (ou de simbologias identitárias?). Ao refletir sobre a terceira alternativa foi preferível segui-la a contentar-se com as negatividades taxadas.

Por isso, a escolha pela rede social *Facebook* se reporta ao fato de que é possível identificar, a partir dessa página web, algumas dessas pistas expostas que se referem ao compartilhamento de imagens técnicas resultando em formações identitárias transferidas das relações sociais cotidianas. Ainda que, para isso, seja necessário um método de trabalho que busque por sinais normalmente

desconsiderados em virtude de uma massificada utilização e conceituações externadas como pouco importantes, a exemplo, de que esse recurso apenas intensifica relações superficiais voltadas para o consumo de produtos criados para o público que nela circula por meio do consumo de objetos reificados (JAMESON, 1996).

Sendo assim, o ciberespaço pode ser compreendido como um emaranhado de infinitas rotas que podem ser selecionadas a partir da vontade e da necessidade do usuário. Pautada nessa premissa e com 10 anos de existência completados em fevereiro de 2014 e mais de 1,19 bilhão de usuários pelo mundo, o *Facebook* se tornou uma mania virótica primeiramente pelo público jovem, mas já se tem informações do crescimento exponencial em outras faixas etárias. O aplicativo expõe, como função principal, a interatividade entre pessoas conectadas. Aos poucos, os programadores foram inserindo funções que permitem que ocorram mais do que simples trocas de mensagens dentre elas, a criação de um *avatar*, uma espécie de perfil identitário que não necessariamente condiz com as características reais dos sujeitos<sup>7</sup>. Adentrando no espaço aberto pelas imagens técnicas produzidas e reproduzidas no ciberespaço, são visualizados os fragmentos de arte como fotos, pinturas e textos literários que selecionados pelos usuários compõe o “eu virtual” de cada um ou uma espécie de “eu lírico” pós-moderno. Na rede, esse produto surge, então, como o objeto utilizado para uma representação do perfil social, ao evidenciar na linha do tempo, aquilo que o usuário gostaria que os outros conhecessem sobre ele e que nem sempre é verídico.

No século XXI, a criação de uma ferramenta como o *Facebook*, que utiliza o meio tecnológico para o seu funcionamento, é apontada como importante (sinônimo de sucesso) a partir de uma grande adesão mundial ao sistema. Como causa desse resultado, tem-se a disponibilização de recursos que liberam a publicação, o compartilhamento e a aprovação de imagens (o curtir) que fomenta a interatividade entre os partícipes. Se melhor observado, trata-se de situações comuns vivenciadas pelos sujeitos cotidianos, mas agora transferidas, por meio da tecnologia, para a virtualidade. E, assim, a partir da defesa de que as publicações expostas nesse local resultam em mapas simbólicos carregados por sentidos diversos (encobertos pelo viés do entretenimento) se tornaria possível compreender (inicialmente) a crescente

---

7

Lembrando que na sessão anterior, já apresentei como é construído um perfil, nessa rede social.

popularidade e dependência dos sujeitos a esse dispositivo. Essas pistas (GINZBURG, 1990, p. 152 – 157) auxiliarão no entendimento sobre como ocorre esse encontro identitário entre os usuários das redes sociais virtuais e os elementos eleitos como dotados de simbologias que atribuem valorações (e esse ponto está intrínseco e não tão visível na rede social). Reafirmo que as ações que podem ser estudadas por meio do *Facebook* (utilizado tal e qual a um mobilizador social) se tornam relevantes para a pesquisa, não apenas por este ser um aplicativo bastante utilizado, mas principalmente pelo fato de possibilitar, hoje, a visualização das imagens técnicas, a forma como os usuários as expõem e a constituição das identidades.

Entretanto, lembrando que os meus primeiros contatos com esse “mundo” virtual datam de quinze anos aproximadamente e que essa rede escolhida tem um pouco mais de onze anos de existência, acrescento o meu conhecimento particular de que o advento de outras comunidades foi necessário para a montagem dessa interface. Alerto assim, que não foi apenas pelo grande número de partícipes que me fez optar pelo *Facebook* como ambiente de pesquisa. Alguns fatores que já observava anteriormente, em outras comunidades, foram contundentes para essa escolha, dentre elas: os campos específicos para o preenchimento de informações pessoais, a forma como as imagens ficam armazenadas e expostas, a cronologia com que as informações são ordenadas nas *time lines*, a rapidez com que os usuários se articulam, trocam informações, vasculham outros perfis, mas principalmente, a possibilidade de construção identitária por meio do consumo das imagens técnicas. Os usuários constroem dessa maneira, uma vida paralela àquela com que cotidianamente transitam na sociedade. Por fim foi tentando responder as dúvidas que apresentei durante essa sessão que compreendi que essa rede social não poderia ser considerada como um simples espaço voltado para o entretenimento e, logo, corroboraria suficientemente para esse trabalho acadêmico.

## **1.2 OUTRAS NOMENCLATURAS, VELHAS CONCEITUAÇÕES POR MEIO DO "CURTIR" E DO "COMPARTILHAR": UMA NOVA FORMA DE ALIENAÇÃO?**

Aproveitando o ponto da virtualidade comentado acima, a sociedade da qual fazemos parte (concordando ou não com as diretrizes governamentais, sociais ou

culturais impostas) mostra os resultados de ações iniciadas nos últimos séculos por meio de imagens. Esse apontamento ocorre no instante em que este produto simbólico, as imagens técnicas (já que não são possíveis de serem manuseadas fisicamente, compradas ou que se detenha sua posse) recebem destaque ao unir os sujeitos e os usuários em uma esfera inicialmente vista de maneira alienadora e os transformando em seres onipresentes. O posicionamento de Flusser (2008, p. 15), ao enfatizar que "não mais vivenciamos, conhecemos e valorizamos o mundo graças a linhas escritas, mas agora graças a superfícies imaginadas", se apresenta muito em virtude da falta de uma indagação sobre o processo visualizado de absorção inquestionável das novas imagens construídas pelas máquinas. Em outras palavras, não restou para essa sociedade outra opção a não ser se render às propostas mercadológicas oriundas das empresas de *softwares* e utilizar maciçamente os seus produtos.

Cada vez mais se torna visível para minha pesquisa que o consumo de bens com uma determinada expressividade, talvez, artística atribua aos seus detentores, certa postura respeitosa no campo de articulação ao qual pertence. Entretanto, até chegar nesse apontamento, foi necessário revisitar a história do surgimento das classes sociais pós-revolução industrial, principalmente sobre o processo de acomodação de posicionamentos sociais a partir do instante em que o homem substituiu a força física pela força motora. Com o decorrer dos séculos, o resultado dessa troca (que no fim era monetária) permitiu que os sujeitos (de certa maneira) adquirissem um prestígio local. Essa "ascensão" social também se fortaleceu pelo acúmulo de riquezas (pelo menos, para uma minoria). Assim, a procura por bens de consumo que mobilizava as relações entre as classes (século XVIII) revelando uma nova característica para aquela sociedade continua acontecendo nos dias atuais. E os produtos supérfluos passaram a ser procurados por algum motivo que não apenas a suprimimento de necessidades físicas (CAMPBELL, 2001a, p. 42 e 43), mas das necessidades sociais.

Contudo, a proposta manifestada por alguns autores (a exemplo de Campbell e de Gilles Deleuze) que discutiram acerca de uma emergência pela busca de sentidos que se encontravam encobertos por simbologias diferentes daquelas propagadas na superficialidade visual e que, por sua vez, possibilitou estudos sobre os acontecimentos sociais que segmentavam os grupos contemporâneos a partir de atitudes (inicialmente vistas de maneira alienada) voltadas para o consumo. Assim,

quando optei por aplicar um método de pesquisa que aliasse teoria e observações empíricas foi sob a perspectiva de apresentar alguns pontos intrínsecos no uso das redes sociais virtuais tecnológicas.

Dessa forma, em meio a esse pensamento que defende que outras necessidades podem emergir de situações criadas para fins primários (como o consumo de produtos pós-maquinaría reprodutível), identifiquei que é possível tecer considerações sobre um determinado processo de alienação quando do manuseio quase imperceptível de duas ferramentas existentes no *Facebook* que são o curtir e o compartilhar. Ambas podem ser correlacionadas a uma necessidade atual de representação social baseada no consumo demasiado de imagens semelhante ao que descrevo no parágrafo anterior. Mesmo que os meios de comunicação impulsionados pelas tecnologias mais recentes atualizem conceitos ou lhes confirmem outras nomenclaturas, no que concerne a função que desempenham no meio (que é o da troca de mensagens) ainda esconderiam, em um primeiro momento, traços de dominação atribuídos a alguns dispositivos invisíveis e igualmente verificados pelo processo de mercantilização. A exemplo dessa situação tem-se quando somos empurrados a consumir algo que não nos seria necessário, mas a título de um retorno social acabamos “dominados” pelo consumismo.

Deste modo, o ato figurativo muito utilizado nas redes sociais virtuais, de “curtir<sup>8</sup>” e de “compartilhar” as imagens técnicas expostas, no presente momento, seria uma nova forma de continuar a comungar com os preceitos capitalistas, uma vez que a era da imagem técnica continua a exigir o consumo de produtos reconfigurados para esse meio sob o mesmo discurso de um destaque social. Entretanto, ao reconsiderar uma metodologia que prega a existência de outros sentidos misturados a simbologias constantemente criadas e recriadas pelos sujeitos, é também possível considerar que, o processo de curtir pode representar significações contrárias, principalmente nessa época de participação e de reivindicações coletivas. Mas, o que seriam esses recursos? Na rede social, *Facebook* existem funções que permitem que o usuário aprove, comente ou compartilhe postagens publicadas. O curtir se refere a uma forma de aprovação

---

<sup>8</sup> O recurso que permitia publicar e visualizar imagens foi inserido no sistema em 2007 quando o aplicativo tinha 58 milhões de usuários. Já o botão curtir foi criado em 2009 para mais de 360 milhões de usuários cadastrados na rede. Fonte: G1 SÃO PAULO. *Facebook completa 10 anos; veja a evolução da rede social*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-completa-10-anos-veja-evolucao-da-rede-social.html>>. Acesso em: 15 julho 2014.

daquilo que foi exposto. Essa prática fica visível tanto para o autor da postagem, quanto para todos que fazem ou não parte da rede de relacionamento dos envolvidos. Esse ato simbólico está atualmente saindo da virtualidade e aparecendo no repertório vocabular da sociedade. Já o compartilhar se refere a possibilidade de colocar concomitantemente na linha do tempo do usuário, uma imagem de outros usuários ou de comunidades e ambos recebem as atualizações do produto imagético.



**Imagem 07: A função curtir e a compartilhar. Fonte: Facebook**

As duas ferramentas podem ser encontradas logo abaixo ou ao lado da imagem técnica e o usuário é livre para marcar ou não tais ações. Entretanto, por vezes, é quase que impossível não agregá-las ao perfil pessoal, devido ao apelo emocional que denotam. A finalidade quase sempre recai para uma visibilidade pública. Logo, quanto mais curtidas ou compartilhamentos ocorrerem no perfil de um usuário, a popularidade dele aumenta e conseqüentemente há uma elevação do *status* social na rede. O valor de exposição (BENJAMIN, 1987, p. 172 e 173) desses

artigos transmitiria um estado de pertencimento social, pois aqueles que se apropriam de determinadas imagens estariam em um seleto grupo de admiradores de um bem específico.

Mas, o processo de alienação defendido por Debord (1997, p. 31 - 33), que aqui aponto como intrínseco nessas relações virtuais pode ser visualizado quando noto essa migração de atividades habituais para uma vida extracorpórea, nos espaços virtuais. A exemplo é possível comentar que, usualmente, os sujeitos buscam por aprovações sociais no instante em que passam a acompanhar (e a consumir) modelos socialmente estabelecidos e aceitos, sem que se perceba que está corroborando para algo que está para além da vontade de escolha dele<sup>9</sup>. O alcance (a dimensão) do enraizamento de certos discursos dominadores é tamanho que mesmo não concordando com a proposta da rede social ainda é comum encontrar, nos usuários, essa necessidade de ver e de ser visto.

Em contrapartida (e com um olhar mais otimista para a situação), as imagens e as funções a elas agregadas também representariam as novas concepções de presença do homem no mundo, pois as relações existentes entre os sujeitos e a sociedade, que até agora foram vistos sob as ações dos dispositivos, podem ser observadas pelo ângulo da inevitável revolução tecnológica. Assim, os indivíduos, enquanto representados por imagens técnicas, ao utilizarem as redes como via de interligação de vontades, reconfigurariam as atuais formas de compreensão dos discursos sociais. Para Flusser (2008) há uma desintegração da sociedade em *pixeis* (fragmentações), por onde circulam em meio a uma retroalimentação (*feedback*), valores que realiarão a comunidade, a partir do processo da distração possibilitada pela rede social (e seus recursos). Mesmo assim, penso que ainda é possível transmitir conteúdos culturais àqueles que se valem da utilização dos meios virtuais. Logo, o curtir e o compartilhar ganhariam outra função que seria o de disseminar ou de "espectrar" funções da literatura (que é foco dessa pesquisa).

O próprio Flusser (2008) ainda discorre negativamente com relação a

---

<sup>9</sup> Compreendo nesse instante que é possível apontar que, a moda, no setor vestuário pode ser um exemplo para esse caso. É comum que um modelo de roupa se torne uma tendência copiada pelos sujeitos e ofertada pelas lojas comerciais, mesmo que esse modelo esteja fora dos "padrões" estéticos daquela comunidade. Geralmente ocorre da seguinte maneira: Uma modelo com um determinado estereótipo físico "vende" uma ideia de que para ser semelhante a ela, todas as mulheres devem adotar suas referências. Logo, aumenta a lei da oferta e da procura por bens que remetam diretamente à aquela pessoa que foi colocada como sinônimo de sucesso. Mas são desconsideradas as singularidades existentes em prol de uma "valorização social".

distração (ou dispersão) defendida, na atualidade, pela revolução técnica, a qual empurraria as pessoas para uma recepção passiva de imagens não analisadas previamente e que como consequência dessa inércia (ou alienação) deixam de exercer uma criticidade. Contudo, trabalhando sobre uma vertente oposta, a da reprodutibilidade técnica, Benjamin (1987, p. 193 e 194), contrariamente a Flusser (2008, p. 90 e 91), já apresentava desde o final da década de 30, a distração sob um ponto de vista positivo, ao argumentar que, por meio da distração oferecida (oportunizada) pela arte vinculada nos aparelhos de reprodução técnica era possível mensurar as percepções tais como mobilizar as massas a fim de convencê-los a efetuarem reflexões. Todavia, os tensionamentos gerados, nesse instante, entre esses pensamentos permitem um olhar "para fora" da técnica e dos limites dialógicos, por vezes dogmáticos e atentar para as novas concepções sociais que ajudam a enxergar o que emerge desses "confrontos" entre teóricos. Dita de outra forma, (re)adaptando e aceitando a visão de Benjamin (1987) também seria possível enxergar as relações sociais que emergem no ciberespaço, mesmo utilizando e participando da rede.

Chego à reflexão de que as redes sociais englobam pontos de interesses múltiplos como mecanismos de controle, ao viabilizar a comunicação entre os usuários. Ao se desvincular do valor de culto e para o valor de exposição (BENJAMIN, 1987, p. 172 e 173) deixando evidentes os dominados e os dominadores (BHABHA, Homi, 2011a, p. 153 - 155) tal como os aparelhos (FLUSSER, 1985, p. 13) que são utilizados para a constituição de uma malha heterogênea, a rede que manteria todos os seus membros "presos" sob as prerrogativas da aquisição de bens imateriais com valor social. Nesse contexto, e a título de comparação para o marxismo, o consumo se apresentaria como uma espécie de ratificação da alienação humana e o processo do "curtir" poderia ser traduzido de maneira semelhante como uma forma de satisfação de necessidades. O curtir e o compartilhar seriam um tipo de aprovação da sociedade aos atos que são praticados na *web* ou uma ânsia por uma validação das ações possibilitadas (programadas) no meio virtual. Uma extensão da vida contemporânea para a virtual sendo que, na segunda alternativa, é possível escolher e prever aquilo que se deseja revelar sobre a personalidade ou uma opinião, tornando possível a montagem de um perfil individual. Como resultado esperado, ambos poderiam ser interpretados como os aplausos que satisfazem egos daqueles que se apropriam

das imagens reproduzíveis ao repetirem as ações previsíveis pelo sistema, ou seja, um consumo alienado. Na esteira desse pensamento, Theodor W. Adorno (1978, p. 96) assevera que "a ideia de que o mundo quer ser enganado tornou-se mais verdadeira do que, sem dúvida, jamais pretendeu ser".

Na economia especulativa do século XXI, os novos operários (os consumidores) trabalham em prol de um repasse de maneira impensável daquilo que produzem. A mão de obra não é mais apenas valorizada pelos resultados obtidos, mas pela velocidade e amplitude longitudinal com que empurra os produtos. A rede viabiliza esses contatos. De modo análogo, também é possível descrever (ou imaginar) os motivos pelos quais as atitudes foram transportadas para a virtualidade, uma vez que os produtos são virtuais tais como o dinheiro, as relações, as especulações, enfim, o próprio homem e suas máquinas de produção e reprodução. Assim, a partir da colocação de Flusser (1985, p. 7) que diz que "o homem, em vez de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens", a reflexão suscitada é que o ambiente observado tido como democrático e dependente das imagens passa por uma obrigação comportamental do ver e do curtir em substituição do ter. E o ver seria um modo de estar presente mesmo sob formas de materialização modificadas para o meio. A era da informação impulsiona os sujeitos para um estágio no qual a aquisição do conhecimento não se resume a leituras e conquistas de objetos e/ou ações que denotem valor, mas a uma sensação de presença, participação e, sobretudo, de pertencimento.

Dessa forma, a imagem junto aos desdobramentos do uso que proporciona seria o caminho aberto para que os que dela se valem, mais do que falar sobre algo, possam discorrer mimeticamente sobre fatos pungentes na coletividade ou mesmo na esfera do pessoal e que ficaria para quem ouve (ou lê) a incumbência da imaginação. Flusser (2008) apresenta que a sociedade pós-moderna vive em função da imagem, devido à sua grandiosa necessidade pelo apoderamento e por se tornar mais fácil ver do que imaginar. Do mesmo modo, ao longo do século XX, outros críticos já apontaram em suas reflexões sobre a sociedade contemporânea a proeminência das imagens. Wayne C. Booth, em seu livro, *The Rethoric of Fiction* (1983), examina como o surgimento das mídias visuais como o cinema e a televisão engendraram profundas transformações nas convenções narrativas literárias, em que não bastava mais contar uma história (tell), era preciso mostrar (show). Jameson também chega à mesma conclusão em relação ao poder das imagens ao

deslindar as várias esferas da cultura contemporânea, ou pós-moderna, como ele denomina. Entretanto, o crítico norte-americano pondera que mesmo sendo uma cultura amparada pelo visual, outros elementos a exemplo do lingüístico perderam suas características que outrora lhe conferiam um prestígio social (JAMESON, 1996a, p. 303 e 304), transformando-se em uma cultura desinteressante. A sociedade midiática e alienada sob os aspectos mencionados se embasaria, portanto, na oferta de imagens prontas produzidas por técnicas que visam à produção de imagens reproduzíveis. Para arrematar, Flusser (1985, p. 8) define que "trata-se de alienação do homem em relação a seus próprios instrumentos".

Entretanto, contrariando em parte o discurso acima desenvolvido, ao trazer o pensamento de Michel De Certeau (1998, p. 91 - 106) a fim de aprofundar as reflexões sobre o tema (ou o aprofundamento de novos sentidos), é notado que há outras formas de entendimento para as relações existentes no meio virtual e suas decorrentes táticas voltadas para validações sociais. É importante não esquecer da pluralidade intrínseca ao ser humano de se reinventar durante momentos de tensão, na busca por áreas de conforto. Ao simplesmente resumir as colocações trabalhadas sob um único conceito (o da diversão), no qual os usuários estariam alienados por um sistema superior e regulador de normas e condutas, teoricamente estaria excluída a capacidade racional que detêm e, conseqüentemente, o livre arbítrio nas decisões que adotam. O "fazer diferente" se mostra, então, como o lema contra as relações de força existentes (os dispositivos), nos momentos de insatisfação ou mesmo inconscientemente, pois exerce as ações que pratica de forma astuciosa (semelhante à ideia de criatividade).

Mesmo não sabendo como decifrar as imagens técnicas, como argumenta Flusser (2008), no que se referem à constituição tecnológica impregnada às imagens, os usuários denotam valores que resultam em ressignificações próprias. Ao aproximar a teoria de Certeau (1998) para essa cena (aliás, Flusser (1985, p. 11) coloca que vivemos na era da cena), o mesmo entrega um fôlego para essa visão de sociedade dominada e mera repetidora de valores comercializáveis. Assim, o ato técnico de curtir ou não curtir uma imagem técnica, na virtualidade, poderia também ser visto como uma forma de refazer a conhecida arquitetura do consumo de acordo a realidade atual, na qual, o consumidor (usuário) se encontra. Os recentes usos aplicados aos materiais reproduzíveis seriam, então, uma resposta a tal capacidade humana de transformar (ou criar) "maneiras de fazer" mesmo submersos a

imposição do mercado. Raciocinando sobre esse contexto, Certeau (1998, p. 91 - 106) acaba desenvolvendo uma crítica a Adorno (1978, p. 92 e 93), no instante em que se limitou na descrição do comportamento humano esquecendo-se da possibilidade de que, no processo da retroalimentação, mudanças podem ocorrer independente do modelo comunitário aplicado pelo capitalismo. Ou seja, mesmo que o processo de entrada e saída impulsionado pelo mercado vise o consumo e resulte em parâmetros que conceituam sujeitos como socialmente aceitos, excluídos ou alienados, o processamento que acontece no meio desse sistema não é igual para todos. O que a visão de mundo se transformou e se faz necessária é que a produção também acompanhe esse desenvolvimento social, psicológico e cultural emergente com a pluralidade humana e suas identificações simbólicas. Em outras palavras, o curtir e o compartilhar podem ser observados de maneira contrária ao que prega Debord (1997) e seu processo de alienação social.

Sendo assim, após as contribuições trazidas pelos autores, o que se argumenta é que pensar no simbólico (diferente do real e do imaginário), seguindo a teoria de Deleuze (1972, p. 299), a partir das estruturas estudadas, é perceber que através do estabelecimento da linguagem humana se tem uma gama de articulações dotadas de significações nas quais a desconstrução de conceitos e a realocação dos signos resultam em novos saberes. A desconstrução concede a possibilidade de criação de novas significações (condição que se coloca para esvaziar o sentido da palavra). Para tanto, ao compreender o sujeito contemporâneo como produto e como produtor de significados se tem a oportunidade de não apenas criticar a realidade da linguagem, bem como por meio de um pensamento mais profundo emergir os discursos que estão no entre-lugar do simbólico, na casa vazia. Um lugar onde a mobilidade dos objetos que se configura em encontros e desencontros, em um paradoxo que impulsiona ao não-sentido, a uma espécie de metade que não se completa, porém que permite reflexões para entender o simbólico (ressalto que o simbólico, aqui, são as imagens técnicas).

Mesmo que as redes sociais virtuais sejam um meio que prega o divertimento nos momentos de lazer, agregando outros valores sociais, ainda sim poderiam ser consideradas como um dispositivo (FOUCAULT, 1979), não por limitar as ações dos usuários aos pacotes pré-programáveis do sistema, mas pelas relações de poder que se escondem pelo "não dito" do curtir. Se a proposta foi a criação de um espaço no qual tudo poderia ser dito sem punições, então não haveria uma preocupação

com aquilo que é escolhido para ser postado e, portanto, os perfis que não estariam preocupados com padrões sociais seriam largamente compartilhados. Contudo, geralmente só é postado o que será curtido, ou seja, aquilo absorvido positivamente pela sociedade. Isso não seria uma alienação de vontades possibilitada pelo sistema, mesmo em um ambiente que prega a livre distração? Sem uma prévia reflexão, os usuários transferem para a virtualidade conhecidos embates mercadológicos.

Enfim, assim se apresenta o ciclo do espetáculo virtual. Visualizo uma busca incessante por um espaço na sociedade, mesmo que para o alcance desse lugar seja necessário compactuar com certos ditames. A sedução é como a compra de um artigo que brilha nas vitrines mais conceituadas para que, ao serem expostas, curtidas e compartilhadas, nada mais importe para os usuários. Aliás, o ápice do compartilhamento é a notoriedade proporcionada pelo uso do aparelho. O espetáculo coloca o sujeito no centro do picadeiro à espera dos aplausos das massas. A facilidade de entrar nesse centro (ou ser jogado nele) é o que se diferencia nessa época de intensa reprodutibilidade técnica. A superprodução de imagens estaria diretamente relacionada a reprodução de indivíduos com diferentes ou iguais posicionamentos defendidos na contemporaneidade. Os modelos que são expostos pelas imagens criadas se tornam o combustível que nutre a indústria cultural (ADORNO, 1978, p. 94) a fim de desenvolverem constantemente novas condições para que os receptores não se afastem dela. A indústria cresce ao passo que mantém o prazer, o gosto pela fama, pela popularidade mesmo sob opiniões contrárias em um espaço coletivo como são as redes sociais, pois encontra ali um mercado que "necessitaria" ser constantemente abastecido por reificações que preenchem o *status* social do cidadão dito pós-moderno (ou se preferir, contemporâneo!).

Por fim, o que proponho para as próximas sessões é a saída de uma zona de conforto, transitar por movimentos e encontrar no balanço das idas e vindas, o processo que nos liberta para conhecer e entender o outro que existe dentro das nossas inquietações. É partir de margens limitadas pelo pensamento hegemônico e percorrer livremente pelos questionamentos que a própria linguagem humana nos chama para ter. Quando nos inquietamos procuramos por meio das possibilidades de observação, algo que não nos deixa na mesmice condicionada, a qual nos foi ensinada (ou ainda é) pelo sistema que rege a vida em sociedade e, que, por sua

vez, não interpreta com bons olhos, as transgressões ousadas advindas com a busca de novos sentidos para velhas conclusões universais, fechadas e amparadas pelo respaldo de filósofos canonizados. Um exemplo dessa subserviência é compactuar com um mercado que formaliza as ações que os sujeitos praticam de acordo com as escolhas expostas por uma minoria influente na sociedade. E, o curtir e o compartilhar seriam essas "formalizações sociais" que os condicionariam as redes sociais virtuais.

Deste modo, o pensar diferente se encontra nessa fronteira quando realocamos funções impostas e as transformamos com toques pessoais. É possível observar que, por mais que o consumo seja forçado para uma finalidade lucrativa para alguns poucos "privilegiados no sistema", as massas se reapropriam dos processos e os denominam, a partir das próprias necessidades. O curtir pode transparecer como um movimento alienatório, bem como representar outros sentidos como até, uma ferramenta de auto-afirmação e de movimentação social. O interessante é compreender até que ponto essas práticas podem e são manuseadas para esse fim e quais os caminhos são escolhidos. A minha proposta se firma na questão de que por meio das imagens técnicas e das funções possibilitadas pelo sistema (curtir e o compartilhar), os sujeitos conseguem construir identidades e conseqüentemente noções de pertencimento, principalmente quando o conteúdo desse produto reproduzível é pautado em fragmentos de uma literatura canônica. O consumo e alienação ganham, assim, outras nomenclaturas, mas continuam com as mesmas postulações.

## 2 UM “OUTRO” LOCAL SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE: O CIBERESPAÇO

A aquisição e/ou aprendizado de hábitos e de costumes ocorre, em algumas situações, por intermédio também da comunicação oral, o que não abandona os discursos invisíveis oriundos dos contatos hierárquicos, das leis criadas e repassadas com a utilização da escrita e da comunicação corporal. Diante desse último ponto, Paul Zumthor (2007, p. 81)<sup>10</sup> ressalta que “nossos sentidos, na significação mais corporal da palavra [...] não são somente as ferramentas de registro, são órgãos de conhecimento”. Tais conhecimentos e/ou experiências foram assim repassadas muito antes do surgimento da escrita e dos registros materiais atrelados ao uso dos meios de comunicação (desde os primitivos até os atuais tecnológicos), resultando, conseqüentemente, na produção e difusão do saber. Logo, em momento algum é permitido enaltecer apenas uma forma de busca e repasse de conhecimento em detrimento de qualquer escolha pautada em preferências pessoais por um meio de comunicação / informação.

Mas, partindo da comunicação verbal, o homem consegue transmitir para as gerações seguintes um conjunto de conceitos que culminam na formação de discursos e na organização de grupos que, geralmente, comungam das mesmas ideias. Ao discordar de algo, tende a buscar por outros membros que pensam e agem de forma semelhante. Indo mais além nessa linha de pensamento, e ao enfatizar que “a produção e recepção de formas simbólicas são processos que têm lugar dentro de contextos sociais estruturados”, o olhar antropológico de John B. Thompson (1995, p. 194) auxilia na compreensão do processo de formação de grupos em torno do conhecimento e da valorização de determinados elementos físicos ou imateriais. Essas organizações, que podem ser visualizadas de forma geoespacial, cultural, como também na atualidade, de forma virtual com a utilização dos aparatos tecnológicos, evidenciam a existência de diversidades que convivem paralelamente (com e/ou sem conflitos), prosseguindo com processo de transmissão de ideias com as quais os sujeitos tendem a se organizar socialmente.

---

10

Ressalto que nesse material, os escritos de Zumthor não serão trabalhados mais detalhadamente. Entretanto, se torna válido compartilhar com o leitor que, o meio virtual tecnológico também pode ser compreendido pelas performances e recepções deixadas pelos usuários. Essa visualização não é tão facilmente identificada, pois fatores como a falta de veracidade das informações podem interferir nos apontamentos levantados pelo pesquisador. Mas a leitura desse autor pode proporcionar familiaridades para aqueles que vêm o espaço virtual tecnológico semelhante as relações presenciais como eu percebo.

De tal maneira, o arranjo denominado sociedade (WILLIAMS, 2007, p. 379) engloba, também, formas de produção e recepção por meio de elementos que são escolhidos e classificados social e culturalmente, a partir do grau de importância que carregam: como efeito dessas “preferências” tem-se a constituição de estruturas sociais. Porém, o termo sociedade ainda abarca uma miríade de relações ainda mais complexas, pois não se reporta apenas ao ato de repasse de normas, condutas, ações e práticas que solidificam estruturas; ou seja, refere-se também ao sentimento de pertencimento a um grupo específico. É percebido certo contentamento em se reconhecer na figura do outro, na busca por um traço de identidade que une e aproxima os indivíduos, geralmente, em propósitos equivalentes.

Assim, a partir de uma observação incipiente das relações sociais atuais, reconheço nesse trabalho de pesquisa que os cidadãos que compõem desde as megalópoles até as pequenas cidades continuam recebendo as transformações desenvolvidas para uma coletividade e as absorvendo para dentro dos próprios limites do ser. A marca deixada para discussão seria, então, a maneira como o processo de absorção das novidades (no caso da pesquisa, as tecnológicas) que implicam diretamente nas questões de ordem culturais e sociais desembocam em formações identitárias (como veremos no próximo capítulo). Considero, por agora, que o processo das relações sociais responsáveis pela formação da noção de indivíduo (transportado para o mundo virtual), propiciado pelas tecnologias presentes nos meios de comunicação de massa, se apresenta como um sinal nevrálgico para as relações atuais e um universo de hipóteses suscitadas pela crítica cultural.

Quando Jameson (2001a, p. 20) expõe sobre a problemática do nacionalismo, o pensamento que emerge é que os sujeitos são “empurrados” para uma homogeneização social, sob a máxima da globalização financeira denominada de cultura que substanciaria uma globalização tecnológica, na qual os dispositivos que controlam as diretrizes mundiais tentariam mesclar as diferenças e quebrar as linhas imaginárias de segmentação geográficas, religiosas, ideológicas e culturais. Isso enfatiza, a meu ver, uma noção de que os sujeitos seriam manipulados por concepções externas aos próprios valores que carregam em suas crenças (o que sempre ocorreu na história da humanidade). A mudança se encontra no momento em que discursos homogeneizadores sucedem e incidem sobre os sujeitos, ou melhor, quando se repetem as intencionalidades hierárquicas, mas atualizam as

formas de submissão (e por que não pensar nas redes sociais como um meio ressignificado voltado para essa dependência?).

Marshall Berman (1986, p. 25 e 26) acrescenta que as tecnologias entraram no cenário pós-guerra e moderno como algo importante para os futuristas, a fim de que a maquinaria pudesse funcionar exemplarmente e o indivíduo permanecer resumido a simples execuções. Essa “redução” do ser humano se apresenta como uma importante questão moderna, pois o sujeito acaba aniquilado (para usar um termo adorniano) diante da responsabilidade (ou obrigatoriedade) do consumo daquilo que o sociabiliza, limitando outros pensamentos mais profundos. Dessa forma, as massas estariam condicionadas a produzirem desejos que o próprio sistema poderia satisfazer; em outras palavras, um círculo vicioso amparado pelas diretrizes mercadológicas globalizadas. Inicialmente, Adorno e Horkheimer (1985, p. 114) até concordam com essa máxima que explica tal retroalimentação do sistema como uma organização social necessária; todavia, colocam, como o ponto central do problema, a “racionalidade da dominação” que se esconde por trás da falácia do desejo que joga para a sociedade a (des)culpa pelo consumo.

Direcionando a atenção da pesquisa para um acontecimento mais recente, descrevo a internet<sup>11</sup> e a proposta atrelada de um pacote de serviço de envio e de recepção de informações de maneira rápida e eficaz como uma reformulação no conceito das relações da vida em coletividade. O ciberespaço é o meio no qual, hoje, também circulam as representações artísticas sob a figura das imagens técnicas favorecido por uma máquina de reprodutibilidade que alcança várias esferas da vida dos sujeitos, visto a facilidade de uso e de acesso. E (porque não dizer) aberta também para os princípios que fomentam a indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 118), como a aquisição daqueles bens/serviços que são comercializados “sem intencionalidade” a fim de que os sujeitos se sintam pertencentes a um meio (a um sistema). Já as redes sociais virtuais se apresentam (e nessa proposta de pesquisa delimitaremos os dois últimos anos<sup>12</sup>) como um marco social que divide o século XXI, em dois instantes: o antes e o depois do

---

11 De longe a rede mais utilizada nos quatro cantos do mundo (...) é uma rede bem antiga (começou em 1969 com o nome de Arpanet) que de repente se tornou moda e revolucionou os hábitos e costumes de todos nós. A internet não tem dono nem presidente, tão pouco sede ou limites geográficos. (GENNARI, MARIA CRISTINA, 2001, p. 198)

12 Essa delimitação temporal foi escolhida em virtude de que, aqui no Brasil, nos últimos dois anos, o *Facebook* foi (e ainda é) uma rede social virtual bastante utilizada; e também devido à facilidade de acesso às informações necessárias para a pesquisa.

surgimento e propagação da internet. Um espaço criado dentro de um universo (discurso) que abarca a todos sob a capa de um local acolhedor e democrático livre de estruturas sociais excludentes. Entretanto, é visível a presença dos dispositivos (e dos seus interesses mercadológicos) dentro da proposta de pós-modernidade encontrada nessas (trans)formações sociais e estéticas (JAMESON, 2001b, p. 142).

Por outro lado, aponto também que os novos usos atribuídos à tecnologia moderna permitem que os sujeitos cotidianos, “os receptores ou colecionadores de imagens” ou ainda “os funcionários ou criadores de imagens” (FLUSSER, 2008, p. 12), que optaremos, para esse trabalho de pesquisa, chamar de usuários se identifiquem com algumas imagens técnicas (FLUSSER, 1985, p. 10), as reproduzam pelo recurso do compartilhamento e lhes conotem outros sentidos. Nesse local por onde transitam as diversidades, o fluxo informacional chega, no formato fragmentado a um número cada vez maior de pessoas ou como preferir, um processo semelhante ao ato de produção e recepção de formas simbólicas existentes na sociedade.

Aprofundando no terreno do simbólico e trazendo a reflexão para o campo tecnológico, Flusser (2008, p. 126) aponta que “devemos imaginar esse jogo produtivo de informações dentro de uma rede dialógica, tornada hoje tecnicamente viável graças à telemática e seus *gadgets*”, como uma espécie de produção de simbologias vinculadas ao uso da tecnologia. Ressalta que não haveria, nesse ambiente, a geração de novas informações, mas uma releitura dos dados que fluem pelo sistema ou como uma nova estética (ou os seus autores) que se valeria desses fragmentos disponíveis via aparelhos, transformando-os em outros substratos. Para tanto, o sujeito contemporâneo, plural que pode se readaptar, criar formas e usos diferenciados a partir das ferramentas que possui, e ainda se manter vivo na sociedade, estaria obsoleto, haja vista que o interessante para o sistema seria a formação de usuários. Mesmo com tamanho pessimismo, não seria difícil concordar com essa reflexão, uma vez que até Jameson aponta como causa propulsora desse “aprisionamento via rede” todo um sistema montado e voltado para a captura dos sujeitos envolvidos através das sedutoras tecnologias “ofertadas” pela economia capitalista (JAMESON, 2001b, p. 114 e 115).

Assim, posso entender que as redes sociais virtuais enquanto mídias permissoras de misturas de gêneros, atividades e vários componentes sociais,

culturais e congêneres agregariam como função a construção de perfis que representariam possíveis personalidades para o seu “programador”. No entanto, devido às possibilidades de manipulação desse sistema pré-programado (mesmo que não prevista pela programação do sistema), as pessoas também a utilizam a fim de criar uma imagem de si e desta maneira, agradar (ou não) ao público que circula na *web*<sup>13</sup>. Isto posto, a arquitetura e a disposição de ferramentas de manipulação fazem desse “reino de liberdade visual” (muito embora contestável e utópica) um espaço paralelo à vida cotidiana dos sujeitos. Reafirmo que, mesmo compreendendo que “a existência humana teria mudado: de *homo faber* passaríamos a *homo ludens*” (FLUSSER, 2008, p.130), talvez esteja nesse lugar lúdico a posição de conforto para uma sociedade artificial pautada na reconfiguração de imagens de acordo às instáveis imposições sociais que, a cada momento, ditam diferentes “normas” de comportamento. Tal interpretação (vista pelo ângulo da dependência do meio tecnológico) seria a qual provavelmente explicaria os usos adotados nesses ambientes quando tomamos conhecimento (mediante as notícias que circulam nas mídias), do aumento no número de pessoas que utilizam (consomem) as ferramentas das redes sociais virtuais como extensões ou como um prolongamento das ações sociais praticadas de forma presencial. Chego a essa assertiva quando observo um demasiado fluxo de informações expostas nesses espaços e encontro conteúdos diversos, todavia sempre correlacionados a descrições pessoais amparadas por imagens que “tentam” simbolizar pensamentos, sentimentos, críticas e todo tipo de expressividade.

Sendo assim, nessa discussão que envolve a migração para a virtualidade articulada pelos aparatos tecnológicos, Lévy (1999) questiona se o ciberespaço seria uma proposta que visaria a descentralização dos grandes centros urbanos. Muito provavelmente, ao atualizar essa visão do final da década de 90 é possível afirmar a opinião do autor, em virtude das políticas econômicas aplicadas, no nosso país, nos últimos governos, que por sua vez ampliaram linhas de crédito incentivando o consumo sob o viés dos benefícios proporcionados pela substituição (LÉVY, 1999, p. 193) da presença física, já que para o ingresso nesse meio se faz necessário o acesso a equipamentos que mesmo na esfera virtual denotam noções de *status*. Essa medida, no instante em que exhibe os atributos tecnológicos quase como que

---

<sup>13</sup> Termo que originalmente indicava os sites, arquivos e documentos da Internet que utilizavam o sistema de hipertexto, mas que hoje se tornou sinônimo de Internet. (GENNARI, 2001, p. 386)

essenciais, estimularia o pensamento capitalista, o qual por meio da ideia de comodidade encorajaria a utilização desses aparelhos perpetuando os interesses mercadológicos dos dispositivos.

Aliás, tal forma encontrada pelos dispositivos apresenta um discurso desburocratizador quando atrela a ele todo um conjunto de conforto que enfaticamente, otimiza o tempo dos cidadãos (muito embora, Debord (1997, p. 121 - 129) discorde dessa colocação, pois para ele até o tempo livre está sendo comercializado). Talvez surja desse ponto, como mostra Lévy (1999, p. 191), o termo “acesso para todos”, que foca na ação do acesso ao mundo digital contra todo um processo de exclusão social, de desigualdades entre “info-ricos” e “info-pobres”, além de fomentar a interatividade por meio das redes sociais virtuais. Mesmo não significando mudanças concretas, as quais difundem o espaço virtual como superior ou melhor do que outros existentes, Lévy (1999, p. 192 e 193) argumenta ainda que:

Em cada caso particular, os instrumentos do ciberespaço permitem rumar para formas que atenuam a *separação* entre administradores e administrados, professores e alunos, (...) autores e leitores etc. Essas novas formas de organização cooperativa, hoje exploradas em diversos dispositivos locais ou internacionais do ciberespaço, têm como principal característica *valorizar e compartilhar* a inteligência distribuída em toda parte nas comunidades conectadas e colocá-las em sinergia em tempo real.

Compreendo que a proposta que emerge da colocação do autor acima enfoca não na substituição ou no distanciamento de elementos ou de funções entre os membros da sociedade, mas na busca por um equilíbrio resultante de um compartilhamento de conhecimentos entre os partícipes do ciberespaço; todavia, não excetuando que essa postura reflete uma tentativa de minimizar os efeitos danosos inicialmente postulados pela proposta da globalização tecnológica (JAMESON, 2001a, p. 17 e 18), no instante em que valoriza as particularidades dos envolvidos por meio da utilização das mídias (SANTAELLA, Lúcia, 2002, p. 44 e 45). A sinergia enfatizada por Lévy (1999) reforça possíveis benefícios suscitados com outros modos e usos (CERTEAU, 1998, p. 91 – 93) e a elaboração e utilização de novas formas estéticas encontradas nas imagens técnicas seria um exemplo disso. Segundo CERTEAU (1998) seria uma característica própria dos sujeitos, a capacidade de aplicar outras funções aos objetos já conhecidos quando esses por algum motivo perderam suas atribuições ou apenas, a tem funcionalidades distintas

para diferentes públicos que as utilizam. Ou seja, mesmo que aparentemente, a tecnologia tenha sido apresentada para a sociedade com um objetivo (inicialmente, a comunicacional e depois, também, a função da distração), a mesma todos os dias, acaba sendo ressignificada pela sociedade, a partir das quase infinitas possibilidades de uso encontradas pelos usuários.

Além dessa questão, outro ponto que se revela como um suporte para os argumentos ou ideais difundidos no ciberespaço é o da “democracia na rede” (LÉVY, 1999, p. 189 – 191) por meio de uma proposta que prega uma liberdade de expressão monitorada. Chego a essa reflexão quando observo a imagem dos financiamentos governamentais que afervoram a busca (a qualquer custo) por posicionamentos sociais maiores e melhores, na tentativa de reduzir as diferenças entre classes distintas. Entretanto, me posicionando sobre esse tema, é salutar que jamais haverá a eliminação de diferenças sociais uma vez que sempre existirão pontos sociais convergentes que segmentarão os sujeitos em um ou outro grupo. Esses discursos “apaziguadores” ou “niveladores” que tendem a diminuir as distâncias sociais por meio do consumo de bens (talvez, supérfluos?) por aqueles que acreditam que uma ascensão é oriunda do acúmulo (ou aquisição) de produtos lhes atribuirão visibilidade escondem outros interesses, a exemplo dos mercadológicos.

Recordo-me que, no início dos anos 2000, exibir um computador pessoal era sinônimo de prestígio (entre os membros da família, do trabalho e até da escola). Curioso que, mesmo sendo um aparelho barateado (até certo ponto) pelo sistema financeiro do país, a fim de que os sujeitos pudessem diminuir as diferenças sociais e se tornarem mais informados, o efeito provocado naquele momento foi justamente o oposto: somente poucas pessoas poderiam se aproximar do aparelho ou manuseá-lo. O computador se tornou um objeto de culto que, devido a sua “complexidade operacional”, não poderia ser compartilhado com aqueles cidadãos que não entendiam do seu funcionamento. Óbvio que ainda não existiam em grande número centros de treinamento (ou os conhecidos cursos de informática) voltados para habilitar tecnicamente sobre o uso dos equipamentos. Logo, aquele que era para ser um objeto de aproximação social era visto como um diferenciador social, pois quem tinha um aparelho em casa era considerado como “rico” ou como Lévy (1999, p. 191) denomina, os “info-ricos” e não havia nada de democrático nesse ato. Já com relação ao acesso à rede (ou a internet) acrescento que, hoje, foram

ampliadas as possibilidades de aquisição de um computador pessoal que deixou o patamar de objeto de culto para o de exposição fazendo uma analogia a Benjamin (1987, p. 172 e 173). Entretanto, ainda ocorre que mesmo sendo possível (de maneira técnica) acessar, postar, ou seja, publicar e visualizar qualquer tipo de material que é vinculado na rede, os conteúdos e as ações dos usuários são monitorados e até direcionados para determinados comportamentos. (o caso da proliferação das redes sociais e do consumo das imagens técnicas é o principal exemplo dessa assertiva).

Sendo assim, para finalizar essa sessão compreendo que o funcionamento das cidades dependeria do entrelaçamento de interesses sociais, culturais, políticos, financeiros dentre outros, já que os cidadãos contemporâneos, transformados em usuários, habitam as redes sociais virtuais e cada vez mais as “povoam”. Todavia, também percebo a presença das “mãos ordeiras” do Estado conduzindo a organização da vida virtual, principalmente por ele levar para dentro do ciberespaço noções, posicionamentos, atividades enfim uma gama de serviços que facilitam a vida. A difusão do conhecimento e da informação continua passando pelo binômio produção/recepção por meio das estruturas sociais vigiadas pelos dispositivos (FOUCAULT, 1979), e esta lógica se aplica também às redes sociais virtuais e não mais, apenas, aos órgãos de conhecimento (ZUMTHOR, 2007, p. 81). O ciberespaço se tornou um lugar no qual a sociedade também pode (e faz) outras estruturas comunitárias com semelhantes às encontradas nos espaços citadinos.

## **2.1 RELAÇÕES SOCIAIS E REDES SOCIAIS VIRTUAIS: UMA TRANSIÇÃO CONTEMPORÂNEA**

Discorrer sobre as experiências do homem em sociedade é falar das ações, dos medos, dos desafios, das representações, das simbologias; enfim é descrever momentos e movimentos nos quais os sujeitos estão presentes mesmo que de forma não corpórea. É adentrar por caminhos já percorridos e apresentados pelas histórias contadas por teóricos e/ou leigos e descobrir que existem pontos encobertos pela cegueira momentânea que nos acompanha. Todavia, essa mesma incapacidade de ver o que nos cerca em sua totalidade é a mesma que estimula a

busca por novidades que completem as lacunas, por vezes, existenciais, que compõem a vida dos contemporâneos.

Para tanto, as relações travadas entre o homem e o ambiente alicerçam a composição da vida em sociedade, pois tal situação ocorre desde quando os princípios pautados na subordinação entre os indivíduos para a realização dos trabalhos e o cumprimento de normas dogmáticas ainda se apresentavam de forma incontentável. O trabalho escravo, tal como as diretrizes religiosas que determinam as práticas sociais que deveriam ser obedecidas sob pena de punições, podem aqui representar esse pensamento. Essas situações não deixaram de existir em decorrência das transformações socioculturais, que resultaram em mudanças na relação entre o homem, o Estado e a Igreja (evidente que nos dias atuais existem leis que regulamentam o trabalho, assim como há uma flexibilidade quanto às escolhas religiosas). Mas o que se torna relevante ao trazer essa reflexão é o caso de que os contemporâneos preenchidos por proposições inovadoras (ou vendidas como tal por outros sujeitos) não despertaram completamente a fim de perceber que continuam amarrados por seculares aspirações sociais que tentam “organizá-los” em feudos pós-modernos.

Assim, quando Raymond Williams (2007, p. 379) descreve que,

hoje, a palavra sociedade é clara em dois sentidos principais: como o termo mais geral para o corpo de instituições e relações no qual vive um grupo relativamente grande de pessoas: e como o termo mais abstrato para condição na qual se formam as instituições e relações [...]

se torna interessante dissertar pelos caminhos apontados, pois ao evidenciar a questão da abstração e da generalização, Williams (2007) me permite que pensar sobre uma constituição social que não se forma unicamente pela vontade de alguns, mas também pela prática de muitos. Ou seja, as relações entre os sujeitos e as instituições sob essas duas dimensões abrangeriam pontos visíveis, mas também aqueles colocados sob um plano subsuperficial nas relações observadas.

A sociedade ocidental foi ensinada a acreditar que a Revolução Industrial reformulou o processo de troca de mercadoria no instante em que vinculou a força de trabalho operária a uma remuneração (salário), pois o que anteriormente se baseava no escambo foi substituído pela moeda. Mesmo não se tratando mais da importância ao tipo de material que era produzido e sim a partir de um valor

monetário, a moeda ressignificou toda uma cadeia que atribuía valor aos objetos. Houve uma fase em que homens eram trocados por outros homens, depois o escambo de animais, de excedentes cultivados para, enfim, uma constituição simbólica transferida para a moeda (devido à facilidade de acumulação, de transporte, de compra e de venda). Porém, o que se torna questionável, nessa compreensão unilateral da história, é que não é apenas o puro ato da troca, e sim, o seu produto (composição, origem e destino), já que é nesse objeto que está contido um grau maior ou menor de importância para quem o consome. Se antes a troca de mercadorias ocorria de forma a “saldar” as dívidas existentes entre os envolvidos, e o próprio homem já foi literalmente mercadoria, hoje, ele continua com essa função, mas as trocas denotam outros sentidos, ou seja, “ser mercadoria significa possuir também valor de troca” (TÜRCKE, Christoph, 2010b, p. 214).

Em meados do século XVIII, o que se presenciou na história das transformações sociais humanas foi uma imposição de interesses das instituições para sociedade (ou se preferir, entre a máquina e o homem). Ao empurrar para o consumo de bens industrializados aqueles que se encontravam enclausurados por concepções românticas de mundo, os dispositivos (FOUCAULT, 1979, p. 245) estavam também ratificando pensamentos voltados para uma homogeneização comportamental. Esse aprisionamento mental se descreve ao longo dos anos como uma forma de manipulação social que preservava conceitos e riquezas. As relações pré-modernas passaram pelo crivo da mecanização, forçando-as a uma “adaptação” aos, então, “novos tempos”, independente da aceitação das pessoas, pois o que importava era a produção e o consumo daquilo que era multiplicado através das máquinas de reprodução, em destaque, os objetos que se evidenciavam como sendo de arte (BENJAMIN, 1987, p. 165 e 166).

Todavia, se de um lado estavam os bens reprodutíveis, do outro estavam as suas matrizes, os objetos originais. Eram esses tais bens, dotados de valor, que as instituições julgavam guarnecer quando da restrição ao acesso pelo restante da sociedade. Assim, ao criar abstrações ou valorações para determinados objetos (materiais ou imateriais), as instituições estariam também fortalecendo prováveis segmentações sociais. Para a maioria dos sujeitos restava o consumo das cópias e não das peças principais do que a posse desses objetos cultuáveis que ficava para aqueles que representavam uma classe social superior, além do enriquecimento proveniente do consumo. Em decorrência desses argumentos, a reprodução em

massa, intensificada no século XX com o aprimoramento técnico dos meios midiáticos, ganhou um grande fortalecimento como uma forma de equiparação social na qual apenas a posse de um simulacro já valia como moeda de troca (o desfrute de um determinado bem automaticamente denota prestígio).

As instituições, segundo Williams (2007, p. 379), apresentam os processos de trocas visíveis entre os sujeitos e os dispositivos como um acontecimento inerente às práticas de convivência mútua, mas se torna possível por meio das abstrações (das simbologias) enxergar as subordinações sociais pelas quais sujeitos se submetem a fim de cumprir com as determinações das instituições. São tidas como exemplo, as apropriações de objetos dotados de valor simbólico resultando, para aqueles que as detêm, em um *status* diferenciado sobre os outros sujeitos que não as possuem. Como já foi citado, as relações sociais estavam, até esse momento, (século XVIII e XIX), fundamentadas em interesses mercadológicos que supriam as necessidades básicas do ser (o comércio dos excedentes é um exemplo) (TÜRCKE, 2010b, p. 218). Contudo, mesmo com o acúmulo de riquezas proporcionado pelo surgimento da moeda, ainda assim existiam elementos dotados de outros valores (BENJAMIN, 1987, p. 172 e 173) que não eram “comprados” a partir da soma de papéis com determinado valor financeiro.

Observando esse transcorrer histórico se tem que as relações sociais passaram por dois momentos: primeiro, o pertencimento a um clã familiar que supria coletivamente as necessidades dos sujeitos, a partir do trabalho manual. E, em seguida, com a mecanização advinda da Revolução Industrial é encontrado um homem que vendia as forças (físicas e mentais) do corpo por uma remuneração (por vezes, uma troca incompatível). Ainda lhes era proibido o alcance concreto aos objetos que, de alguma forma, atribuíam ares de supremacia. Assim, a falta de uma equiparação nesse processo de barganha era (ou ainda é) socialmente minimizada quando o discurso do “poder de compra” elevava a sensação de pertencimento social; logo, só restava o consumo dos bens reprodutíveis que possuíam a abstração (simulacro) de seus objetos originais.

Nas relações contemporâneas, o homem se tornou mercadoria, pois as instituições manipulam seus gostos, seus desejos e determinando posturas. Continua valendo, no século XXI, o binômio descrito por Williams (2007, p. 379) entre instituições e relações que compõe a formação de um conceito para a vida em sociedade. Mas ainda não é possível se desvencilhar de tais elementos

constitutivos, pois se a proposta de viver em sociedade é justamente a da troca, com a retirada de um desses pontos esse arranjo deixaria de existir. Sendo assim, e considerando principalmente as transformações tecnológicas ocorridas nas últimas décadas, o questionamento que emerge da análise dessa conjuntura é quem são os sujeitos de hoje? O que é ser contemporâneo quando ainda é possível visualizar os traços de ligação social voltados para a captura dos indivíduos por meio do consumo?

Para tanto, atrelar a concepção de Agamben (2009, p. 62) do que é ser contemporâneo a um pensamento pautado nas relações atuais é se permitir sair da obscuridade e enxergar o que está por trás da noção de consumo. Seria compreender o vínculo baseado no interesse mercantil, a partir das práticas comerciais como um atributo encontrado nos contemporâneos. É se desamarrar das conceituações morais, filosóficas, religiosas ou mesmo sociais para entender o que prende as pessoas a uma inércia ou passividade social (AGAMBEN, 2009, p. 63) e, quem sabe, propor soluções para as cegueiras imaginárias. Esse conceito de contemporâneo emerge da ruptura do sujeito cartesiano para o sujeito sociológico (HALL, Stuart, 2011, p. 34), no qual, o homem social encontrado atualmente seria o resultado do desdobramento dos infinitos encontros simbólicos que transitam na vida cotidiana. O processo de trocas (sejam elas comerciais ou não) sempre fizeram parte da disposição comunitária, mas isso não é motivo para não realizar reflexões necessárias sobre os resultados visualizados. Assim, ser contemporâneo significa (além de que os sujeitos vivem o momento presente – o século XXI) ter a capacidade argumentativa para compreender os processos que se articulam ao seu redor. E, quando denomino os sujeitos que fazem parte dessa “modernidade” como contemporâneos, quero acreditar que estas duas premissas se aglutinam.

Entretanto, a alegação de Hall (2011, p. 38), ao afirmar que “a identidade é realmente algo formado, ao longo de tempo, através de processos inconscientes”, apesar de correta não estaria diretamente ligada à noção de contemporaneidade; esse pensamento se ampara sob a diferença de que, enquanto o processo identitário se formaria a partir do inconsciente, a noção de contemporaneidade requer a compreensão daquilo que o incide. A partir dessa questão é possível transferir o olhar para a sociedade atual ao apontar a valorização de objetos virtuais atribuídos ao uso dos aparelhos tecnológicos encontrados na sociedade como um fenômeno semelhante ao que ocorre nas relações presenciais, pois é visualizado

que, mesmo transitando sob um campo heterogêneo de possibilidades a se apresentar quase que instantaneamente, os sujeitos ainda vivem amarrados por organismos (dispositivos) que se formam entre eles. Ato esse que acaba por fortalecer relações, no instante em que ratifica uma ordem e a coloca como regra, uma condição ou um mecanismo formador de uma identidade, mas não se um ser contemporâneo.

Observo que, por meio dos aparelhos tecnológicos (e conseqüentemente dos prestígios aliados à apropriação desses recursos), a sociedade cria um modelo identitário vinculando tanto ao consumo de objetivos valorativos (e nesse ponto se encontra a novidade) como a personalização do produto comercializado. Assim, as práticas sociais nas redes sociais virtuais (um novo ambiente comercial “pós-moderno”) viabilizam um processo identitário, quando amparam sob as ilusões do anonimato ou do ambiente impalpável, a formação de identidades montadas. O nome troca, agora é compartilhamento; a moeda se transformou no “curtir” (ou seja, quanto mais moeda, maior a riqueza. Quanto mais “curtires”, os usuários se tornam mais ricos e populares) e o processo de consumo foi (res)significado, transformado e exposto (postado) nas “*time lines*” pessoais. Objetos comuns sofreram adaptações: se reconfiguram como objeto virtual todo tipo de produto manipulável por meio dos aparelhos tecnológicos; ou seja, tudo que pode ser virtualizado se transforma, mais uma vez, em produto consumível.

Por fim, os artigos de artes que possuem valor pautado pela unicidade e originalidade passam pelas técnicas de reproduzibilidade (BENJAMIN, 1987). E é nesse instante que, o compartilhamento desses “artigos”, ou como aqui conceituamos de imagens técnicas (FLUSSER, 2008, p. 12 e 1985, p. 10), acabam denotando *status* social ao compor identidades virtuais a aqueles que as mantêm expostas em suas linhas do tempo. De todo modo, as relações sociais virtuais reconfiguram as relações sociais presenciais, quando (res)significam por meio de outras simbologias, os mesmos princípios que até pouco tempo se apresentavam de forma unívoca. Nesse espaço, a simbologia utilizada a fim de uma melhor performance no meio é o compartilhamento de imagens técnicas, atreladas a elementos valorativos, como a exemplo dos fragmentos de textos literários. Portanto, esse trabalho se reserva à observação dessas abstrações (WILLIAMS, 2007) que compõem a vida social, ao propagar uma imagem de homem contemporâneo (AGAMBEN, 2009) que, contraditoriamente, ainda carrega em si uma necessidade

de autoafirmação social atrelada ao processo de acúmulo de riquezas. É desse sujeito/usuário que transportado para outra esfera social constrói suas identidades a partir de um conjunto selecionado de imagens que, de alguma forma remetem às já conhecidas estratificações sociais urbanas.

## **2.2 A REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA QUE FOMENTA AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS**

Um interessante ponto de partida para tratar sobre a palavra rede não seria apenas pelo conceito apresentado sucintamente pelos dicionários escolares ou livros técnicos, pois a semântica contida no vocábulo extrapolou as interpretações hodiernas acerca do objeto. Em princípio, é possível caracterizar uma rede como a interligação existente entre pontos que visam, antes de qualquer outra coisa, a comunicação entre elementos distantes. Entretanto, a opção que se apresenta como mais condizente com o trabalho seria a leitura das reflexões de sentidos agora transfigurados que fluem por meio dos meios tecnológicos (e a rede é a interligação entre esses pontos) e que permitem a formação de novos ambientes sociais.

Sendo assim, com relação aos vínculos sociais, já se tornou perceptível que estes migraram de espaço e que as tecnologias propiciaram reformulações não apenas conceituais perante os modos de vida dos homens, como também implicaram o comportamento que deveriam expor (situação observada por meio das conexões existentes entre a sociedade e seus conceitos culturais). Ou seja, o espaço virtual (LÉVY, 1999, p. 49) tecnológico se vale de meios que redirecionam os sujeitos da vida cotidiana para outra esfera social. Todavia, essa conexão não fluiria se não existissem aparelhos que viabilizam a propagação de informações para um número cada vez maior de pessoas (que é uma função da rede) reconfigurando as relações sociais conhecidas. Recentemente, as redes sociais virtuais também atraem milhares de usuários sob a bandeira de uma sociabilidade descompromissada, por meio do uso de conteúdo tido até como arte (embora não seja). O que se torna questionável, no entanto, é a notável e incessante busca pelo consumo de determinados produtos virtuais disponibilizados nesse ambiente. O que se passa, por vezes, imperceptível é que o processo de reprodutibilidade e de

consumo de produtos é enfatizado pelos dispositivos de forma semelhante, desde o período de transformações sociais ocorridos após a Revolução Industrial.

Aliás, torna-se interessante lembrar que, até pouco tempo, os sujeitos que estavam “isolados” na própria cultura local, geralmente conduzidos por questões ideológicas/religiosas, passaram a experimentar o contato com pensamentos “diferentes” dos quais estavam acostumados. Esse “experimentar” se apresentou de forma imperativa desde que os modos de reprodução intensificados pela proposta da Revolução Industrial, no século XVIII, se proliferaram para outros lugares. A diferença que aponto é que, no século XXI, o resultado da maquinaria (agora, tecnológica) não se reporta apenas à produção de artigos palpáveis. A imaterialidade das duplicatas e a circulação virótica via rede, atrelada ainda a uma produção multifacetada (baseada em fragmentações), configuram notadamente em uma estética pós-moderna. As imagens produzidas sob o caráter de produto acabam recebendo *status* análogos aos produtos físicos. Contudo, mesmo com essas mudanças estéticas, Jameson (1996b, p. 16) assevera que estas não se referem a um novo momento, visto que as relações sociais ainda se amparam em fundamentos capitalistas, muito embora os consumidores, ou melhor, os sujeitos virtuais ou usuários, permeiem as redes sociais virtuais cada vez mais de maneira preponderante e “sempre experimentando” as novidades que o mercado oferece.

A prerrogativa utilizada (desde o século XVIII, mas presente e visível até hoje) para essa comercialização seria de um reordenamento social para aqueles que desfrutassem dos “momentos de transformações” sociais e culturais derivados do consumo (CAMPBELL, 2001a, p. 33). Essa situação ratificou e ampliou, por sua vez, a ideia da necessidade de viver de acordo com as tramas das redes criadas pelo mercado ou motivada por uma “emulação social”. Nesse sentido, é possível apontar a literatura (ou a reprodutibilidade em larga escala dos livros e de seus autores) como um exemplo de expressão artística que teve sua forma ainda mais transformada em produto consumível com essa conotação.

Tomando esse último ponto como referência e a partir de conceitos de base marxista, Benjamin (1987) argumentava que a reprodutibilidade técnica implicaria duas grandes consequências: a propagação de culturas e a perda da aura das obras de arte ao serem reproduzidas em grandes volumes para outros públicos. Para o autor ficaria evidente a ausência da aura mesmo na reprodução mais perfeita, pois lhe foi retirado o elemento temporal (o aqui e agora). Vale ressaltar ainda que, ao

tratar da reprodutibilidade técnica, Benjamin deixou claro que não era contrário aos avanços da maquinaria de reprodução, visto que “em sua essência, a obra de arte sempre foi reprodutível”, mas que no mesmo tom em que se multiplicavam as cópias perfeitas era perdido o caráter aurático da arte (1987, p. 166). Entrelaçando Benjamin a Campbell, percebo que houve (e ainda ocorre) certa necessidade em criar subterfúgios que de alguma forma aproximem interesses: de um lado, daqueles que desejam pertencer e do outro daqueles que oferecem meios para essa “conquista”.

Diante ainda de uma interpretação materialista, o trabalho de Benjamin (1987) possibilitou a busca por sentidos sobre as formas de como são produzidos os produtos conceituados como arte passando pela funcionalidade racional da obra. O autor assume as técnicas de reprodução como algo necessário para a exposição do trabalho do homem não como uma questão de aprovação, mas de constatação do ambiente. Ressalto também que, com a transição do valor de culto para o valor de exposição, que ocorreu devido a ênfase nos métodos de reprodutibilidade técnica (BENJAMIN, 1987, p. 173), também houve uma quebra na hegemonia do apoderamento do conhecimento, no século XIX, pelas influentes classes dominantes. Ao ganhar novas amplitudes, os objetos de arte acabaram se afastando do lado religioso do culto para o valor de exposição, reconfigurando, também, a função social que outrora lhe era atribuída (BENJAMIN, 1987, p.171). Dessa forma, na ponta desse raciocínio, identifico que, as redes de contato virtuais, na atualidade, intensificaram não apenas o acesso ao conhecimento por meio da propagação da “arte” (ou produtos que detenham um espectro de valoração semelhante ao aurático) como também a necessidade pela aquisição de uma cópia (simulacro) dela (BAUDRILLARD, 1981) para finalidades diversas, inclusive identitárias.

Como resultado, o que se observou foi uma aproximação entre o sujeito e o objeto por meio do acesso às produções artísticas, conceituadas como uma redescoberta do mundo sob outras óticas. Nesse momento é pertinente salientar que, ao apontar a difusão e o consumo do conhecimento como um interessante momento histórico e base para a presente pesquisa, emerge uma lacuna recheada por acontecimentos diacrônicos que servem de fios condutores e responsáveis pela formação de significados sociais, a partir da apropriação daquilo que é conceituado como arte ou como um produto com valor social. Em outras palavras, ao discorrer

sobre o processo de reificação, Jameson (1996a, p. 318) aborda sobre o “apagamento dos traços da produção” como uma forma encontrada pelos sujeitos a fim de encobrir a história da constituição dos objetos almejados. Essa espécie de manipulação se apresentaria como uma via capitalista que, na medida em que as características do produto são (re)configuradas, também é alterada a condição aurática do bem. O crítico norte-americano ainda assevera que “assim, para uma sociedade que quer se esquecer das classes sociais, a reificação nesse sentido de embalar-o-consumidor é realmente muito funcional” quando a “participação coletiva” via redes sociais virtuais é apresentada como um momento de livre exposição de ideias, por meio da apropriação de produções de terceiros que, de alguma forma transferem a titularidade (e o valor) vinculada ao autor ou a obra para aquele que tiver a posse (mesmo que seja uma cópia reproduzida). Ou ainda, como afirma Zygmunt Bauman (2008, p.18) e seguindo as regras do mercado, “os compradores desejam obter mercadorias para consumo se, e apenas se, consumi-las for algo que prometa satisfazer seus desejos”. E, nesse momento, considero que o desejo é de ser reconhecido por meio das escolhas imagéticas expostas (mesmo que de maneira involuntária) nas redes sociais com o auxílio das imagens técnicas.

Visto dessa maneira, torna-se possível visualizar as produções esteticamente pós-modernas que circulam nas redes sociais virtuais como um imbricamento do pensamento de Jameson (1996), Baudrillard (1981), Benjamin (1987) e Bauman (2008). A conexão emerge quando reflito sobre o processo de reificação como uma explicação para a produção de simulacros, em decorrência do forte uso das técnicas de reprodutibilidade. Quando Jameson (1996a, p. 318) se refere, inicialmente, ao “apagamento dos traços de produção” e que os simulacros descritos por Baudrillard (1981, p. 10) são cópias reproduzidas seriadamente, tem-se a reprodutibilidade técnica como uma fomentadora de todo esse cenário, ao propiciar a criação de produtos sem as características auráticas dos objetos. Entretanto, foi gerada uma “necessidade” quase que insaciada pelo consumo que nutre o convívio humano baseado na apropriação desses mesmos objetos (BAUMAN, 2008, p. 38 e 39) sem uma representatividade para uns, mas utilizados como indicadores sociais por outros (independente do círculo social o qual pertença).

Logo, cada vez mais, os objetos imagéticos (produtos da virtualidade tecnológica) encontrados na rede, de tanto serem multiplicados de forma viral acabam perdendo seus traços originais e se (re)(trans)formando toda vez em que

são apropriados pelos usuários; ou seja, um exemplo contemporâneo da ligação descrita no parágrafo anterior. O ápice dessa busca pelas fragmentações encontradas no meio seria, então, de uma identificação social atrelada a um objeto que denota um determinado valor (a bandeira do consumo capitalista) e representatividade no meio em que é utilizado.

Baudrillard (1990, p. 10 e 11) ainda ratifica que “a lógica da dispersão viral das redes já não é a do valor nem a da equivalência [...] mas circunvolução, uma involução do valor”. Por meio dessa dispersão viral compreendo como uma força impulsionadora pode espalhar para todos os lados, os elementos que transitam pelas redes, independente da carga valorativa que carregam. Mesmo em meio ao pessimismo de seus trabalhos, o autor aponta para reflexões que colocam o homem para pensar sobre os rizomas existentes, quando dessa explosão entre objetos e seus respectivos valores resultam nas atuais relações de contato baseadas em exibições virtuais pautadas nessa circunvolução de um valor criado por e para esse ambiente. Vale reafirmar que, para o autor, o conceito de capitalismo, de marxismo e de produção de mercadorias estão obsoletos. Em certo sentido, ao enfatizar que a cultura está viral em decorrência de um “estádio fractal” (BAUDRILLARD, 1990, p. 11), ele apresenta que qualquer que seja a repartição (fragmentação) dos elementos encontrados, os resultados obtidos sempre serão iguais e que dessa forma, o valor dos objetos estará em qualquer lugar (o que não deixa de ser uma produção capitalista, mas agora relacionado a uma virtualidade tecnológica). E para a proposta desse trabalho, até mesmo nas redes sociais virtuais são perceptíveis essas conotações valorativas. E, as imagens técnicas ganhariam sentido quando “espelham” a magia que detém por meio da composição elementar que apresentam (os fragmentos literários de autores canônicos).

Após todos esses pontos abordados, destaco como importante lembrar que, em cada época observada, é possível compreender as coisas a partir de posicionamentos diversos e que, na contemporaneidade, os sujeitos ainda procuram por objetos (materiais ou imateriais) que os representem de alguma forma. Tão redundante quanto essa afirmativa é apontar o uso da virtualidade por meio das atuais tecnologias com o uso da maquinaria quase que manual do século passado como uma (re)evolução dos meios que se destinam a reprodução de bens. Ambas as situações, independente da forma empregada para a reprodução de informações, somente alcançaram sucesso por se valerem das relações de contato existentes que

sustentam a viabilidade do processo de aquisição, troca ou compartilhamento de objetos valorativos, ou não, que circulam na sociedade, ou como iniciei a sessão, tais conexões derivaram da formação de redes de contato.

Assim, para finalizar essa discussão lembro que, a área tecnológica passou nos últimos quinze anos por transformações contundentes e irreversíveis, em virtude, principalmente, dos diversos investimentos econômicos, financeiros, políticos e sociais incididos diretamente nesse setor. Lévy (1999, p. 32) acrescenta que “as tecnologias digitais surgiram [...] como [...] novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transição, mas também novo mercado da informação e do conhecimento”. Os chamados novos sujeitos nascem mergulhados nessa proposta de mundo globalizado pelos meios tecnológicos e as técnicas de informação quase que dominam todos os espaços existentes nos quais, a sociedade está presente (SANTOS, Milton, 2011, p. 52), o que gera a formação de outros ambientes sociais por intermédio dos vários sentidos proporcionados pela palavra rede.

### **2.2.1 A relação existente entre o consumo, os dispositivos e os aparelhos nas redes sociais virtuais**

Como já se tornou perceptível, as técnicas de reprodutibilidade não estacionaram apenas na reprodução de objetos: elas também reproduziram em larga escala as máquinas responsáveis pela produção. Esse desenvolvimento industrial baseado na comercialização de tudo que pode ser transformado em mercadoria ampliou em certo sentido seu *modus operandi* em uma lógica que resultou no aprisionamento do inconsciente humano. Na atualidade, mais do que adquirir, por exemplo, uma cópia da obra de arte, o homem quer fazer parte da sua constituição, o que ampliaria as redes de dominação esboçadas pelos dispositivos por meio de uma persuasão mais psicológica.

Para não demonstrar o próprio condicionamento (LÉVY, 1999, p. 25) frente aos atuais usos atribuídos às tecnologias e seu pacote de gerenciamento que envolve até a vida cotidiana, ou mundo administrado para usar um conceito adorniano, o homem contemporâneo tenta demonstrar segurança (no sentido de conhecimento) durante o manuseio dos aparelhos como se esse papel,

aparentemente autônomo, lhe rendesse um *status* superior aos demais usuários. Isso demonstra que mesmo sob o viés da acessibilidade para todos (LÉVY, 1999, p. 191) existem hierarquias visíveis e invisíveis dentro de toda e qualquer rede social. Tais posicionamentos ou destaques concedidos aos sujeitos contemporâneos que se movimentam nas redes sociais transcorreram em virtude do desenvolvimento cada vez maior de produtos reprodutíveis e pela emergência na aquisição desses materiais. O que se verifica nesta conjuntura é o entrelaçamento entre cultura e mercado, imposto como um trabalho necessário para a sociedade. Assim, dois pontos requerem mais atenção, a partir desse pensamento, que aparentemente, se encontram invisíveis nas relações desenvolvidas por meio das redes sociais virtuais que são os dispositivos e alienação oriundos dessa relação unilateral.

Debord (1997) explicitou que, ao deixar de aplicar valor aos pontos que atribuem valor às obras de arte, a sociedade contribuiria para a perda da originalidade e da unicidade das mesmas, e que a utilização maciça das técnicas de reprodutibilidade resultaria em produtos consumidos de forma displicente pelas pessoas. O autor ainda defende que “com a revolução industrial, a divisão fabril do trabalho e a produção em massa para o mercado mundial, a mercadoria aparece como uma força que vem *ocupar* a vida social” (1997a, p.30). Com essa reflexão de que o consumo é a força motriz da sociedade contemporânea, o autor descreveu que ou os sujeitos viveriam à sombra da prerrogativa do trabalho coletivo, com a divisão dos ganhos e a conseqüente abolição das classes, ou sobreviveriam sob a empunhadura do mercado e do consumo que empurra como sendo esta a arma que liberta o sujeito das estratificações sociais.

Mais recentemente, Campbell (2001b, p. 58) considera que o ponto central das discussões sobre consumo se pauta na insaciabilidade decorrente de uma característica inventiva dos sujeitos. Em outras palavras, a sociedade atual não mais estaria sustentada apenas pelo consumo fomentado pelas tradições e costumes, tampouco pelo acúmulo de riquezas (CAMPBELL, 2001b, p. 61). Seguindo essa linha de raciocínio compreendo que as simbologias impregnadas aos bens materiais e imateriais (e também, aos imagéticos) denotariam *status* que também alavancam posições sociais. Por sua vez, as redes de relacionamento intensificam a disseminação desses elementos a fim de que os sujeitos “conheçam” novidades que são “criadas” por aqueles que se intitulam ou são intitulados pelo meio como referenciais que devem ser seguidos (copiados).

Mas, ao proporcionar uma visão mais depurada sobre objetos que carregam uma tonicidade de atributos valorativos, independente da natureza que carregam e do local que transitam, percebi que os significados empregados em um sistema normalmente são e/ou estão amparados por dispositivos. Por esse termo, Agamben (2009, p. 29) argumenta que é um conjunto linguístico e não linguístico que compõe discursos, instituições e tantas outras formatações que tentam explicar o homem por meio de modelos sociais ligados a uma rede de dispositivos. Pensando dessa maneira, a compreensão de que esse termo pode ser lido e encontrado em qualquer ponto engendra uma compreensão de que houve uma exclusão de relações entre os envolvidos ocorrendo apenas à captura e a submissão dos sujeitos por meio da aquisição de objetos. A sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997, p. 13 e 14) se nutriria da dessubjetivação (AGAMBEN, 2009, p. 47) gerada a partir do consumo pelo consumo daqueles que se encontram dominados pelo sistema (e na atualidade, a rede é o sistema) sem que momentos de tensão fossem notados.

Entretanto, ao observar a trama formada na antinomia dominados e dominadores, dois momentos merecem atenção: aqueles discursos visíveis (o perceptível) entre as relações de contato, como também o não dito desencadeado a partir da existência dos dispositivos. Ou seja, os discursos que permanecem na introspecção dos sentidos, mas que incidem diretamente nos envolvidos também fazem parte de um sistema social qualquer. Foucault (1979, p. 243 e 244), ao marcar os dispositivos como um conjunto heterogêneo, acaba identificando uma rede criada que entrelaça os elementos que compõe o meio analisado e que outras formas de discurso geradas dessas relações remetiam a tantas outras questões mais profundas. Dessa forma, a partir das relações hierárquicas com resultados visíveis (e previsíveis) poderia ter como consequência a formação de tensões ocultadas pelas ações dos sujeitos.

Ao incluir as interdições, os formatos que englobam o sistema (o espaço, as práticas e os discursos), Foucault (1979) considera que o aprisionamento não estaria apenas no ato do consumo, mas nas tensões circundantes. Portanto, se as relações de força são atribuídas em razão das redes construídas entorno dos sujeitos, os dispositivos seriam a própria rede e obedeceriam a um jogo imperceptível. Diante do que já foi colocado, o que difere o pensamento de Agamben em relação ao de Foucault tangencia o campo da heterogeneidade, devido às marcas deixadas pelos elementos traduzidos em dispositivos. Para Agamben (2009,

p. 43 e 44), a exclusão das relações de força perderiam espaço para a simples captura e submissão das pessoas por todo e qualquer aparelho. De posse desses conhecimentos enfatizo que a revolução tecnológica atual (uma espécie de nova era das técnicas de reprodutibilidade) deixou transparecer que nem tudo que está organizadamente exposto está isento de outros sentidos. E que, as relações sociais virtuais atreladas ao apoderamento de produtos reproduzidos pelas novas técnicas estariam substanciadas também por concepções que englobam interesses comerciais. Essa averiguação emerge quando recorro que as redes sociais virtuais utilizadas (ressaltando o *Facebook*) estão vinculadas ao mercado financeiro e, logo, possuem responsáveis pelo gerenciamento e sucesso do programa. Ademais, as tensões também se apresentariam nesse meio quando os usuários são compelidos pela própria sociedade para fazer parte do propósito da interface a fim de uma interação social.

Retornando a questão da reprodutibilidade, se por um lado, Benjamin (1987) começou a escrever acerca das consequências da reprodutibilidade técnica, Flusser (2008), por sua vez, apresentou resultados mais palpáveis para tais noções iniciais da “era da mercadoria”. Enquanto o primeiro argumentava a partir das implicações da autenticidade na obra de arte, mesmo sem condenar as técnicas, o segundo teceu críticas severas sobre os resultados das reproduções seriadas na vida dos seres humanos. Todavia, a dependência da técnica em ambos é notória, pois discorrem da mesma base que é a utilização das máquinas de forma incisiva na vida cotidiana. As críticas de Flusser (2008, p. 92 e 93) apontam para uma espécie de subserviência cega aos que buscam uma “felicidade” através do divertimento/diversão propiciado/a pelo manuseio dos produtos imagéticos (derivados das máquinas de reprodutibilidade). Mas, enquanto inconsciente de seus atos, os sujeitos funcionariam como máquinas de retroalimentação do sistema (da sociedade) suprimindo o interesse dos dispositivos e das próprias carências (e logo, não seriam contemporâneos). Assim, as imagens técnicas largamente compartilhadas nas redes sociais virtuais se referem ao mais novo produto dotado de significações que mantém vinculados indivíduos e máquinas sob dispositivos invisíveis, mas super dominadores, visto que os usuários foram transformados em máquinas de reprodutibilidade, quando multiplicam viroticamente por meio das redes, os produtos do meio de forma semelhante ao que ocorre nas relações presenciais.

Para Flusser (2008, p. 12 e 13) o que existe é uma sociedade composta por receptores passivos e por partícipes que montam (programam) possibilidades como se fossem escolhas livres e por um sistema (o meio) no qual, todos viveriam. Uma forma atualizada de exposição de um modelo social capitalista, com a finalidade de explicar o processo de utopia presenciado, já que haveria, na concepção do autor, a necessidade de criação de novas teorias que possam descrever as transformações emergentes. Tais transfigurações, por sua vez, empurrariam para a virtualidade, questões que envolvem tensões, dispositivos e aparelhos.

Mas, argumentando contrariamente ao pensamento de Agamben (2009), as máquinas sozinhas não teriam a capacidade de agir persuasivamente sobre os que delas se valem. Levanto essa controvérsia (que também é a de Foucault) ao visualizar que a conexão de dominância surge quando ocorre o consumo inconsciente e os sujeitos começam a atuar da mesma forma. As redes sociais virtuais se apresentam, nesse contexto, como o meio que permite a germinação dessas práticas automáticas, por meio da utilização (consumo renomeado de compartilhamento) dos produtos imagéticos. Para tanto, o que compreendo é que nem todo aparelho funciona como dispositivo, mas todo dispositivo é um aparelho. Os aparelhos são, portanto, definidos por Flusser (1985, p. 5) como o “brinquedo que simula um tipo de pensamento”, algo manipulado. E, o cidadão contemporâneo estaria rodeado por elementos persuasivos assim como por *gadgets* conectados as redes que, porém não criam opressões. Logo, não seriam os aparelhos que criam certas “dominações sobre os sujeitos”, mas as imagens produzidas por eles e que marcam a sociedade atual é que funcionam como geradoras de significados que podem proporcionar, ou não, canais de entrelaçamento com uma alta ou baixa intencionalidade. Assim, as redes sociais que surgem em decorrência das relações de contato engendradas pelo homem, nas quais também estão presentes as tensões de força englobariam instâncias que divergem, mas se completam entre o mercado e os consumidores que vivem nas cidades e no meio virtual (nesse último, disseminando-se viroticamente).

Por fim, o processo de subjetivação do sujeito que transita nesses dois ambientes nasceria quando esse quer fazer parte do sistema (ou, pelo menos, criar a ilusão de pertencimento) ao consumir os produtos reais e virtuais como forma de uma conquista cultural. Uma espécie de “tábua de salvação”, sem a qual não conseguiria definir o seu próprio eu. Não haveria uma obrigatoriedade declarada

para o consumo, mas um fluxo coletivo imperceptível que o condicionaria para a tomada de determinadas ações. Dessa forma, o sujeito emergente desse processo de subjetivação, mesmo pluralizado por conceitos que atendem a outros interesses líquidos, não apenas se abasteceriam primariamente das necessidades básicas do ser, como também por aquelas criadas por ele e para ele (e no caso, as imagens técnicas). E assim é vendida uma ideia de necessidade de aquisição de instrumentos que supririam aquilo que se encontraria escondido no pensamento do homem e das emoções que acaba revelando ou não. Aliás, as redes sociais virtuais estão sendo utilizadas como um espaço de ostentação intelectual (ou como prefiro apostar, em um campo de busca por noções de pertencimento), no instante em que os usuários, no pensamento de que estão compartilhando fragmentos de arte literária como forma de entendimento cultural, na realidade seriam apenas reprodutores de mercadorias tecnologicamente produzidas engendradas por um dispositivo chamado mercado, transfigurado na imagem de um aplicativo sob o nome fantasia de *Facebook* e dependente de aparelhos tecnológicos.

### **3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS FUNÇÕES ADOTADAS PELA LITERATURA DO SÉCULO XVIII ATÉ A CONTEMPORANEIDADE**

No capítulo anterior, minha proposta foi apresentar a virtualidade tecnológica, seus participantes e a interseção dessa relação de consumo que se baseia também pela apropriação de produtos que são criados a partir do uso das tecnologias. Concomitantemente, a descrição desses elementos abriu um espaço para discorrer sobre a função da literatura nesse ambiente, visto que aponto, para esse estudo, o imbricamento entre texto e imagem como um composto virtual que une usuários e os (re)significa de forma incisiva, na sociedade do século XXI. Para tanto, não seria suficiente apenas apresentar o que é encontrado hoje rotulado como literatura pós-moderna (ou contemporânea) e suas características descritas pelo cânone literário sem recorrer a um arcabouço teórico que remonta as transformações da(s) função(ões) da literatura (ou da escrita) nos últimos séculos. Esse trabalho de “retorno conceitual” sobre uso dos textos escritos como um viés norteador para uma sociedade se destaca como um proeminente caminho a fim de compreender sobre a maciça utilização da escrita literária no meio virtual tecnológico.

Todavia, antes de iniciar esse terceiro momento, mostra-se importante ressaltar que, mesmo que o foco da pesquisa sejam as redes sociais virtuais e os usuários nacionais utilizarei as postulações de autores tanto da escola francesa quanto da inglesa por entender que o processo de globalização (WILLIAMS, 2007, p. 429), o qual destrói fronteiras imaginárias (por mais antagônico que isso possa aparecer) espalha para todos os lugares, teorias, opiniões e situações que não mais se restringem as culturas demarcadas por uma língua. E, além disso, não devemos esquecer (tanto eu quando o leitor) que, enquanto país em vias de desenvolvimento, também somos “importadores” de diversos artigos palpáveis como também os imateriais, a exemplo das teorias canônicas, das “manias viróticas” e de modelos societários que, (re)constroem diariamente, as nossas identidades.

Também não estou na a busca incessante por um conceito para o que presencio textualmente colocado, na virtualidade, como literatura. Nessa sociedade plural, a qual monta e desmonta identidades, sujeitos e meios, a fixação de valores unívocos para a escrita encontrada nas redes sociais destoaria completamente à minha proposta de compreensão das funções atribuíveis à literatura desde quando

(fim do século XVII) foi instituída enquanto escrita ficcional. Desta forma, me posiciono de maneira a defender a ideia de que toda e qualquer escrita tem sua incumbência dentro de um espaço no qual é requisitada, independente de classificações canônicas. O papel que exerço nesse instante é de mapear os caminhos pelos quais percorrem os textos e apontar as utilizações que lhes são empregadas a fim de construir um panorama do século XXI.

Assim sendo, e começando em trajetória temporal, identifico que em meados do final do século XIX e início do XX, uma atmosfera diferente permeava a sociedade europeia em decorrência das impactantes transformações provocadas tanto no modo de experienciar quanto de conceitualizar a vida cotidiana. A Revolução Industrial engendrou uma Revolução Social, configurando uma noção de classe nos moldes Marxistas que, enfaticamente, mudou não somente os modos operacionais da vida em coletividade como transformou um pensamento consumista mais simples em um vínculo difícil de ser separado entre produto e consumidor, motivado pelo o que Campbell (2001a, p. 33) denomina de emulação social. No caso do acesso ao conhecimento por meio da aquisição de artigos literários, esse ato significava a possibilidade de entrar em um mundo marcado por uma história unilateral, mas com teor de destaque social devido ao fato de que a literatura, um século antes desse período, também passou por reformulações que realocaram seu papel de leitura ficcional para uma ideológica (EAGLETON, 2006a, p. 25 e 26) na qual eram encontradas produções que visavam uma formação distinta para os indivíduos (em questão, os ingleses) advindos dos destroços sociais pós-guerras.

Mas, o que compreendo, até então, é que a literatura apenas enquanto escrita ficcional, imaginativa (século XVII), ideológica (século XVIII) ou pautada em concepções românticas (século XIX), em um dado momento, não mais segurou a responsabilidade de transmitir por meio de seus textos apenas as vozes do público que a consumia, independente do interesse por trás desse ato (e aqui coloco como essas vozes, a da burguesia e da religião) (EAGLETON, 2006a, p. 33). As reformulações sociais pós-maquinaría reprodutiva também transferiram outras funções para os escritos, além daquilo que se propunha abordar em detrimento a falência dessas instituições ou dispositivos (FOUCAULT, 1979). Percebo que, ao final do século XX e início do XXI, o indivíduo que fazia parte da então “nova sociedade pós-industrial” se encontrou tentado a fugir dos padrões e se voltar para a exacerbação dos próprios sentimentos que os envolvem. Assim, ensaios, questões

filosóficas e ideológicas não mais sustentavam sozinhas as construções sociais que emergem, pois a produção de imagens cada vez mais ganha espaço, proporcionando reformulações no entendimento da função dos escritos literários. Consigo captar fortemente essas concepções, na atualidade, quando observo como a sociedade é representada nas novelas, nos filmes, enfim, nas produções cinematográficas e nas imagens (re)produzidas nos espaços virtuais tecnológicos. O próprio Flusser (2008, p. 15) enfatiza que “não mais vivenciamos, conhecemos e valorizamos o mundo graças às linhas escritas, mas agora graças às superfícies imaginadas”. Ou seria o contrário?

Antes do século XVIII, o que se tem registrado é uma escrita que automaticamente atribuía aos seus decodificadores (aqueles que sabiam ler e escrever), um amplo acesso ao conhecimento em diversas áreas como a filosofia, a gramática ou a matemática (ZAPPONE, Miriam; WIELEWICKI, Vera Helena, 2003, p. 20), sem que necessariamente estes textos possuíssem um teor literário. Mesmo porque, essa função só começou a ser definida depois desse período, quando o tipo de escrita artística recaiu sobre os textos de cunho ficcional e imaginativo nomeados de poesia ou prosa. A função literária começa a tomar outros contornos no instante em que nascem as “literaturas” de cada lugar (a inglesa, a francesa entre outras), sob o propósito de registrar as particularidades nacionais. E, a questão da erudição oriunda dos clássicos (gregos e romanos) se tornou evidente no momento em que deixaram marcas consideráveis, principalmente no que se refere à eloquência atribuída à arte da retórica.

Já sobre um importante ponto que fundamenta o romantismo literário, no final do século XVIII (mesmo sabendo que sua origem é alemã, mas a título de pesquisa pontuo a partir dos escritos Ingleses), Eagleton (2006a, p. 32 e 33) discorre que a presença dos símbolos encontrados nesses escritos serviu como pontos apaziguadores empregados como necessários a vida dos sujeitos daquela época. Uma espécie de tática de fuga dos “problemas” vivenciados durante os conflitos de (re)ordenação social por meio do contato com uma leitura que transferia os indivíduos para um universo paralelo e que, por sua vez, apresentava soluções para as desordens pessoais (ou definições para os sujeitos sobre o que são quando faltam as ideologias teológicas) e as sociais (quando a sociedade passa por processos de estruturação pós-conflitos). A literatura enquanto um artefato simbólico foi (res)significada em um clima quase que de pacificação, pois os sujeitos

(independente da classe que pertencessem, mas se se tratassem de mulheres e operários seria melhor) passariam um tempo “romantizando” modelos ou histórias que simbolizavam finais perfeitos para seus males, mantendo-se longe de conflitos<sup>14</sup>. Simultaneamente, a essa função de “entretenimento” a literatura transmitia os posicionamentos daqueles que as produziam, contendo valores morais e sociais, antes de responsabilidade da Igreja. Quando as instituições religiosas deixaram de “proporcionar o cimento social” (EAGLETON, 2006a, p. 35), essa tarefa passou a ser disseminada por meio da literatura. Outra crítica é que nesse instante identifique um processo alienatório (ou ideológico) (idem, p. 38) substanciado por uma medida que aparentemente era rotulada como um benefício para a sociedade (a leitura que ao mesmo tempo em que fortalecia uma língua impregnava valores sociais unilaterais), mas que serviu de manobra para ratificar os conceitos das classes mais abastadas sobre as classes operárias. A propósito, tomando emprestado a postulação de Benjamin (1987, p. 194) sobre a distração ofertada pelo contato às artes e refletindo sobre o momento descrito no século XVIII é quase que uma ratificação dos valores explicitados por Eagleton (2006) visto que, quando Benjamin (1987) defende que a função de entreter uma sociedade também pode trazer benefícios, nos possibilita observar alguns acontecimentos atuais (século XXI) que mantêm as características semelhantes: seja dito de passagem, o uso das imagens técnicas por mais que seja uma prática consumista como descreve Bauman (2008, p. 41) também oportuniza formações identitárias ou transfere ao portador um acalanto para as “mazelas” que presença na sociedade.

O que se torna latente nessa forma de representação social é o trabalho de intensificação do consumo de bens valorativos procedente de um mercado aberto pela reprodução técnica (o que não desmerece a importância e legitimidade das obras). Se de um lado existiam “produtos” consagrados por “cânones”, do outro se encontravam os cidadãos que foram moldados por um sistema montado, para o consumo especificamente desse tipo de conhecimento por meio de artigos dotados de valor (muito embora já aponto a inconstância dessa classificação) que os categorizariam socialmente, mesmo que pelo caminho da distração (BENJAMIN, 1987, p. 192 – 194). Outro momento importante é o da transição do livro (ou texto)

<sup>14</sup> Nesse instante vale uma reflexão: será que o tempo que é despendido nas redes sociais não teria essa mesma finalidade? Enquanto os usuários permanecem “ocupados” atualizando suas linhas do tempo, com informações e/ ou imagens técnicas não se manteriam longe de “problemas” sociais? Esse não seria a intenção dos dispositivos que controlam a rede? Ou os acontecimentos de Junho de 2014 (ou as manifestações de junho), no Brasil, provariam o contrário?

impresso para o digital. Mesmo que impacte diretamente na busca (compra) do produto físico, essa mudança provocada pela expansão tecnológica (a qual também pode ser traduzida como uma transformação de um objeto palpável em imagens consumíveis) praticamente não influenciou na diminuição da leitura. Acredito nessa afirmação, pois houve uma disseminação de todo e qualquer conhecimento via *web*, possibilitando, assim, que um número muito maior de sujeitos tenham acesso as obras. Entretanto, se torna inegável discutir que, por conta do excesso de informação que circula no mesmo espaço, as leituras se apresentam fragmentadas ao ponto do tempo ser insuficiente para o domínio de textos mais longos e complexos.

Isto posto, o que visualizo de mais inquietante daquela época descrita acima aos dias atuais se refere ao valor atribuído ao acesso à literatura (e exemplifico a canonicamente conceituada) que ainda não sofreu alterações em relação ao peso que carrega, nesse objetivo de transferir para o portador desse material cultural um *status* diferenciado perante os seus pares. Ressalto que, em nenhuma hipótese, diminuo a importância de outros tipos de escrita literária, mas o que destaco é um ponto conflitante discutido pelos estudos culturais (SANCHES, 2011, p. 192) no século XX, na tentativa de compreensão do social por meio das produções artísticas que agregam valores e simbologias. O valor ou a função outorgada à literatura enquanto manifestação artística, desde que proveniente de fontes aceitáveis, ainda se revela como um campo cuidadosamente questionado, pois a ideia de “final feliz” (um modelo capitalista) está presente quase sempre correlacionada às produções dotadas de simbologias que remetem à forma, ao belo, enfim ao esteticamente aceitável, denotando uma ordem e um sentido para o mundo vivenciado pelos sujeitos. Visto dessa forma, Eagleton (2006b, p. 17) acrescenta que:

“Valor” é um termo transitivo: significa tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos.

Mas a palavra literatura incorpora o sentido que hoje é conhecido somente a partir do século XIX, pois naquele momento houve uma (re)construção dos escritos até então familiares. Essa teorização ou especialização possibilitou uma separação das questões ideológicas daqueles trabalhos marcados pela criatividade. Como resultado, ocorreu a produção de textos mais objetivos em oposição aos de cunho

imaginativo. Zappone e Wielewicki (2003, p. 21) completam que “para ser literatura não bastava que o texto fosse bem escrito segundo o gosto burguês (...) mas esse texto deveria ser, de algum modo, a expressão da criatividade humana”. Ainda colocam que o desenrolar desse acontecimento ampliou a diferença entre os valores morais e os valores estéticos. Assim, foi nesse espaço que a noção de cultura humanística (2003, p. 21) se desenvolveu em virtude também da aproximação entre os autores e os problemas sociais, descrevendo-os a fim de publicar para as massas aquilo que a burguesia tentava esconder. Pontuo, a título de informação, as produções de Émile Zola (1840 – 1902), que elaborou seus textos de forma a criticar algumas mazelas sociais, em específico as condições sub-humanas que a classe operária era tratada, se valendo para essa tarefa de uma escrita descritiva. Todavia, essa noção humanista não mais se encaixa nos moldes societários atuais, visto que o processo de globalização dissolveu a ideia de identidade nacional ao ponto de não ser mais possível enxergar os problemas sociais de maneira isolada.

Em uma tentativa de se distanciar das simbologias sacrárias e ideológicas e sob uma perspectiva de “emancipação pessoal”, o século XX ficou marcado por uma necessidade de transgressão por parte dos indivíduos que se encontravam presos sob os dogmas sociais, como foi descrito acima. E, a literatura continuou a ser um veículo utilizado (mas ressalto e atribuo a importância também do cinema e da televisão – imagem e som) no trabalho de expurgação dos domínios do Estado. A exemplo disso tem-se as escolas literárias desse período que, em geral, propagaram a bandeira da desestruturação das definições de homem e do meio permitindo (re)construções simbólicas dos conceitos, por vezes, já consolidados, por meio da utilização do inconsciente, ou seja, das simbologias construídas mentalmente. A produção literária ou antiliterária (NADEAU, Maurice, 2008, p. 10) no surrealismo francês é um arquétipo dessa ruptura com padrões estéticos que buscou tratar sobre temas incômodos para sociedade ao propor uma liberdade de expressão estilística mais agressiva.

Todavia, ao passo que ocorrem reflexões sobre os materiais que são lidos, aumentam as chances de o sujeito enquanto leitor compreender o espaço do qual faz parte tal como sobre quais influências está submetido e que os condicionam para determinadas posturas. Para tanto, os estudos culturais, na segunda metade do século XX, auxiliaram na compreensão de que o processo de constituição de um texto decorre da desconstrução de outros textos, pois os trabalhos dos autores na

busca por melhores ângulos, para a defesa daquilo que acreditavam como verdades se iniciaram quando discordaram de posicionamentos conforme os que eram anteriormente defendidos pelos dispositivos. Os discursos construídos estariam, assim, inevitavelmente contaminados por influências de opiniões verticalmente impostas. E, para que essa interpretação ocorresse eficientemente, o leitor teria que estar preparado para uma leitura crítica, identificando as vozes dos autores que estão implícitos nesses discursos. Logo, a problemática que a abrange a questão da originalidade (BENJAMIN, 1987, p. 167) compreenderia não apenas ao ato de criação, mas o da interpretação.

Nessa discussão sobre a aceitação da literatura como algo que sofre influências intertextuais, mesmo que não apresente claramente a ideia do outro, Linda Hutcheon (1991) argumenta que se a obra proporciona sentido é porque já teríamos ouvido sobre o assunto. Acrescenta que “na verdade, uma obra literária já não pode ser considerada original, pois se o fosse, não poderia ter sentido para seu leitor. É apenas como parte de discursos anteriores que qualquer texto obtém sentido e importância” (HUTCHEON, 1991a, p. 166) e assim, o texto não mais apresentar-se-ia fechado, mas propiciaria diversos sentidos. Outra consideração realizada por essa autora é que, mesmo contida numa sátira, a paródia pode assumir contornos ideológicos, mas que continua a ser configurada como uma escrita dentro de outras escritas. Isso me permite compreender que seria por meio de uma ruptura inicial, na forma como os sujeitos são ensinados a ler e posteriormente uma reconstrução do olhar que podem realizar sobre as situações que os circundam, que permitiria a identificação de tais características atribuídas à escrita e conseqüentemente os interdiscursos nela contidos.

Assim, o processo de leitura do texto e o entendimento das entrelinhas dispostas transcorrem a partir do que Hall (2003, p. 354) caracterizou como codificação e decodificação. Segundo o autor, a mensagem passada possui interesses que vão desde a fonte que emite a opinião até os vários tipos de recepção que a mensagem pode sofrer ou desenvolver no receptor. Esse conjunto de significações e significados, codificação e decodificação, estaria relacionado para cada tipo de leitor a que o texto foi destinado. Cada sujeito interpretaria a literatura diante das estruturas e sentidos, das referências de conhecimento que adquiriram ao longo de suas vidas e dessa maneira esperava encontrar sua história representada nos escritos, fossem eles considerados canônicos ou não. No final do

século XX houve uma reconfiguração na definição (ou na função) de literatura, pois foram incluídas nesse grupo as narrativas, os testemunhos e a descrição de modos de vida.

Adentrando a contemporaneidade (século XXI), compreendo que o surgimento do pós-modernismo enquanto expressão estética também é caracterizado pela proposta de abraçar outras vozes que não eram ouvidas nas obras canônicas, por mais complexas e bem elaboradas que fossem construídas. Essa abertura para outros escritos, igualmente possibilitada pela maquinaria reproduzível, agora, tecnológica e virtualizada, permitiu a exposição de discursos que nem sempre se “enquadravam” em uma estética tão regular, muito embora, o valor indexado a esse tipo de material ainda seja contestável – transitivo e nem sempre diretamente correlacionado a um valor de exposição (BENJAMIN, 1987, p. 172 e 173). A escrita atual se reporta a um conjunto de características originadas de passagens históricas, sociais e culturais que, inevitavelmente, refletem por meio dos textos desenvolvidos uma gama de sentidos carregados por experiências pessoais<sup>15</sup>. Não é mais possível descartar os estragos após duas grandes guerras (além das atuais), da visão intertextual trazida pelos estudos culturais, do consumo desenfreado de artigos *Made in China*, do apagamento de culturas em decorrência da globalização e a formação de outros tipos de sociedade pelo mesmo motivo, a revolução e decadência política/social, a pobreza e a riqueza de algumas nações e por fim o uso constante das mídias digitais (e de todo material tecnológico).

Como resposta a todos os “acontecimentos” históricos trazidos, a percepção que tenho é que os textos estão cada vez mais curtos, fragmentados, composto por cores e sons formando imagens, emitindo sentidos diferenciados para cada sujeito que delas se apropria, ou seja, a escrita pós-moderna se apresenta como um emaranhado metalinguístico que reflete situações sociais, sem estar presa a regras formalistas, mas mantendo uma função libertadora. Assim, vivemos na era da imagem que, por sua vez, transfere os escritos para uma dimensão digitalizada, ampliando as redes de contado e proporcionando a (re)montagem dos textos. Em síntese, o que presencio é uma junção de interesses seculares, pelas quais as funções para a literatura se misturam empregando uma mobilidade ao seu conceito funcional ou uma nova forma de escrita (ou de exibição), mantendo um conteúdo

---

<sup>15</sup> Situação semelhante a escrita do século XIX: o ponto diferenciador entre ambos está na acessibilidade as obras tanto no que se refere a escrita quanto a leitura que nos dias atuais é infinitamente maior do que na referida época.

secular que nos leva a questionar o meio.

Argumentando contrariamente, Jameson (1996a, p. 303 e 304) pontua categoricamente que “é uma cultura essencialmente visual, ligada em sons, - mas uma cultura na qual o elemento linguístico [...] tornou-se descuidado e débil”. Não divergindo do pensamento do autor, mas confrontando-o, sem aceitá-lo deliberadamente, a sensação inicial (antes de considerar questões de gosto e estética) é de que, enfim, os sujeitos foram libertos de uma escrita canônica, das construções rítmicas e da obrigatoriedade de uma narrativa com personagens com histórias de vida distante das nossas. Entretanto, compreendendo o “elemento linguístico débil” como uma oposição a esse novo *status* da literatura contemporânea, meu papel enquanto crítica é de também observar esse ponto, visto que mesmo vivenciando um tempo de ousadias das artes literárias ainda encontro resquícios de uma concepção textual do século XIX que não perdeu seu *status* que denota um valor ou uma noção de pertencimento as obras de referência canônica.

Para finalizar esse passeio histórico sobre a(s) função(ões) da literatura nos últimos quatro séculos, o que ressalto é a presença do modelo romântico, novelístico e simbólico que persiste não apenas na escrita contemporânea como em outras produções que, de certa forma, representam a vida em sociedade. Uma necessidade suprida pela escrita ficcional/criativa que, tal como ocorreu em meados do século XVIII que “afasta” os sujeitos dos problemas que são normalmente encontrados, mesmo que por poucos minutos (o tempo suficiente para a leitura de algumas páginas de um livro ou nesse tempo de imagem/som, até o término do capítulo da novela). E ainda, uma característica social quase que independente do local do indivíduo no mundo, ou seja, não importa se estão em um grupo familiar, na escola ou nas redes sociais virtuais. Deste modo, as funções da literatura, por mais que se distanciem, em algum momento, de uma “qualidade linguística” (JAMESON, 1996a, p. 304) ou mesmo quando refutadas pela crítica especializada na atualidade, apresentam-se fragmentadas se (re)construindo a partir dos anseios, sejam de seus consumidores, leitores, sujeitos contemporâneos ou dos usuários cibernéticos.

### 3.1 OS DESDOBRAMENTOS OCACIONADOS PELAS “FUNÇÕES” ABARCADAS PELA LITERATURA NA CONTEMPORANEIDADE

Começo essa sessão compreendendo que a função atual da escrita é de ser uma amplificadora de pensamentos e de desejos, independente da forma, do meio e dos recursos para o alcance desses objetivos. A viabilidade para essas observações se deu quando me familiarizei, no tópico anterior, com parte do percurso trilhado por meio do uso da literatura como um identificador social que engendrou articulações, a fim de que houvesse uma proliferação de discursos voltados ora para uma ordem nacional, ora para uma ideologia ou ainda como um condicionador das massas.

Mas, como já foi citado, a formação de uma nova classe social leitora propiciada pela ascensão da burguesia e beneficiada pela Revolução Industrial trouxe também a possibilidade de uma maior propagação de livros e, dessa maneira, história e arte se popularizaram. Entretanto, quase tudo encontrado na sociedade pode (e é) transformado em produtos para o consumo, que pode condicionar os sujeitos a sempre esperar por uma novidade que lhe denote sentidos. Principalmente quando essa apropriação incide diretamente nas atividades em coletividade, pelo fato de transferir certo valor do objeto para a vida pessoal (situação presente desde o século XVIII (CAMPBELL, 2001a, p. 42)). Hoje, até o tempo nos parece curto e a busca por definições complexas sobre os fenômenos é atropelada pela ansiedade gerada em função da expectativa da chegada “do novo”, que também se apresenta de forma comercializável (DEBORD, 1997, p. 104 e 105). Uma característica mais do que sintomática da contemporaneidade ou, como define TÜRCKE (2010, p. 10), de maneira mais atualizada, da sociedade da sensação.

Aliás, a noção de sensação esquadrihada por Baudrillard (1990, p. 9) é a de que já experimentamos intensamente tudo o que acontece, pois o processo de libertação de posicionamentos fechados liderados pelo pensamento clássico possibilitou o alcance de um estágio de “pós-orgia”<sup>16</sup>. A espera do que se encontrará depois de tudo isso foi transferida para novos espaços e se as novidades não são visualizadas, então, a proposta é repetir o que já é conhecido em outros lugares, por outros meios. A emergência por uma oxigenação de valores, pensamentos e

---

16 Segundo o autor, os sujeitos ditos pós-modernos vivem uma realidade que permite a explosão de tudo que um dia lhes aprisionou. Há uma liberdade sexual, política, da arte, dentre outras. Em resumo, o que ele exprime com esse termo é que uma das características da pós-modernidade é uma permissividade de tudo que “aprisionava” o homem a concepções clássicas ou arcaicas.

modelos é premente, todavia, esses pontos se atualizam e voltam à sociedade como um “modo fractal de dispersão” (BAUDRILLARD, 1990, p. 10). A propósito, a tendência literária atual é a de justamente dar vazão a outros posicionamentos sociais que não se ajustam a uma literatura esteticamente convencional, pois sair das delimitações fronteiriças do ser e do espaço e abrir a mente para novas concepções se apresenta, agora, como a estratégia mais salutar para a quebra de paradigmas seculares. A contemporaneidade seria caracterizada por esse rompimento com as estruturas clássicas e engessadas possibilitando sensações múltiplas e intensas: pelo menos o que observo nessa prática de “libertação” é uma sensação de que tudo é permitido inclusive as rupturas com aquilo colocado como canônico.

Ainda para Baudrillard (1990, p. 10) (e ressaltando que esse pensamento advém da década de 90, mas ainda vivo nos anos 2000), a sociedade atual vive na época de simulacros e da falta de uma linearidade, uma vez que, se não há distinção entre o real e o imaginário (DELEUZE, 1972, p. 299), é também por não haver uma maneira sequencial do pensar. As relações sociais estariam sujeitas às novas regras que não incentivam a reflexões de sentidos e a não mais pela busca por verdades, já que para (DELEUZE, 1995 p. 15) as associações existem e estão por toda parte (independente da veracidade dos elementos, pois o que importaria era o consumo). Quando Daniel Lins (2008, p. 206) descreve que “semelhante à Internet, o rizoma é a coisa conectada a qualquer instante, em qualquer lugar [...] segundo a criatividade de uma gramática das invenções” compreendo que, independentemente do local no qual ocorrem as relações sociais, culturais, intelectuais ou baseadas em consumismos (BAUMAN, 2008, p. 31), o que emerge é que as interconexões ou os rizomas seriam ao mesmo tempo causa e consequência; isso porque, geralmente, nesse espaço virtual não há como saber de que lugar surgem nem até que ponto ou limite as ações podem chegar. Por outro lado, a falta de uma “linearidade” não provoca um estado de homogeneidade, o qual dificulta que os sujeitos consigam discernir sobre os simulacros que lhes são ofertados como imprescindíveis. Focando ainda mais no problema da falta de linearidade ou de sincronismo no que se refere aos atuais valores estéticos da arte, e a literatura é uma arte (e contrariando a insatisfação de Baudrillard (1990, p. 21)), esta rendeu uma maior dinamicidade à proposta pós-modernista, visto que nesse jogo de busca por outros sentidos intrínsecos e não revelados facilmente, não se

tem a fixação de uma centralidade canônica, seja no autor ou na obra literária.

Outro ponto interessante que é possível abordar a partir da atual forma de escrita – pós-moderna – se trata do processo de reificação. O juízo de valor empregado aos objetos e/ou ações vai muito além do valor monetário e do mérito aplicado às fontes de produção, dado que a mobilização investida para o desenvolvimento de um bem voltado para qualquer tipo de consumo implicaria o esmaecimento do passado que carrega (BENJAMIN, 1987, p. 228 e 229). Retornando à discussão iniciada no capítulo anterior, ao discorrer sobre a reificação da cultura, relembro que Jameson (1996a, p. 319) aponta que seria a partir desse lugar que se construiria uma escala de subalternidade na qual as segmentações sociais estariam pontuadas não apenas pela quantidade, mas pelo que se consome, ou como o próprio coloca, “uma separação radical entre consumidores e produtores”. Essa colocação fomenta um pensamento de que, às vezes, não importa a escolha do caminho tomado para chegar ao destino pretendido, mas com qual meio é possível chegar lá, a fim de que haja a produção de um estado de elevação social (uma sensação de pertencimento). E, no século XXI, os dispositivos (sejam Estado, Igreja, dentre outros) empregam uma demasiada importância no consumo de artigos, inclusive os literários, vinculados aos meios de comunicação de massa; ou ainda, como Türcke (2010a, p. 41) assevera, nessa sociedade “ter um perfil consumidor digno de nota significa *ser alguém*”.

Esse despreendimento de um modelo por meio de uma disposição que defende (inevitavelmente) o formato da reificação (ou seja, as imagens técnicas seriam o resultado de incontáveis reificações) também desenrola outro ponto: o enaltecimento das diferenças. Jameson (1996a, p. 357) comenta o “aparecimento de novos sujeitos [...] que de certa forma nem estavam lá antes, mesmo que suas vidas e seus corpos enchessem as cidades e que certamente não se tenham materializado de repente” a compartilhar as promessas da pós-modernidade. Se em outros tempos, os estereótipos encarnados nos personagens românticos detinham uma uniformidade, já na contemporaneidade, ao dar voz aos outros sujeitos que já existiam ou não às margens da sociedade, foi possível a explosão de uma infinidade de traços identitários que antes não eram reconhecidos. Ou como explica Hutcheon (1991b, p. 89), não se refere apenas a negar o passado, o que já foi construído, mas inserir outras (novas) situações observadas.

Assim, a pós-modernidade para alguns autores como Jameson (1996a, p.

322) se caracteriza como uma configuração apenas no campo estético que busca compreender a totalidade a partir de pontos menores, não considerados pelos discursos hegemônicos. Os textos literários e não literários (assim classificados pela crítica) possibilitaram também a contemplação de grupos e não apenas de sujeitos isolados na história, pois não mais permitiam a existência de um herói no sentido clássico (termo compreendido seguindo as produções da antiguidade greco-romana). Os *off-centros* (HUTCHEON, 1991b, p. 89) necessitavam de representações não apenas no plano político, no social, mas também no literário. E, os deslocamentos, as desconstruções e as desestruturas são agora também sinônimos de arte. O incompleto e inacabado passa a ser o modelo estético sob os novos olhares que buscavam por outros arranjos artísticos. Os textos fundamentados sob testemunhos de vida se mostram mais instigantes do que a simples leitura de textos puramente romantizados seguindo padrões estéticos europeus; o negro, o operário, a mulher, o homossexual enfim aqueles que estavam às margens da sociedade começavam a se fazer percebidos a partir daquilo que outrora não era abarcado pela literatura (prova disso é a confecção dos cadernos negros, das escritas femininas, das narrativas homoafetivas, como os trabalhos de Silvano Santiago, Caio Fernando Abreu, Patrick Chamoiseau, Édouard Glissant, Gisèle Pineau e outros).

Diante de tudo isso, o que considero válido salientar, principalmente por se tratar da proposta central dessa pesquisa, é que as comparações entre um tipo de produção literária ou de outra decorrem inicialmente e de forma enfática, a partir das mudanças nos sistemas de produção e circulação de materiais culturais. Desde então, as atualizações abarcadas pelo pós-modernismo são vistas por meio das transformações estéticas oriundas dos textos literários que passaram a circular em grande escala pelos mais diversos meios de comunicação/informação. Além disso, ressalto que os novos públicos leitores tiveram acesso às reformulações na educação (como a extensão do processo de alfabetização), possibilitando a leitura tanto dos chamados clássicos universais (aqui, os cânones) tais como esboçando constatações sobre o que faltava nessas obras.

Mas se engana quem pensa que o sonho vendido pela contemporaneidade em trazer para o centro todos que desejam visibilidade e prestígio está livre de outros sentidos, pois a sedução mercadológica é muito maior que a rebeldia inicial do movimento, tal como o número de sujeitos pertencentes. A metanarratividade

(ECO, Humberto 2003, p. 199) transcende o literário e a estética da arte é atropelada pela cultura de massas (ou seria transformada?). A literatura pós-moderna (no sentido estético) ou contemporânea (no sentido das narrativas) invadiu, desbravou e escancarou portas para as situações que estavam sob o tapete da moralidade, da rigorosidade técnica e das religiosidades que garantiam a “ordem no mundo”. Aliás, a palavra-chave foi justamente mexer nas ordens, produzir e permitir a produção de novos e outros sentidos que não aqueles conhecidos por um público específico (seria a tal “falta de linearidade”?). Permitiu ao homem crer que poderia escolher qualquer caminho e seguir ao seu bel prazer. Só, não sabia ele, que todas as rotas levam ao mesmo lugar (contradições metafóricas do pós-modernismo?) ou, como coloca Hutcheon (1991a, p. 165), “paródia não é a destruição do passado (...) é sacralizar o passado e questioná-lo ao mesmo tempo”, e que teria o mesmo sentido de ser contemporâneo para Agamben (2009, p. 62). Logo, até é possível correlacionar que as imagens técnicas seriam, hoje, uma revisão dos padrões estéticos literários sustentados pelos interdiscursos que, por sua vez, se valem das paródias (entendemos aqui como a fusão entre texto e imagem) a fim de ampliar (ou evidenciar) as particularidades intrínsecas aos sujeitos. E assim, política, estética e sexualidade assuntos que permeiam toda nossa experiência humana aglutinando as linguagens de maneira caleidoscópica se apresentam em todos os contextos, inclusive naqueles representados pelas imagens técnicas. Por fim é dessa forma de escrita que permite reinvenções, recortes, desmontes, ideologias, identidades e interferências independente do espaço, ou meios, que se valha para acontecer que o trabalho se insere.

### **3.2 A LITERATURA E SUAS PROBLEMATIZAÇÕES POSSIBILITANDO FORMAÇÕES IDENTITÁRIAS**

Desde o prólogo, até o presente momento, objetivei trazer para a discussão, um elemento que também compõe a experiência formadora da identidade dos indivíduos contemporâneos – a literatura. As simbologias que emergem por meio desse objeto propiciam hipóteses sobre a capacidade que os sujeitos têm em reformular situações encontradas nos textos e criar condições favoráveis que

justifiquem as ações praticadas em coletividade. O que argumento é que não somos donos das nossas próprias ações, visto que enquanto pertencentes a uma sociedade “organizada” por regras, leis e costumes refletimos aquilo que nos ensinam (ou condicionam) a fazer e, assim, seríamos compostos por intertextualidades (HUTCHEON, 1991a, p. 167) que, advêm das relações entre as experiências que travamos com o meio e das leituras que realizamos. Todavia, a aceitação de padrões regulamentadores que norteiam os modos de agir e pensar é um indicativo (mesmo que o discurso seja de uma sociedade dita livre) de que existem “forças reguladoras invisíveis” que monitoram, mas não tão completamente, ao ponto de inibir a capacidade de ressignificação de objetos, os quais, os sujeitos têm acesso.

A dúvida que emerge é que, se diferentes graus de importância são aplicados aos objetos (sejam eles materiais ou imateriais) ao ponto de determinar posições sociais (e ressalto a presença da literatura nesse âmbito de pesquisa), a quem caberia a tarefa de elevar o valor social de uma produção? A essa dúvida, acrescento a presença dos dispositivos (FOUCAULT, 1979) que reforçam a ideia de uma alienação (DEBORD, 1997) inconsciente ao expor aqueles que têm ou não direito ao consumo de materiais que resplandeçam notoriedade. De qualquer forma, compreendo que desde quando a escrita foi desenvolvida e disseminada, a mesma já proporcionava uma segmentação social que colocava, de um lado, os que sabiam e tinham acesso à leitura e a escrita e, do outro, aqueles que não mereciam conhecê-la<sup>17</sup>. Como já argumentei, o indivíduo contemporâneo agregou diversos valores simbólicos (DELEUZE, 1972) aos textos literários (como aos seus autores), mas essa incumbência de atribuir um peso diferenciado para um ou outro objeto não é outorgada a qualquer pessoa e, sim, a uma crítica especializada (que não deixa de ser condicionante).

De toda sorte, a literatura abarcou a tarefa de registrar os pensamentos, as histórias, o conhecimento de uma época, como também os discursos dominantes e o papel dos dominados. Bhabha (2011a, p. 153 – 155) apresenta um interessante pensamento quando enfatiza que, normalmente, é encontrado na linguagem do colonizado, o discurso do colonizador, por mais que esse tenha se libertado das

---

17 Apenas para exemplificar, recordo sobre a história do processo de colonização no Brasil que é composta por tais concepções de merecimento do acesso ao conhecimento a partir da relação de submissão entre negros e brancos.

amarras subalternas que possuía no passado ou o desejo de representação de suas conquistas mesmo que por meio de simulacros (BHABHA, 2011b, p. 118 e 119). Com base nos estudos culturais (WILLIAMS, 2007, p. 420 e 421), se tornou possível escavar esse indivíduo intrínseco sob o discurso dos dispositivos e mostrar que também é válida para a sociedade, a presença de outros que não se “enquadram” nos estereótipos homem, branco, europeu ou como se tornou comum ouvir (em alguns meios sociais até mesmo como na escola), os letrados que tem acesso aos livros considerados intelectuais e, logo, merecedores de respeito.

O relato de Hall (2011, p. 10 – 14) sobre a formação identitária dos sujeitos revela que as mudanças significativas que ocorreram na forma de pensar foram transferidas para a maneira de agir perante os outros cidadãos. Esse processo começou a acontecer quando, em um dado momento (século XVII), o homem (moldado por um pensamento religioso) sentiu (ou o condicionaram a agir dessa forma) uma necessidade de questionar o espaço no qual vivia, visto que as respostas teológicas não mais supriam as dúvidas existenciais que se revelavam em virtude das transformações sociais e econômicas da época, mas principalmente pelo surgimento dos aparatos motorizados que permitiram a realização de cálculos, a refutação de teorias (tal como criar tantas outras), além de aguçar a busca por respostas mais racionais a aquelas encontradas nos textos religiosos. O indivíduo (WILLIAMS, 2007, p. 229 e 230) começava, então, a reescrever a sua história no mundo a partir de recursos que lhe proporcionavam uma determinada segurança e, conseqüentemente, sua identidade começava a ser montada com base em dados comprobatórios (materiais escritos). Já no século XX, acredito que o salto maior promovido pelo homem foi de poder experimentar as transgressões, mas, desta vez, livre de culpas “pecaminosas” ou respaldadas em conceitos comprováveis pela ciência para, assim, sair das rimas da forma clássica, expor o corpo e a mente, sem regras. Retornando a uma exemplificação do início desse capítulo sobre o surrealismo francês, se torna relevante apontar que foi um movimento fundamentado na prerrogativa de busca por “sensações” que fugiam aos padrões estéticos, literários, sociais e familiares substanciados pelas pesquisas freudianas na época. Assim, os trabalhos de George Bataille e Salvador Dalí também podem ser vistos como uma ruptura das concepções clássicas daquilo que era classificado como arte (NADEAU, 2008, p. 9 e 10) quanto materializaram as suas manifestações mentais. Não igualando o feito desses artistas, mas captando a mensagem de ruptura, a

sociedade do século XXI não vivenciaria um outro período de transgressões?

Por conseguinte, este caminho escolhido pelos artistas e por aqueles que os imitavam, mesmo que por meio de simulações, os elevam para outras noções de pertencimento, resultando em uma descrição literária mais próxima da realidade (tanto dos pontos visíveis quanto dos invisíveis) de um homem contemporâneo. Em decorrência dessas rupturas socioculturais, Hall (2011, p. 10 – 14) discorre sobre 3 tipos de concepções de identidade que são: o sujeito do Iluminismo, o qual compreendo como sendo o mais racional, o sujeito sociológico, como aquele que se constitui diante das interações sociais que o circunda, e, por fim, o sujeito pós-moderno, formado por infinitas fragmentações instáveis por vontade própria ou como discutido até então, por uma tendência em modificar “suas identidades” em virtude das imposições dos dispositivos mercadológicos e sociais. Em síntese, posso categorizar que, todos os sujeitos hoje são rotulados seguindo essa última postulação de Hall visto que o pacote de transformações atribuídos ao processo de globalização transparece uma noção de pertencimento quando existe pelo menos um traço dessa conexão com outros meios.

Enfim, se surgiram outras maneiras de escrita (e hoje, os estudos culturais propiciam essa tarefa de considerar as produções que fogem de determinados padrões estéticos), é porque existiam leitores que esperavam por esse tipo de material, pois ver-se representado, na escrita, de alguma forma é entender que o mesmo existe para (pertence) à sociedade. Todavia, Evelina Hoisel (2008, p. 64) ainda ressalta que existem diferentes tipos de leitores: aqueles que empregam um olhar mais complexo sobre o texto e os que leem descompromissadamente. Partindo dessa afirmativa, compreendo que a função do texto literário se diferencia, também, em virtude da especialização cultural do leitor ou devido à acessibilidade a literatura por aqueles cidadãos com destaque na sociedade: um sinônimo de *status* social. Portanto, o consumo das significações intrínsecas na escrita, ganha outros aspectos que impactam diretamente na construção de sujeitos plurais contemporâneos.

A contemporaneidade se caracteriza por um aceleração do processo de trocas simbólicas culturais em decorrência da utilização dos meios tecnológicos de criação, transformação e manipulação de objetos imateriais. Esse “intercâmbio” possibilitou um maior contato com discursos distintos, ao ponto de ampliar os

conceitos sobre o que é colocado pelos dispositivos como um “modelo social” a ser seguido. Mas, vista a importância empregada aos textos (sejam eles literários ou não), a simbologia quando da apropriação dos sentidos ali expostos (sabendo que nem tudo que é produzido pode e será classificado como arte) e ainda compreendendo que as pessoas se apropriam desses escritos como uma representação própria, indago sobre a utilização da literatura como forma de definição identitária dos sujeitos contemporâneos. Esse questionamento emerge no instante em que visualizo entre os usuários virtuais traços, performances e modos que são atribuídos a personagens, a histórias ou mesmo a ações compartilhadas nos meios virtuais tecnológicos. Para melhor compreender essa construção, Nestor Canclini (2008, p. 45) apresenta ao mesmo tempo em que refuta ao colocar que:

Possuir uma *identidade* equivalia a ser parte de uma nação ou de uma “pátria grande” [...] uma *entidade* espacialmente delimitada, onde tudo aquilo que era compartilhado por seus habitantes – língua, objetos, costumes – marcaria diferenças nítidas em relação aos demais.

No trecho acima, o autor explica essa inutilidade do conceito devido às mudanças culturais, econômicas, políticas e sociais que incidem no comportamento, na localização e nas construções individuais e coletivas que os sujeitos contemporâneos costumam exercer, principalmente nessa época de “relações trans” (BAUDRILLARD, 1990). As identidades são (re)produzidas a cada nova leitura ou à medida que o leitor, o sujeito ou o usuário se especializa ao (trans)formar sua visão de espaço em um jogo (HOISEL, 2008, p. 67) que corresponde “ao descentramento dos binarismos e das dicotomias platônicas, metafísicas e etnocêntricas”. Em outras palavras, quando esses se permitem, por meio das ferramentas que possuem (e no caso, a literatura tanto auxilia como reflete tais mudanças), reformular significados apresentados como norteadores universais para as relações compartilhadas em sociedade é que criam suas identidades. Logo, quanto mais especializado for o leitor, maiores serão as condições que este apresentará para entender as reestruturações que ocorrem não apenas em espaços definidos, mas também nos discursos e nas fronteiras do imaginário (DELEUZE, 1972, p. 300 e 301). E isso é ser contemporâneo.

Não deixa de ser consistente quando recordo que o ato da escrita já é um artifício criado para estruturar materialmente um pensamento, mesmo que o ensino

do que seria um conceito para o termo literatura ainda recaia sobre um estereótipo de manifestação “fantasiosa” ou “criativa” (ZAPPONE; WIELEWICKI, 2003, p. 20) para (re)montar cenários que preencherão os discursos ali desenrolados. Entretanto, a escrita detém um poder por meio de seus códigos, de configurar uma situação e (re)constituir padrões linguísticos fora do formalismo (EAGLETON, 2006b, p. 6 e 7) a fim de auxiliar não em delimitações, como também em definições que facilitarão o recorte do objeto discutido. É nesse ponto que, mesmo se valendo de elementos imaginários e/ou simbólicos, a literatura mantém uma função que atrai os leitores a participar daquele espetáculo produzido, fundindo-os aos escritores da obra e resultando em apropriações que, por vezes, remontam os sujeitos e acabam evidenciando identidades intrínsecas ao ser. Assim, fantasiosa, crítica, criativa ou mesmo sem nenhum ponto de definição, o ato da escrita que fundamenta a literatura se apresenta como uma transcrição de valores ou um caminho para encontrar uma identidade.

É fato que essas transformações na forma de pensar do homem em sociedade, nos últimos tempos, permitiram reformulações nas atitudes e práticas sociais. Quando Hall (2011, p. 30) discorre que “o cidadão individual tornou-se enredado nas maquinarias burocráticas e administrativas do estado moderno” e que “emergiu, então, uma concepção mais social do sujeito”, foi sinal de que as relações sociais que passavam por reformulações irrevogáveis registradas pela literatura (a arte literária manteve uma grande importância ao sinalizar essas (res)significações). Assim, procuro compreender o que é encontrado nas redes sociais virtuais por meio da propagação das imagens técnicas que, por vezes, ressoam como um ritual de ruptura de pensamentos seculares ou como uma pausa para outras reflexões diante da utilização das novas tecnologias.

Mas como ficaram aqueles sujeitos que foram mobilizados a acreditar que o consumo de um artigo literário (geralmente canônico) os definiria enquanto sujeitos influentes na sociedade formando identidades respaldadas pela proeminência de uma cultura letrada? E os leitores ou consumidores que se encontram nesse ato de representação da própria imagem valorativa? Compreendo que o que importa nessa sociedade imagética (FLUSSER, 2008, p. 15) que vincula o sucesso das produções (e das pessoas) ao tamanho da visibilidade que alcançam e na qual, o *status* social que eleva o “lado culto” não está mais na absorção dos conteúdos, mas no acúmulo (porte) de materiais. Entretanto, o valor defendido na sociedade moderna é o valor

de exposição (aparição) (BENJAMIN, 1987, p. 173) e não apenas o do consumo

Carlos Silva e Débora Silva (2011, p. 16) relatam que “em meio a esse universo de bits, a literatura se apropria desses novos espaços de escrita”, pois é no espaço virtual proporcionado pelas redes sociais virtuais o local onde encontram elementos que permitem a montagem de uma identidade própria e virtual, a partir de produções manipuladas pelos usuários (as imagens técnicas que aglutinam textos literários a imagens). Mesmo com a mudança espacial, a formação identitária ainda está vinculada ao peso de determinados escritos (e seus escritores) proporcionando um sentimento de pertencimento, anteriormente verificado pelos estudos culturais. Logo, independente do local, se usuários ou se sujeitos, o que evidencio é que a literatura (e seus fragmentos) não perdeu sua importância mesmo se reconfigurando a partir de princípios pós-modernos, (ressalto aqui, a vertente da estética) visto que o sujeito contemporâneo é formado por variadas concepções, além daquelas socialmente aceitas pelos dispositivos. Por isso, se reinventam para estar em todas as partes, mesmo em lugares voltados para a diversão.

Mesmo auxiliando em questões até de autoajuda, o material literário compartilhado nas redes sociais virtuais, ao ser exposto, e sujeito a críticas, a especulações, e ao se tornar produto de autodefinição dos usuários, acaba retornando às proposições iniciais da literatura. O que percebo é que a formação identitária marcada pelo uso da “máquina semiótica” (SILVA; SILVA, 2011, p. 17) vem desenrolando, através da linha do tempo, a história de vida de cada um. A diferença é que, agora, as suas ações físicas/presenciais – as identidades virtuais, são apresentadas por meio das imagens técnicas compostas por elementos ficcionais ou que não podem ser convertidos em resultados desejáveis pelo usuário (situação inviável na vida cotidiana). Esse material permite que os interdiscursos, as intertextualidades sejam geradas e utilizadas pelos usuários que se apresentam como leitores ou como escritores da própria história, nessa permissividade característica da contemporaneidade.

### **3.3 AS IMAGENS TÉCNICAS, A LITERATURA E OS USUÁRIOS: A CONEXÃO FINAL**

Eagleton (2006a, p. 38 e 39) discorre sobre dois pontos importantes que

nesse instante servem de norteadores para esse momento final. Já pontuei anteriormente que, no século XVIII, sobre mudanças profundas nas “funções” abarcadas pela literatura quando na falência da instituição religiosa. Para tanto, além da dimensão vicária característica tanto da religião quanto da literatura, a essa última coube uma “tarefa ideológica” oportunizada pela experiência, visto que, segundo o autor, a “literatura foi, sob vários aspectos, um candidato bem adequado a essa empresa ideológica” (EAGLETON, 2006a, p. 37). Por meio dessa atividade (leitura cada vez mais popular entre a recém estabelecida classe média), os valores humanos universais seriam repassados para uma sociedade que necessitava de uma condução mental, a fim de que se mantivessem ocupados e não representassem ameaça para seu próprio povo. Assim, a emoção lançada pela literatura foi utilizada para proporcionar um estado de “cultura política” (EAGLETON, 2006a, p.38) ao instituir, comodamente, valores sociais. Quase que ao mesmo tempo, quando de posse do texto literário, os cidadãos do período citado, se apropriavam das experiências descritas nos livros como que se a transferência corporal ou mental dos leitores para as vivências ficcionais pudessem suprir suas próprias carências. Eagleton (2006a, p. 40) conceitua esse ato como “um tipo de auto-realização indireta”.

O retrato dessa época, particularmente no que tange à função da literatura, não se mostra muito destoante ao que presencio quando é possível apontar que o consumo de artigos/objetos/produtos literários ainda opera em uma lógica que promove via de regra a “fuga da realidade”, o escapismo, permitindo que o leitor possa mudar para outra instância social ou para o mundo de fábulas textuais (quando esse se torna mais interessante do que a realidade vivida da experiência cotidiana). Apresentando um argumento mais contundente sobre essa aparente utilização inofensiva da literatura, Adorno e Horkheimer (1985, p. 121) postulam que os sujeitos vivem uma “barbárie estilizada”, ou seja, que o processo de naturalização dos acontecimentos engendrado pelo consumo (e por trás dele, a indústria cultural<sup>18</sup>) substanciados nesses tempos de reprodutibilidade técnica, comprometendo ainda mais a autonomia dos sujeitos. Logo, aliar elementos encontrados nos textos canônicos as fragmentações imagéticas proporcionadas pela maquinaria atual seria

---

18 Para esse trabalho de pesquisa, optei por não desenvolver sobre o tema “indústria cultural”, por compreender que o foco poderia ser comprometido em virtude da enorme dimensão que esse assunto proporciona.

o caminho encontrado para uma forma de auto-realização, na contemporaneidade análoga àquela observada por Eagleton no século XVIII e XIX (2006).

Em todo caso, é inexorável dizer que o ato do consumo é presença marcada em todos os agrupamentos sociais, independente da função que desenvolva no meio. A compreensão desse jogo, ora baseado em interesses mercantis, ora em uma fixação social estaria na visualização dos símbolos preexistentes, na virtualidade das coisas e no entendimento de que existem subjetividades intrínsecas nessas relações. Todavia, um deslocamento visual me permitiu a identificação de outros sentidos nesse processo de utilização da literatura como um possível identificador social, no instante em que remonta a história de uma sociedade com os elementos que fazem parte do cotidiano, atrelado aos significados produzidos por cada um dos partícipes, independente do fato ocorrer de maneira semelhante ou não em várias comunidades. A mudança de posição dos elementos (no caso em questão, os sujeitos e o meio coletivo) que compõe o cenário observado (a sociedade contemporânea) resultaria em alterações nos significantes, transformando uma história em tantas outras diferentes, mas a partir dos mesmos elementos, com resultados diversos, implicando a natureza dos objetos e dos seres. Deleuze (1972, p. 304) completa que:

A estrutura é, em si mesma, um sistema de elementos e de relações diferenciais; mas ela também diferencia as espécies e as partes, os seres e as funções nos quais ela se atualiza. Ela é diferencial em si mesma e diferenciadora em seu efeito.

Dessa forma, o que proponho como reflexão é que ainda é mantida uma ideia romantizada, por vezes, novelística que imprime um “happy ending”<sup>19</sup> satisfatório para aqueles que consomem os produtos culturais (e a literatura faz parte desse seletivo grupo). A função que agora desenvolve se adapta ao que os sujeitos são “levados” a consumir: no caso, as imagens técnicas, já que a vida na virtualidade tecnológica se apresenta de maneira praticamente inevitável. Assim, compreendendo que os elementos ou os usuários continuam a construir suas

<sup>19</sup> *Happy ending* ou final feliz. Verifico por meio da pesquisa que há certa busca por elementos (midiáticos ou não) que refletem uma sensação de conquista, de felicidade ou de sucesso, nas linhas do tempo dos usuários. O final feliz que apresentam (ou que almejam) muito se assemelha a aqueles encontrados nos filmes *hollywoodianos* nos quais, apesar de todas as adversidades que a vida pode ocasionar, geralmente é encontrado no consumo de determinados produtos um subsídio emocional que justificaria qualquer problema enfrentado pelo usuário. Entretanto, saliento que a vida cotidiana nem sempre pode ser comparada a aquela que é representada pelos filmes.

histórias de vida tomando por referências os modelos encontrados nos escritos (assim como nos filmes, telenovelas, séries de televisão que, conjuntamente, constituem o grande meio formador e educador sentimental), a diferença, contudo, está nas formas utilizadas para se chegar até esse estado de identificação pessoal e conseqüentemente de realização. Aliás para se compreender o fascínio que empurra os usuários para o seu consumo inconsciente das imagens técnicas foi necessário desfragmentá-las em pedaços.

Seguindo o argumento de Eagleton (2006a, p. 38 e 39), ao compreender as funções desempenhas pela literatura por meio dos pontos da emoção e da experiência, optei por uma partilha baseada em duas questões: função e resultado. A proposta, então, é de compreender acerca dos motivos que levam os usuários a consumir algo impalpável. Do mesmo modo, isso me permitiu discernir certa necessidade por reconhecimento social por parte dos mesmos e não apenas para exposição de emoções ou a comparação de experiências. Como a pesquisa teve por base a observação de imagens técnicas com elementos (fragmentos) literários canônicos, as funções que a literatura já representou na sociedade resultam em construções identitárias construídas e reconhecidas pela praticidade proporcionada pelas tecnologias vigentes. Para tanto, a interseção desses dois polos foi a chave para chegar a algumas noções de pertencimento com as quais os usuários se nutrem nesses tempos de redes sociais virtuais tecnológicas.

Mas que identidade procuram ter quando se permitem participar desse “jogo” mercadológico que alia distração e elementos canônicos, em um simulacro? Ressalto que a virtualidade é um ambiente impalpável e as imagens técnicas um produto do meio e, logo, difíceis de serem mensuradas, catalogadas ou mesmo descritas. Assim, a partir das ideias de Bauman (2005, p. 23) nas quais

você só tende a perceber as coisas e colocá-las no foco do seu olhar perscrutador e de sua contemplação quando elas se desvanecem, fracassam, começam a se comportar estranhamente ou o decepcionam de alguma outra forma

compreendi que existem outros interesses nessa aparente diversão ofertada pelas redes. Acredito veementemente que os sujeitos contemporâneos (ou os anos 2000) começaram a se comportar “estranhamente” ao criarem uma necessidade em querer

aparecer para os outros sujeitos, agora possibilitada por meio da maquinaria ofertada pelas redes sociais. Não que esta seja uma atitude atual, e menos prudente seria pensar que uma identidade social, cultural que advém do consumo de produtos é característica restrita apenas ao século XXI, assim como, à constituição de identidades pessoais a partir das leituras e identificações com as personagens literárias encontradas nos escritos canônicos. Eagleton (2006a, p. 39) enfatiza que já no século XVIII, “a literatura devia transmitir verdades atemporais” que serviriam como alicerce para a aquela sociedade e ao mesmo tempo não os distanciariam dos dispositivos de controle; muito semelhante ao que é observado hoje.

Novamente questiono: o que faz com que os contemporâneos se submetam a tais e constantes novidades tecnológicas? Bauman (2005, p. 26), ao colocar que a ideia de identidade decorre da sensação da falta de segurança, recriada em uma realidade (nesse caso, uma identidade nacional), me fez refletir que a junção de várias imagens técnicas seria esse trabalho de criação de “mundo” paralelo para aqueles que se valem fortemente da virtualidade tecnológica. Entretanto, esse processo resultaria na formação de uma ou várias identidades pessoais, que são possibilitadas por conquistas escolhidas (imagens previamente selecionadas) e não mais por batalhas ficcionais encontradas prontas nos textos canônicos. Em outras palavras, é na virtualidade proporcionada pelos aparelhos que os usuários podem forjar suas identidades por meio de uma ficção semelhante à encontrada nos livros, sobretudo, nos romances. Tomam emprestado a magia das imagens e o espectro da literatura (não mais por meio de livros, mas de fragmentos), recriando assim outros universos, outros espaços nos quais é possível realizar as suas identidades.

Evidentemente que não é viável homogeneizar todos aqueles que utilizam as redes sociais como se essa busca por uma construção de uma imagem pessoal aceitável para a sociedade fosse seu único propósito. Até porque, insistir nesse pensamento significa ratificar a ideia de que, a globalização unifica e padroniza as diferenças em um único pacote de produtos comercializáveis e de origem indefinível. Teoricamente esse raciocínio está coerente, pois, com uma observação mais atenta é possível identificar que, a migração quase que compulsiva para as redes sociais virtuais exemplificaria o posicionamento acima exposto. Mas prefiro compartilhar com a escrita de Hall (2011, p. 70) quando ratifica que “todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas

de telecomunicação – deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais”, visto que se na época atual, as redes sociais virtuais e os elementos que a compõem são os meios oportunizados para construções identitárias, que unem (mas sem homogeneizar?) os sujeitos mesmo quando há um padrão que formata os usuários para o uso da rede social. Essa relação existente entre espaço e tempo, mesmo que engendrada por dispositivos não resiste completamente as imensuráveis aplicabilidades e funcionalidades que os usuários/sujeitos denotam ao meio (época) em que vivem.

Adentrando nessa problemática da funcionalidade, em qual momento a literatura que é reconhecida pelo seu caráter ficcional e apaziguador, voltada para a formação de uma identidade nacional se apresenta nesse ambiente? Quando trouxe para a pesquisa um breve remonte sobre as funções que esse tipo de escrita já desenvolveu nos últimos séculos (aliás, ratifico que não foi a literatura, mas quem se valeu dela que lhes aplicou funções) foi para explicitar que nenhuma dessas propostas atreladas ao ato da escrita deixou de ser identificada ou inutilizada pelo fato da transição temporal. Na contemporaneidade, (e lembrando da abertura oportunizada pelos estudos culturais) é possível encontrar traços ora mais contundentes ora sutis que se transformam em narrativas voltadas para diferentes tarefas como o entretenimento, a reflexão, a denúncia. Enfim, não há apenas o foco pela busca (continuidade) (HALL, 2011, p. 84) por uma identidade nacional, principalmente em decorrência da velocidade com que os fenômenos sociais e culturais ocorrem. Mas essas mudanças ou descontinuidades identitárias incidem quase que instantaneamente nos perfis sociais.

Assim, o que noto é que é possível trocar de imagens e reformular as informações repassadas, nas redes sociais virtuais, sem muitos contratempos, reconfigurando de maneira automática, características identitárias que, na vida cotidiana, levariam tempos para acontecerem (ou mesmo jamais se tornariam realidade). Bauman conceitua esses “novos sujeitos” como líquidos (2005, p. 32) devido a essa mutabilidade que mantém os resquícios (tradições e suas funções), mas os reconfiguram a cada mudança “solicitada” pelo meio (e por seus dispositivos). Entretanto, para que seja sentida uma noção de pertencimento, mais e mais pessoas devem fazer parte do sistema, compartilhando e curtindo as imagens, pois (BAUMAN, 2005, p. 32) “buscamos, construímos e mantemos as referências

comunais de nossas identidades em movimento” isso porque, (BAUMAN, 2005, p. 35) “em nossa época [...] “estar fixo” – “ser identificado” de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto”.

Entretanto, o que fica evidente na observação das imagens técnicas que nesse momento foram incorporadas na vida dos sujeitos/usuários como um “espelho de si” é que devido aos deslocamentos realizados quando da fragmentação, da descontextualização dos textos utilizados, não é mais possível denominar esse material escrito como literatura tout court. O que sobra desse atual remonte ou recorte de estética pós-moderna (pois muito se assemelha ao tipo de escrita desse período) é um sentimento de contemplação outrora já identificado por meio da literatura. Isso em virtude de todo um histórico conhecido pelo qual esse tipo de representação social já se prestou a realizar. Paira ainda uma ideia de ordenação que advém da busca por uma identidade que repercuta muito em função da perda do corpo físico e da conseqüente criação de um corpo virtual necessitando, para isso, de escolhas imagéticas que construam um perfil para o usuário. Mas, mesmo não cabendo definições engessadas que formatariam esse tipo de produto midiático, o que se percebe é um sentimento, ou como prefiro chamar, um espectro de uma escrita literária que perpassa os séculos e continua a envolver os sujeitos, os leitores ou os usuários de maneira a traduzir suas angústias, seus medos, seus pensamentos enfim, reconstroem identidades, mesmo que readaptada para a contemporaneidade, ou configuradas e baseadas em um fingimento das próprias características, nas redes sociais virtuais tecnológicas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recordando o que deixei registrado no primeiro capítulo que a escrita ou processo de “externação de si” como uma ferramenta manual foi e continua sendo uma paixão para mim, sem menosprezar, é claro, que, enquanto sujeitos alfabetizados que somos, ela é necessária e quase que insubstituível para a vida em coletividade. Entretanto, por vezes, me questiono sobre o(s) motivo(s) que leva(m) os sujeitos (encapsulados em uma delimitação social como contemporâneos segundo Agamben (2009)), a realocar esse ato que considero carregado de subjetividade em favor da apropriação de produtos formatados e padronizados proposto pela companhia “fria” das máquinas. Em hipótese alguma condeno a transferência social de descrição da forma como os sujeitos compreendem as relações das quais fazem parte por meio de uma utilização inconsciente de alguns recursos, até porque também sou “refém e usuária” dos “benefícios” advindos com as tecnologias.

Mas, certamente, a possibilidade de pesquisa, leitura e escrita para esse trabalho me concedeu, além de certo aprofundamento teórico, uma dose de amadurecimento. Pude assimilar que o estranhamento que percebi primeiro por meio de uma experiência própria e depois observando o comportamento dos que estavam a minha volta derivou da percepção de que há um esvaziamento do elemento humano em vários locais de relacionamento social. O fator chave foi compreender que os sujeitos/usuários observados para essa pesquisa (geralmente) tendem, a qualquer custo, se apresentarem para o mundo que os cerca por meio do pacote ofertado pela virtualidade tecnológica (e seus dispositivos): e as imagens técnicas fazem parte desses recursos atuais. Entretanto, ainda faltam (em minha opinião) elementos identitários que estão fora desse universo tecnológico e que também são necessários para os relacionamentos sociais a exemplo daqueles que são adquiridos por meio do contato presencial e oral. Em todo caso, essa compreensão surgiu quando comecei a identificar que ocorria uma troca da escrita construída nos diários pessoais e restritos para uma exposição de si, não dimensionável, das individualidades de cada pessoa, nas páginas públicas das redes sociais virtuais, a exemplo do Facebook. Por exemplo: se anteriormente ao surgimento dos computadores pessoais era “comum” as formações identitárias por

meio das relações sociais presenciais, na atualidade, essas formações também são compostas pelas apropriações imagéticas realizadas no ciberespaço. Após essas verificações, ratifico que é inquestionável que a captura de todo e qualquer instante, por meio de aparelhos que traduzem seus mecanismos em imagens estáticas e/ou móveis invadiram o cenário do século XXI. Se há um momento nesse século que pode ser (e considero) como o ápice da capacidade técnica humana, com certeza foi a criação e as constantes inovações dos meios de comunicação. Mas reflito: como fica a função da escrita nesse emaranhado tecnológico? Como e por que captar uma emoção e transformá-la em uma paisagem estática? Por que consumir uma imagem pronta se posso construir toda uma história a partir da minha escrita? Esses questionamentos se tornaram possíveis a partir das leituras teóricas que foram utilizadas para essa pesquisa.

Como já havia pontuado anteriormente, somente atentei para essa ruptura quando fui compelida a participar desse processo de “evolução” de maneira inquestionável. Aliás, não somente eu, mas toda uma sociedade que vive nas rédeas de um organismo denominado globalização foi (e é) empurrada para desfrutar das constantes inovações sem as quais não seria possível usufruir das “maravilhas” que os meios de comunicação tecnológicos têm a ofertar.

Assim, ao observar a chegada e explosão das redes sociais virtuais tecnológicas comecei a sentir um desconforto, pelo fato de que não sabia se estava transitando em um terreno formado por proposições reais ou por meras ilusões/mentiras, a exemplo das criações fabulosas montadas pelos usuários que participavam daquele ambiente. Aos poucos, fui percebendo que a forma de escrita que conhecia foi cedendo espaço para as “novas” imagens (situação já conhecida, mas enfoco nesse momento sobre as imagens produzidas para virtualidade). Não que os sujeitos fossem deixando de falar sobre si, mas a utilização das imagens servia para essa tarefa a contento. Notei também que, mesmo sem necessitar escrever uma linha, eram escolhidos fragmentos de textos de outros autores (e se fossem reconhecidos pelo seu status canônico ainda melhor) como se por meio desses houvesse uma descrição pronta sobre (para) as próprias necessidades.

Meu desconforto com essa situação foi o que me fez buscar, dentro do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, o espaço para que o assunto fosse debatido. Aliás, foi (e é) esse espaço de múltiplas visões que permitiu uma imersão

nas relações sociais. Concomitantemente, a busca por pontos de vista que ora divergem ora se assemelham aos meus, me oportunizou não mais apenas apostar em uma negatividade e submergir nas aparentes “intenções” das redes sociais virtuais e dos usuários desse ambiente tido como “meios reformuladores identitários” no século XXI. Para tanto, se me foi oportunizado esse aprendizado, acredito que o meu papel enquanto pesquisadora em crítica cultural seja o de difundir para a sociedade essa possibilidade de reflexão sobre os atos praticados, e não mais ser refém desse sistema de maneira automática e inquestionável.

O que expresso com isso é que iniciei a pesquisa com um olhar um tanto incrédulo para a situação, mas saio com diversos questionamentos que não me permitem defender nem os usuários, nem tampouco os sujeitos. Compreendo que viver a contemporaneidade, enxergar o que ocorre, poder falar e escolher o caminho que se quer percorrer, como forma de se encontrar no mundo, é ter uma identidade. Se para alguns é nesse local de múltiplas possibilidades inimagináveis que se satisfaz uma necessidade pessoal de ser aquilo que “gosta de ver no espelho”, que assim seja. E, contrariando minha desconfiança, chego então a outra reflexão de que nem sempre importa o lugar ou certas atitudes que empregamos. Se o que vale é o resultado extraído desses momentos de “felicidade” por que criticar a prática? O que faço, aqui, é ressaltar o processo de manipulação imbricado nessa “fábrica do faz de conta”.

O curioso dessa pesquisa foi enxergar que, se para mim leitura e escrita ainda se apresentam como veículos fundamentais para a formação identidade que construo diariamente, para outros sujeitos as imagens têm o mesmo valor. Todavia, ambos se valem de um bem comum: os fragmentos literários. Mesmo que repaginada para a década vigente, essa apropriação de escritos de autores renomados ratifica uma continuidade da importante função identificatória. Independente da classificação que carregam se ficcional ou descritiva, romântica ou sarcástica, visualizo que o importante é ver e escrever as trajetórias narradas da vida de cada usuário como em uma ordem novelística: ou por meio das palavras ou pelas imagens, mas o arremate final, geralmente, é o texto de um autor canônico.

Proponho após toda essa leitura uma observação mais aprofundada sobre a construção das linhas do tempo (time line) e das escolhas que são realizadas ao longo da vida. Já adianto que continuam as mesmas: a diferença, agora, é que há

uma alternativa, na qual se torna disponível controlar o tempo (mesmo que não seja mais nosso, como diz Baudrillard (1990)) e os acontecimentos, coisa que normalmente não é possível fazer. Assim, as linhas do tempo enquanto espaço no qual as formações identitárias podem ser analisadas e visualizadas mais facilmente, pelo fato da própria interface disponibilizar em um campo para essas composições, oportunizam as apropriações imagéticas que remontam a vida dos usuários de maneira cronológica, semelhante ao que era feito nos diários.

Mas, retornando a proposta teórica dessa pesquisa e dentro de todo esse pensamento acadêmico, elejo alguns pontos como os principais que acredito terem sintetizado, mas sem esgotar o que propus durante essas laudas: uma reflexão dos atos praticados pelos usuários na virtualidade tecnológica das redes sociais e não a busca por respostas sobre o que é visualizado nesse ambiente de maneira a aprovar ou reprovar o comportamento dos partícipes do sistema.

Começo a tecer essa rede dialógica pela palavra consumo. Aliás pergunto: o que não consumimos? Se a manutenção das relações sociais depende de trocas que mantêm funcionando, uma cadeia de interesses que ligam aqueles que ofertam, os que de algo necessitam, em qualquer ambiente, isso é consumo. Entretanto, a minha preocupação foi ratificada e gerou um “debate” teórico quando da observação de que o consumo de imagens técnicas poderiam ser uma influência vendida sob a prerrogativa da diversão encobrindo outros interesses mercantis. E os dispositivos (sob a ótica de Foucault (1979)) que controlam o ciberespaço seriam os programadores dessa sociedade virtual fazendo com que os usuários apenas “habitem” esse local consumindo modelos sociais prontos. A rede de relacionamento seria formada quando de um lado estão aqueles que foram moldados para sempre esperarem por uma “novidade” e do outro os que as promovem. O consumo indiscriminável incitado por esse vínculo de dependência geraria o que percebo nas relações sociais virtuais tecnológicas: uma necessidade de consumir tudo o que a interface oferta enquanto diversão em troca de um reconhecimento social mensurado pelos mecanismos do curtir e do compartilhar as imagens técnicas expostas.

Aliás, o produto comercializável – as imagens técnicas (minha segunda questão) construídas graças ao desenvolvimento dos aparelhos de reprodutibilidade técnica (tema esse abordado com propriedade por Benjamin (1987) e a base

fundamental para a minha pesquisa) é o elemento principal que propicia relações sociais compostas na virtualidade disponibilizada pelos aparelhos tecnológicos. O interesse, a valoração desse produto imagético está no valor que ele pode denotar àqueles que deles se utilizam a fim de criar um status de prestígio. Essa notoriedade se configura naquilo que é conhecido como noção de pertencimento favorecida pelo apoderamento de simulacros (BAUDRILLARD, 1981) que refletem sentidos quando o copiar e o colar de imagens técnicas, nas time lines virtuais, de alguma forma caracteriza o perfil do usuário. Para tanto, estabeleci como argumento que as imagens ganham um título de técnicas (mesmo que inerentemente, todas assim sejam) quando, segundo Flusser (1985), uma carga simbólica está agregada esse produto. A magia, como o autor coloca, estaria nos elementos que as compõem, na sensação de envolvimento entre o usuário e a imagem. Por fim, a cibercultura seria composta por usuários e imagens técnicas: um consumindo o outro ao ponto de fomentarem aquilo que conhecemos como o século XXI, ou a sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997).

E a literatura (o terceiro ponto)? Considero-a como a magia, o substrato que está por trás da simbologia das imagens técnicas. Ou melhor, não a literatura, mas o espectro que ainda ecoa nesse século, visto que o que se verifica não pode ser denominado como tal. Cheguei a tal reflexão após pesquisar sobre como esta forma de escrita foi “utilizada” com o passar do tempo e sob os interesses de quem as reproduziam (EAGLETON, 2006). Assim, reflito se esse espectro da literatura também não seria um resultado de todo o processo de reificação (JAMESON, 1996) pelo qual passam os elementos que de alguma forma são utilizados para nutrir a sociedade. De tanto se reproduzirem por meio dos aparelhos, perdem sua materialidade, suas características “físicas” (a transição do livro para o texto digitalizado pode ser um exemplo disso), mantendo, porém ainda uma função por meio de uma dimensão aurática (BENJAMIN, 1987) que assegura uma continuidade para as funções que a literatura já desempenhou. Com isso compreendi que a maquinaria que produz e reproduz todo e qualquer tipo de artigo sempre foi e continuará sendo utilizada sob o propósito de levar para aqueles que “necessitam”, os suprimentos que os identificam socialmente. Dentro dessa ótica, se torna relevante questionar se o “produto” foi tão manipulado ao ponto de perder suas características auráticas, se foi reificado e enfim se transformou em um objeto

corriqueiro, trivial, amplamente acessível e, logo, sem nenhum valor comercial. Mas presencio que o que vale para uma boa parte da sociedade é a repercussão ou representação social que ele denota ao seu usuário.

Para fomentar essa discussão no campo dialógico chego a reflexão de que a busca por um status social anteriormente visualizado por meio do consumo de bens com um determinado valor (geralmente de culto – (BENJAMIN, 1987)) foi ressignificada pelo termo identidade (a última questão escolhida). Essa, substanciada pela procura e apropriação de artigos que também desempenham uma responsabilidade semelhante ao que já descrevi. Novamente, as divergências ou atualizações se encontram, na contemporaneidade, nos “procedimentos” adotados nas redes sociais virtuais tecnológicas e não apenas na finalidade que se propõem a satisfazer. Logo, estando cientes dos atos que praticamos não importa se descrevemos ou narramos as impressões vivenciadas em espaços físicos ou virtuais. O que me surpreende é que se apropriar de algo como a literatura em um estágio espectral ainda se apresente tão valioso, mesmo nesses tempos líquidos (BAUMAN, 2005 e 2008) em uma relação social desenvolvida entre os usuários e as imagens técnicas, expostas no Facebook.

Para finalizar, ainda fica o questionamento se somos contemporâneos apenas pelo fato da utilização maciça dos meios de comunicação e suas variações tecnológicas que abrangem as redes sociais virtuais (retomando uma discussão que deixei ainda no primeiro capítulo dessa pesquisa). Talvez ser contemporâneo esteja na compreensão de que os sujeitos vivem de acordo com o que é disponibilizado na atualidade. Acredito que, se a tecnologia que hoje é difundida estivesse inserida no século XIX, com toda a certeza, as pessoas fariam o mesmo uso que visualizo. Isso não se traduz em uma conformação sobre as transformações sociais quando aponto que houve uma substituição (ou mudanças) na maneira com são tratadas nossas formações identitárias. Verdade seja dita, tratam-se de mudanças não solicitadas, mas impostas de forma oculta pelo viés do consumo da tecnologia em prol de um sucesso social. Entretanto, sem tais reformulações sociais, provavelmente nem teríamos passado para a escrita no papel. Assim, afirmo até o momento ter alcançado meu objetivo e estar satisfeita em reconhecer que nos reformulamos a todo instante, independente do local escolhido para essas manifestações. Com toda certeza, também eu serei representada por alguma imagem técnica, na minha time

line. Sei que esta será curtida e compartilhada por aqueles que fazem parte da sociedade que escolhi montar. E, já que também posso criar minhas próprias imagens encerro esse momento de pesquisa (mas não de reflexões) com um exemplo que posso continuar a construir a minha identidade a partir das experiências que vivi e narradas pelos textos que li.



**Imagem 08: Imagem técnica de Taíse Alves**

**Fonte: Foto registrada em uma viagem a Porto Alegre para apresentação de trabalho na UFRGS, durante o curso de mestrado no pós-crítica. Setembro 2013.**

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **A indústria cultural**. In: COHN, Gabriel. *Comunicação e indústria cultural*. 4 ed. São Paulo: Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **A indústria Cultural: o Esclarecimento como mistificação das massas**. In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo?** In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução: Vinícios Nicastro. Chapecó: Argos, 2009.
- BACHELARD, Gaston. **A noção de obstáculo epistemológico: plano da obra**. In: *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- BAUDRILLARD, Jean. **Após a orgia**. In: *A transparência do mal: ensaios sobre os fenômenos extremos*. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Campinas: Papirus editora, 1990.
- BAUDRILLARD, Jean. **A precessão dos simulacros**. In: *Simulacros e Simulação*. Tradução: Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. **Introdução: o segredo mais bem guardado da sociedade de consumidores**. In: *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Consumismo versus consumo**. In: *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas*. Volume 1. Tradução: Sérgio P. Rouanet. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERMAN, Marshall. **Introdução: modernidade ontem, hoje e amanhã**. In: *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BHABHA, Homi K. **O bazar global e o clube dos cavaleiros ingleses**. In: *O bazar global e o clube dos cavaleiros ingleses: textos seletos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011a.
- BHABHA, Homi K. **Pós-modernismo e pós-colonialismo**. In: *O bazar global e o clube dos cavaleiros ingleses: textos seletos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b.
- BOOTH, Wayne C. **Telling and showing**. In: *The Rhetoric of fiction*. 2 ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.
- CAMPBELL, Colin. **Como se explica a revolução do consumidor na Inglaterra do século XVIII**. In: *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Tradução: Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 2001a.
- CAMPBELL, Colin. **O enigma do consumismo moderno**. In: *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Tradução: Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 2001b.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Desenvolvimento com dúvidas, abertura sem rumo**. In: *Latino americano à procura de um lugar neste século*. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CENTRAL DE AJUDA. Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/112146705538576>>. Acesso em: 14 dezembro 2014.
- CERTEAU, Michel de. **Fazer com: Usos e táticas**. In: **A Invenção do Cotidiano**. 3 ed. Petrópolis:

Vozes, 1998.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Em que se pode reconhecer o estruturalismo?**. In: François Châtelet, éd., *Histoire de la philosophie*, t. VIII. *Les Lumières XXe siècle*, Paris, Hachette, "col. Pluriel", 1972.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Introdução: rizoma**. In: *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. vol. 1. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

EAGLETON, Terry. **A ascensão do inglês**. In: *Teoria literária: uma introdução*. Tradução: Waltensir Dutra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

EAGLETON, Terry. **O que é literatura?**. In: *Teoria literária: uma introdução*. Tradução: Waltensir Dutra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

ECO, Humberto. **Ironia intertextual e níveis de leitura**. In: *Sobre a literatura*. Tradução: Eliana Aguiar. ed. São Paulo: Record, 2003.

FACEBOOK. *Declaração de Direitos e Responsabilidades*. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/legal/terms>>. Acesso em: 15 dezembro 2014.

FOUCAULT, Michel. **Sobre a história da sexualidade**. In: *A microfísica do poder*. 20 ed. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FLUSSER, Villém. *Filosofia da Caixa Preta. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Hucitec, 1985

FLUSSER, Villém. *O universo das Imagens Técnicas. Elogio da superficialidade*. São Paulo: AnaBlume, 2008.

GENNARI, Maria Cristina. *Minidicionário saraiva de informática*. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

G1 SÃO PAULO. *Facebook completa 10 anos; veja a evolução da rede social*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-completa-10-anos-veja-evolucao-da-rede-social.html>>. Acesso em: 15 julho 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2011.

HALL, Stuart. **Reflexões sobre o modelo de codificação / decodificação: uma entrevista com Stuart Hall**. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução: Sayonara Amaral (org). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOISEL, Evelina. **O leitor astucioso**. In: Nascimento, Evando (org.). *Leitura e experiência: teoria, crítica, relato*. São Paulo: Annablume, 2008.

HUTCHEON, Linda. **A intertextualidade, a paródia e os discursos da história**. In: *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago editora, 1991a.

HUTCHEON, Linda. **Descentralizando o pós-moderno: o ex: cêntrico**. In: *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago editora, 1991b.

JAMESON, Fredric. **Elaborações secundárias**. In: *Pós-modernismo a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996a.

JAMESON, Fredric. **Introdução**. In: *Pós-modernismo a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996b.

JAMESON, Fredric. **Globalização e estratégia política**. In: *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Tradução: Maria Elisa Cevasco e Marcos César de Paula Soares. Petrópolis: Vozes, 2001a.

JAMESON, Fredric. **Transformações da imagem na pós-modernidade**. In: *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Tradução: Maria Elisa Cevasco e Marcos César de Paula Soares. Petrópolis: Vozes, 2001b.

LÉVY, Pierre. **Terceira parte: problemas**. In: *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed 34, 1999.

LINS, Daniel. **Leitura rizomática ou o olho do silêncio**. In: Nascimento, Evando (org.). *Leitura e experiência: teoria, crítica, relato*. São Paulo: Annablume, 2008.

NADEAU, Maurice. **Elaboração / A guerra**. In: *História do surrealismo*. Tradução: Geraldo G. de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PENSADOR. *Sua coleção de frases, poemas, mensagens e textos*. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br>. Acesso em: 14 dezembro 2014.

QUÉAU, Philippe. **O tempo virtual**. In: PARENTE, André (org). *Imagem – máquina: a era das tecnologias do virtual*. Tradução: Rogério Luz et al. Rio de Janeiro: Ed 34, 1993.

SANCHES, Tatiana Amendola (org). **Entrevista com Maria Elisa Cevasco**. In: *Estudos culturais: uma abordagem prática*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. **A crítica das mídias na entrada do século XXI**. In: PRADO, José Luiz Aidar (org.). *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

SANTOS, Milton. **Do imperialismo ao mundo de hoje**. In: *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 20 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SILVA, Carlos Morais. SILVA, Débora Cristina Santos e. **Poética intermídia: as interfaces do amor**. In: CAMARGO, Flávio Pereira (org.). *Percursos da narrativa brasileira contemporânea. Volume II*. Goiânia: Ed. da Puc Goiás, 2011.

THOMPSON, John B. **Capítulo III. O conceito de cultura**. In: THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

TÜRCKE, Christoph. **Paradigma da Sensação**. In: *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Tradução: Antônio A. S. Zuin ...[et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2010a.

TÜRCKE, Christoph. **Sensação absoluta**. In: *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Tradução: Antônio A. S. Zuin ...[et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2010b.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave. Um vocabulário de cultura e sociedade*. Tradução: Sandra Gardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

ZAPPONE, Mirian Hisae Y. WIELEWICKI, Vera Helena G. **Afinal o que é literatura?** In: BONNICI, T. ZOLIN, L. O. (org). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2003.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.